

A Freira do Subterrâneo
tradução
de Camilo Castelo Branco

ÍNDICE

- I – Uma carta anónima
- II – Uma casa murada
- III – O «In pace»
- IV – A virgem das tranças de ouro
- V – O poema eterno
- VI – Morta e viva
- VII – O recinto da penitência
- VIII – As núpcias celestiais
- IX – O aprisco do Senhor
- X – O afilhado do doutor
- XI – A relíquia de S. Marciano
- XII – A patrulha nocturna
- XIII – O tribunal das Carmelitas
- XIV – Torturas
- XV – Zolpki
- XVI – Expição do padre Zósimo
- XVII – Penúltimo capítulo

UMA CARTA ANÓNIMA

Ao entardecer daquele dia passou-se um drama íntimo em casa de Zolpki, juiz do crime. Arrastava-se aos pés do magistrado uma formosa menina de dezassete anos, lívida, sufocada pelas lágrimas, com umas palavras descosidas, que a um tempo denotavam grande desespero e turbação.

– Pai – exclamava ela –, meu pai. não faça a minha desgraça neste mundo e a minha condenação no outro! Eu estou tão nova e desejo tanto a vida! Deixe-me ser feliz, como meu pai há sido! Quem foi que escolheu a sua noiva, não foi meu pai? Minha mãe, amada obstinadamente, não explicou bastante a razão da sua ternura?... Meu pai amou, consinta que eu ame também; não proíba que eu tenha o meu quinhão de felicidade... Foi tão bom para comigo até hoje... Tratou-me com tanto mimo e quer num momento destruir as carícias de dezassete anos. Pense, meu pai! Olhe que vai fazer a desgraça de sua filha, condená-la à morte pior que a dos criminosos...

– Minha filha – respondeu o juiz –, rasgas-me o coração e fazes-me com as tuas lágrimas maior mal do que tu imaginas...

– Então enxugue-mas, meu pai.

– Não posso, pontue a minha posição de pai me obriga a fazer-te feliz, embora não queiras... Tu amas. crês amar um homem de vinte anos, sem posição, pobre, sonhador de quimeras, que te arrebatou a não sei que mundo perigoso e falso, embriagando-te com promessas tanto mais perturbadoras quanto elas se desfazem no vago. Filtrou-te ao coração isso que os homens chamam poesia, e que tu bebeste a longos haustos... Vladimir sabe que és rica, vê-te formosa, que admira que ele te queira?

– Quer-me, sim; mas não pede dote.

– Mas sabe que eu não deixarei minha filha ser pobre.

– E porque não, se eu antes quero com Vladimir a miséria do que a opulência com o conde de Sergy! Dou importância à riqueza como acessório, mas como base da felicidade não. Vladimir não é nobre?

– É.

– O pai sabe que ele trabalha incessantemente: e se a sua família, empobrecida pelas revoluções, nada lhe deixou, ele esforça-se por adquirir posição.

– Concedo.

– E bem sabe que há-de alcançá-la honrosa com a vontade e inteligência que tem.

– Talvez: mas em que tempo?

– Isso não importa: o essencial é que ele consiga um dia o lugar que merece. Lutaremos unidos e amparados um pelo outro. A nossa felicidade material, lentamente adquirida à custa de muitos trabalhos e privações. há-de ser-nos por isso mais grata... Eu sei que minha mãe era pobre quando meu pai casou: deixe-me escolher um marido também pobre...

– É diverso! Eu, apenas casei, enriqueci-a. Nego que haja felicidade sem dinheiro: sem dinheiro não há talento que brilhe: honras e celebridades pagam-se. Se Vladimir fosse rico, convinha-me; é pobre?... não me serve. Se agora te queixas da minha dureza. mais tarde a experiência te convencerá de que eu tinha razão.

– Não, meu pai, nunca! Fala-me da experiência... Quando tinha a minha idade, raciocinava assim? Os trabalhos da vida, quando são dois a suportá-los. não custam. Os meus próprios sofrimentos hão-de ser causa a que Vladimir me adore mais. Cuida que eu posso ser feliz se me separar dele? Hei-de amaldiçoar a opulência em que ele não tiver parte. Amo-o! e não tenho outra ideia, outro pensamento que não seja isto. Amo-o! É o instinto, é talvez uma loucura! Desgraça ou felicidade, tenho-a no íntimo da minha

alma. E amor que me arde no. sangue: irresistível... nem meu pai pode apagá-lo! Mate-me, que nem assim o extinguirá. Da sua parte está o poder que ameaça, da minha a fé que salva, a esperança inflexível, a ternura humildosa. Ajoelho a seus pés, primeiro porque é meu pai, depois porque é meu mestre e árbitro da minha felicidade... Se o pai soubesse quanto eu havia de amá-lo se consentisse... A minha vida seria curta para lhe agradecer, e a dele também, porque o venera e respeita, e o preza como pai de filha tão querida.

E o juiz, desenlaçando-se dos braços da filha que o prendiam. replicou:

– Vanda. até agora mostrei grande brandura e extrema paciência: esperei vencer com a razão as suas repugnâncias e desfazer esses desvios com a minha generosidade. Vejo que nada consegui. Se cuida que de dia em dia vai ganhando terreno, juro-lhe que não conseguirá abalar as minhas resoluções. O que uma vez disse está dito para sempre. Parece-me que deve conhecer bastante o meu carácter para compreender que a sua teima acabará por me cansar. Uma coisa lhe proíbo: não pense mais em ser esposa de Vladimir.

– O seu poder, meu pai, limita-se a dominar os meus actos.

– Outra coisa quero.

– Qual?

– Há-de casar com o conde Sergy Radzwil.

Vanda levantou-se de golpe. Operou-se nela tão rápida e completa transformação que seria impossível reconhecer a donzela suplicante. ainda há pouco. na mulher que se apurava severa frente a frente do pai.

Tenho dezassete anos – disse ela. – O pai recusa que eu me case com o homem cujos bens de fortuna são a força e amor que o seu valor pessoal lhe dá; não lhe nego esse direito. E rigoroso e cruel; mas prostro-me. reconhecendo-lho... A lei autoriza-o: é o que basta; mas virá um dia em que a lei seja por mim. A equidade tem alternativas... mas impor-me que case com o conde Radzwil, isso é que não pode... Chega a minha vez de lhe dizer que não quero! E ninguém, nem meu pai, que representa a justiça, pode fazer que entre no meu dedo o anel nupcial do homem que detesto.

– Porque é esse ódio, Vanda?

– Porquê? O conde Radzwil é meu inimigo logo que meu pai o defende contra mim... A riqueza dele dá realces à pobreza de Vladimir. Que importa que o pai me encareça a posição que ele ocupa na sociedade, querendo aviltar o outro, que não tem nenhuma? Isso é verdade; mas tem vinte anos! Quando os cabelos lhe encanecerem, também ele terá riquezas e títulos, honras e renome... mas tem vinte anos, cabelos negros, alma de poeta, coração de ouro e algibeira vazia! E o pai insulta esta mocidade; despreza a hombridade do pobre que ambicionava dois amores, a Polónia e eu! Esperarei para esposar Vladimir, mas, quanto a mulher de Radzwil, nunca! nunca! Não há caso algum que me faça aceitá-lo; contra as sugestões da ambição, o meu amor me defenderá... E isso que eu chamo fraqueza de obediência.

– Olhe que está insultando o poder paternal.

– E o pai abusando.

– Vanda!

– Deixe-me falar, meu pai! Há lances em que tudo se diz e confessa. Sou honesta e leal; se me revolto, seja-lhe isto prova da minha franqueza e lealdade! Não sei mentir, nem quero sabê-lo, pouco importa que meu pai me queira ensinar a fingir.

– Eu?

– Vou convencê-lo. Uma noite, num baile onde o pai me levava muitas vezes, vi Vladimir. Encontraram-se nossas vistas, e contemplamo-nos em silêncio, porque tudo estava dito nos olhares... Um lance de olhos, um relâmpago, uma flama divina, é o

mundo, é o céu, é tudo. Ele amava-me, e eu a ele. Ocultei-lho, meu pai? Não. O pai, esperando triunfar do sentimento que lhe pareceu pueril, sorriu-se; e, não obstante, o amor venceu a sua lógica de ferro... Levou-me ao turbilhão dos prazeres que poderiam exaltar uma cabeça mais fraca do que a minha; mas eu tinha um coração que defendia o cérebro. Requestrou-me o conde Radzwil com aprovação sua... Cuidava meu pai que o amor tinha a mesma significação proferido por todos os lábios; pensou que o pobre moço habitando um sótão não duraria muito na minha memória, logo que esse conde me oferecesse palácios, castelos e riquezas imensas... Bem sabe que se iludiu... O pai aconselha-me indignidades e arrasta-me a um abismo quando me induz a contrair uma aliança que me repugna e assombra. O conde é velho, hediondo e triste: há-de ser forçosamente cioso. Não posso amá-lo, nem o amaria nunca; e, contudo, quem quer atirar-me aos braços dele é meu pai: e não me pergunta se o pensamento do outro, tão belo e adorável, não me seguirá ao palácio desse velho... Eu lhe juro que seguiria! Quando o conde me dissesse: «Amo-te!», eu fecharia os olhos para imaginar que era a voz de Vladimir que mo dizia... Eu amaria o querido da minha mocidade na proporção da repugnância que tivesse pelo marido imposto violentamente como um flagelo. E um dia, se o acaso, a fatalidade, a vontade, que sei eu!, me colocasse em frente de Vladimir, eu me engolfaria na paixão como num abismo. Havia de amá-lo à medida das torturas que por amor dele houvesse sofrido. Vingá-lo-me-ia da velhice do esposo no calor juvenil do amante! Se não pude desfolhar-lhe no seio a coroa de esposa, dar-lhe-ia todas as virgindades da minha alma, florescidas a um raio dos seus olhos... Os casamentos semelhantes a este que o pai me aconselha são o primeiro passo para o adultério; mas eu não sou daquelas que o premeditam: a mentira horroriza-me. Se eu casar com outro homem, hei-de fatalmente traí-lo. O coração é vingativo. O coração detesta, o juízo, rompe os obstáculos; o jugo fomenta desejos de quebrar a fronte, mas não de a curvar. Compete-me a mim dizer-lhe isto. Nem pensá-lo devia! São palavras que me queimam os lábios como lufadas ardentes de tempestade. Quero ficar o que sou: não me aconselhe o precipício, casando-me com Radzwil. Não pense em tal. Os beijos dele far-me-iam morrer de vergonha e tédio! O ódio ao marido impede para o amante... Não queira que a sua filha se degrade.

– A sua educação será bastante a defendê-la.

– Não é. Fraco estorvo é a modéstia contra a violência do amor! Que monta que a boca se cale quando falam os olhos? Que importa que os olhos se baixem, se o coração palpita? Juro-lhe que serei indigna esposa se o conde for meu marido.

O juiz passeava agitadamente na sala. Empalidecia-lhe a face, fulminavam-lhe ameaças os olhos; não falava: mas a violência dos trejeitos dizia mais que longos discursos.

Vanda compreendia que a sua sorte ia ser decidida imutavelmente. E com os braços cruzados, encostada à parede, imóvel como estátua, esperava resignada a condenação.

Finalmente, o pai arremeteu para ela e bradou vibrante de cólera:

– Tudo o que aí disse é uma loucura.

– Pois seja: estou louca.

– Os mentecaptos encarceram-se.

– Pois encarcere-me.

– Recusa casar com o conde?

– Recuso.

– Obstina-se na sua paixão por Vladimir?

– Sou inalterável.

– Disse aí há pouco que nem juiz nem verdugo de tortura podem arrancar um

sentimento da alma. Confessou que seria adúltera se casasse com homem que não seja o da sua paixão.

– Serei adúltera.

– Nesse caso será adúltera para com Deus, porque amanhã de madrugada entra num convento.

– Falta-me a vocação religiosa, meu pai.

– Bem sei.

– E um cárcere disfarçado a que me condena.

– Voluntário quanto à sua duração.

– De que depende?

– Do seu consentimento em casar com o conde

– Tenho a optar entre a desgraça e a infâmia!

– Entre a obediência e a rebelião.

– Meu pai sabe – replicou Vanda após uma curta pausa – o que são as casas-matas na Rússia; conhece os padecimentos das galés na Sibéria; leu nos livros históricos e nas memórias dos carrascos as descrições dos suplícios de outro tempo; sondou os mistérios da inquisição: e como legista e viajante sabe o que é o *capacete do silêncio* e o *beijo da virgem*. e outros sofrimentos de crueldade...

– Sei.

– Sabe o que é um convento?

E ela disse isto com um tremor de voz que retranziu o juiz. Todavia, como ele se não queria deixar vencer na luta, respondeu:

– Um convento é uma casa cercada de muro tão alto que os amantes não vingam transpô-lo; tão espesso que as suas lamúrias e estribilhos de guitarras não o penetram. O convento é a mansão de paz e sossego. Há aí um silêncio que refrigera as almas abrasadas; a presença das virgens do Senhor faz corar de pejo as donzelas amoriscadas; o cantor dos salmos, a vida frugal, a insulação desses oásis perdidos no deserto humano para que em alguma parte se conserve a celestial pureza, o fervor divino, enfim, exercem poderes que lentamente acalmam, inefavelmente consolativos. Lá, os corações irritados dulcificam-se; as frentes incendidas esfriam; as mãos nervosas juntam-se suplicantes, e os lábios, que vociferavam palavras rebeldes, balbuciam confissões humildes... Quem lá entra de frente soberba, e alma tempestuosa de paixões, sai enfim resignada ao viver qual ele é neste mundo, despreendida de quimeras, digna da vista de Deus e da ternura de um pai.

E Vanda redarguiu placidamente:

– A sua definição não me convence, pai... Cedo à força, e vou para o convento. Prefiro uma cela álgida, penitência, mortificação, tudo a um palácio esplêndido, ao marido execrado! Mas meu pai vê os conventos através de ilusão estranha... E certo que reina lá o silêncio: mas quem sabe de que lágrimas ele se faz... O muro é espesso e ninguém o devassa... Quem lhe disse a profundidade das celas e dos cárceres...? Ah! eu creio que há aí o sepulcro em vida!

O juiz Zolpki baixou a fronte, absorto em penoso sentir. Estremeceu. correu a mão pela testa e disse com um rumor quase ininteligível de voz:

– Aí sossega-se, eu to afirmo. Vanda... Meninas formosas e amantes como tu lá viveram...

– E nunca desejaram de lá sair, meu pai?

A tal pergunta, acentuada morosamente, o juiz não respondeu. Vibrou aos olhos da filha um olhar perscrutador, como quem sonda o alcance das palavras. Mas o gesto de Vanda denunciou apenas dor enorme e o que quer que fosse heróico.

Recusando esposar o conde Radzwil, Vanda conformava-se ao existir das torturas

lentas, imolava-se ao amor sincero, palpitante, ao amor que a si somente se contempla, e a si somente se está sempre devorando. Era paixão que a ensoberbecia e amparava. Tão tímida no mais, era espantosa de ver-se arrostar com a força da ternura as iras do pai e sobrepôr à sua paixão as mesquinhas considerações do juiz.

E esperava.

Mas o magistrado, em cuja alma, Vanda, sem o cogitar, embotascara um escarcéu de lembranças pungentes, nem parecia pensar nela.

Vanda tornou com amargura:

– Meu pai teve em sua vida terríveis missões a cumprir; muitos réus compareceram em sua presença para darem conta de assassínios, roubos e infâmias. Creio que nunca infligiu castigo aos inocentes. Aqui estou eu para que me julgue. Não tenho quem me defenda... Minha mãe é morta... morreu, pedindo-lhe que me fizesse feliz. Condene-me, sentencie-me à tortura lenta do mosteiro. Estou tranquila, resignada, pronta!

– Estará lá até ao dia em que resolver casar com o conde.

– Nunca de lá sairei... ir-me-ei definhando debaixo do véu... Em silêncio me irei matando... as macerações me irão dilacerando lentamente o corpo... Bem! Quando vou?

– Amanhã cedo.

– Não quer que eu vá já?

– Aproveite a noite para reflectir.

– As. minhas noites quero-as lá todas.

– Que convento escolhe, Vanda?

– O mais austero.

– Com que então...

– O mais austero deve ser o mais santo e perfeito. Ouço falar muito das Carmelitas Descalças. Vou para lá, se consente.

– Não! – exclamou Zolpki. – Para aí, não. Aí não se pensa: sofre-se.

– Se o pai me quisesse feliz, não me enviava a claustro nenhum, que basta a palavra para me atormentar... Consinto em viver nesta casa sozinha, segregada de tudo, fechada, sem ver ninguém, sem receber ninguém... Acha que seria conceder-me muito? Pois como queira. Mas, ao menos, se me proíbe viver, não me tire a possibilidade de morrer.

O juiz não pôde encarar a filha quando respondeu secamente:

– Pode entrar hoje mesmo no Canelo.

A menina saudou profundamente o pai e saiu.

Quando ela transpunha o limiar da porta. o escudeiro do pai entrava no gabinete com uma bandeja de prata. Nesta bandeja trazia uma carta lacrada de preto. O sinete era sinistro: um crescente sobre fundo de prata e uma cabeça de morto sobranceira ao crescente.

O juiz reparou na carta, mandou sair o criado e hesitou antes de quebrar o lacre. Todos temos experimentado momentos de turbacão perplexa durante os quais nos parece que em nossa vida arfa um vulcão de imprevistas desgraças. Como que perscrutamos ali o destino, vemo-lo, palpamo-lo. Se pudéssemos. cerraríamos os olhos à orelha do golfão; mas não há vencer o abismo; é forçoso que nos despenhemos.

Zolpki rasgou o sobrescrito e procurou a assinatura de quem escrevera a carta.

Não a tinha.

«Carta anónima!», disse ele com desprezo.

Ia rasgá-la e queimá-la; mas susteve-se. e reflectiu:

«Um particular não deixaria de a ler; e o juiz tem talvez necessidade de saber o que está aqui.

Leu algumas linhas, pôs a carta na mesa e ficou oprimido por violenta dor, a ponto de turbar-se-lhe a vista, tremerem-lhe as mãos e porejar-lhe o suor à fronte.

«Oh!», exclamou ele, «não e, não pode ser isto... Zombam da minha credulidade como juiz e torturam-me o coração como homem... Como!, após vinte anos de silêncio, vinte anos!, não de esquecimento, mas de paz, há quem atire este nome contra o meu coração... A mim, pai de famílias, há aí quem recorde a memória da grande paixão da minha mocidade... Porquê? Com que fim? Que significação tem isto?... Será Vladimir que emprega tal expediente para impedir que eu recolha minha filha ao convento? Que miserável fraude! Talvez que Vanda o prevenisse... e lhe dissesse... mas ela nada sabe! Quem ousaria contar-lhe a primeira inclinação de seu Pai? Minha própria mulher nunca o desconfiou... Tenho pois algum feroz inimigo que bate em meu velho coração a ver se lhe tira sangue e lágrimas? Pois bem!, seja assim! Eis-me sofrendo! Não há remexer impunemente em tais cinzas sem que os dedos se queimem nas mal extintas brasas... Tem este nome para mim as vibrações de uma harmonia, o arquejar de um soluço... Amei-a! E ela amou-me!... Por não ser infiel ao seu amor antes quis a lenta morte e não a vida que outras mulheres invejariam. Ó amiga tantos anos adorada, e tão longo tempo chorada, eu nunca pude esquecer-te!... Quem poderia escrever esta carta? Quem conhece ou recorda a antiga história dos nossos amores infantis? Apenas duas testemunhas, dois amigos que podem cada dia falar da minha primeira noiva... Quem escreveu isto conhece o presente, mas o passado não. Não invoca reminiscências amorosas: dirige-se à minha justiça de magistrado! Não me diz: «Recorda-te.» Exclama: «Vinga! Salva uma desditosa, cuja miséria todos ignoram, excepto eu Se todavia o que esta carta diz fosse verdade... Quem sabe? Eu atribuía à malquerença as sombrias notícias que me davam a tal respeito... Não podia crer... figurava-se-me que tais infâmias se perdiam na escuridão da Idade Média... Mas se o século caminha, os mosteiros são imóveis... Há entes que não marcham nunca... São mortos... E que aconteça isto em Cracóvia, no século dezanove, em plena civilização, é impossível!»

O magistrado retomou a carta e seguiu a leitura interrompida. Ao passo que ia lendo, luz terrível lhe escaldava os olhos, e, quando terminou, rompeu nestes brados desvairados:

«Isto é assim! Existe o crime! Dura a atrocidade há vinte anos! Há vinte anos que tão perto de mim agoniza a mulher que amei, e ninguém me revelou o seu martírio, quando eu a julgava no repouso do Céu, quando os seus gritos desesperados em vão me chamavam a socorrê-la!... Hei-de salvá-la! Eu decifrarei este espantoso enigma, o juiz vingará a mártir, e aí daquelas que torturaram a mulher que amei!»

Zolpki atirou-se a um sofá e aí ficou com a face apertada nas mãos.

O rodar de uma carruagem que se afastava revocou-o subitamente à realidade.

Chamando um criado, ordenou-lhe com a voz vibrante de viva angústia:

– Diz a minha filha que venha aqui já.

– Meu amo não ignora que a menina partiu.

– Partiu? Já?

– E a menina mandou ao cocheiro que a conduzisse ao convento das Carmelitas

Descalças.

– Corre atrás da sege... Ou vai antes buscar uma, que irei eu mesmo.

– A senhora já vai muito longe; meu amo não iria a tempo e acharia fechadas as portas, que não se abrem a ninguém.

– E certo – balbuciou o juiz.

– Daqui a algumas horas pode V. Ex^a procurar a menina.

Zolpki apertou a fronte convulsamente, exclamando:

– Esperar! E impossível esperar!

– V. Ex^a tem ordens que me dar? – perguntou o criado.

– Não, retira-te.

O magistrado a sós parecia presa de imensa dor. Passeava, retinha-se, vociferava rugidos inarticulados, chamava a filha, e proferia o nome de outra mulher.

«Eis aqui onde eu mandei minha filha», murmurava ele. «O que eu ia fazer de Vanda. daquela adorável criança, tão somente criminosa por amar um homem pobre... Se a outra, a nobre mártir, me não preferisse a tudo, estaria ela naquele antecipado túmulo?... Ah!. como as horas se arrastam lentas! Quando será dia? Receio que estas palpitações de coração me matem antes de ter feito justiça! Quanta razão não tinha contra mim a pobre menina, espantada de que eu a encerrasse num claustro!... Esta denúncia fatal e abençoada salvará duas vítimas ao mesmo tempo.»

Zolpki retomou a carta e leu-a em alta voz.

Continha isto:

Senhor.

Venho revelar, denunciar a um dos mais íntegros magistrados de Cracóvia, um facto de sequestração odiosa que dura há vinte anos. Uma religiosa carmelita, Bárbara Ubryk. entrada no convento em 1841, está, desde 1848, fechada não em um cubículo, nem sequer num cárcere, mas num antro infecto onde não entra ar nem luz. Que crime tem Bárbara Ubryk? Ninguém sabe; só eu talvez conheço o monstruoso facto, e em nome da justiça e da humanidade lhe rogo que socorra uma desgraçada que já não espera auxílio dos homens, e que talvez já perdesse também a confiança em Deus.

Ao terminar a carta. Zolpki ajoelhou, colando os lábios sobre o nome de Bárbara.

E clamava:

«Foi por mim que ela tanto há padecido e se perdeu! Se necessário for alarmar toda a cidade, e derribar pedra a pedra esse convento infame, e atirar à face da soberania espiritual do papa o crime perpetrado em nome da religião da paz, hei-de vencer... Entrarei em nome da lei nos claustros e arrancarei das prisões misteriosas as vítimas que lá gemem! O nome de Bárbara soará na Europa como invocação a um castigo justo. E dirá a todas e a todos que a lei tem direito de fiscalizar essas mansões aferrolhadas pelo arbítrio! E o martírio de uma só talvez que salve milhares de vítimas.»

E o tempo arrastava-se com desesperador vagar. Repontou enfim o dia. Zolpki, antecipando-se à hora das visitas e das ocupações, devorado de angustiosos sobressaltos, saiu e correu a casa do comissário Pamza.

II

UMA CASA MURADA

Estava no escritório o comissário. Dotado de índole enérgica, recta, forte e perseverante, o chefe da polícia prestava à sociedade não só os serviços próprios de seu emprego e atribuições, senão que exercia o seu mister cativando de mil maneiras. Um comissário de polícia é mais e menos que um magistrado criminal. O juiz sentencia sobre factos, o comissário elucida-os, desembaraça-os, aproveita aparências insignificantes, deduzindo delas ótimas ilações. Cumpre-lhe possuir em grau supremo a faculdade de avaliar os homens: sendo que o magistrado acha quase feita a prova, preparada pelo comissário.

Um luta somente contra os argumentos, o outro sacrifica-se pessoalmente muitas vezes. Pamza possuía as qualidades necessárias ao seu emprego; mas de mais disto era dotado de rectidão natural e instinto generoso e delicado. Mais de uma família de Cracóvia lhe devia a honra dos filhos. É que ele exercia a autoridade do seu officio cortando abusos que não denunciava. As vezes, com uma palavra retinha um mancebo já pendido ao abismo. As raparigas impedidas à voragem por um lapso, e ameaçadas de caírem seduzidas nos braços da devassidão, achavam nele recursos em prémio do seu trabalho, e com o arrependimento restauravam a dignidade perdida. Porém, se os crimes eram friamente cometidos, a indulgência tornava-se excessiva severidade. Aos olhos dele, a paixão desculpava muito. Mas o crime feito por amor ao mal. a vingança premeditada, a peçonha lentamente instilada, o rancor surdo desfechando no homicídio, eram crimes que não perdoava. Amavam-no e temiam-no. Ser justiceiro era para ele paixão, em vez de officio: todavia, usava e não abusava da justiça.

Desde muito o conhecia o juiz Zolpki: e quando a carta anónima. delatando o encarceramento de Bárbara, enfim o convenceu, toda a sua esperança se fixou no comissário.

Ao entrar no gabinete dele, tremia tanto e tão pálido ia que Pamza lhe chegou cadeira, perguntando-lhe com a voz comovida:

– Que é o que o perturba?

Zolpki mostrou-lhe a carta.

Pamza leu de espaço, sem a menor visagem. Depois disse a Zolpki:

– Esta Bárbara Ubryk não é uma que V. Ex^a amou apaixonadamente?

– É.

– Se me não falha a memória, esta menina foi mandada ao convento pela família, que o não considerou rico bastante para ser marido dela.

– É verdade.

– Em 1841 soaram em Cracóvia estranhos rumores a respeito desta mesma senhora: disse-se que V. Ex^a viera a esta cidade e diligenciava arrancar a menina do convento.

– Assim foi.

– Uma patrulha impediu a execução do projecto... mas não houve procedimento. A tentativa de rapto ficou abafada em mistério, tão importante ao interesse de Bárbara como ao interesse do Sr. Zolpki e da sua família .. Depois...

– Casei-me, e o senhor sabe qual a minha vida tem sido.

– Não suspeita que alguém lhe desse este aviso?

– Não.

– Examinemos – replicou o comissário. – A carta está escrita em óptimo papel,

compacto, um verdadeiro papel inglês... Logo, quem quer que lhe escreveu é abastado... O carácter da letra é redondo, largo e grande... e a margem enorme... O autor da carta denota generosidade e excelente natureza. Frase breve e lacónica... O autor desculpa-se de empregar tal meio para lhe transmitir a verdade... logo, receia prejudicar alguém... O segredo não é só dele... Movido por amor à justiça, denuncia factos que sabe: mas, sem dúvida, se nos dissesse o nome, levar-nos-ia no encalço de culpado, que ele não quer denunciar... É talvez parente ou amigo... Alguma vez acharemos o autor desta carta; e neste rasto vingaremos descobrir o nome de quem quer que seja que ele não quis expor, revelando-se completamente... Seja como for, esta revelação merece crédito.

– Eu logo antevi que a desgraçada seria salva, se me valesse do Sr. Comissário! – exclamou Zolpki.

– Devagar – replicou tristemente Pamza –, estamos na vereda... entrevemos o crime, sabemos onde se pratica, conhecemos os algozes e a vítima, e, contudo, quem nos diz que poderemos livrar uma e castigar os outros?

– A justiça.

– A justiça humana, que prepondera em tudo e em todos, salvante as unguidas do Senhor, enclausuradas nos seus muros e ligadas por votos... Vai instaurar-se pleito entre nós e as Carmelitas. A lei estaca no limiar da portaria: que o antigo direito de couto subsiste nos mosteiros. Não está em minhas atribuições levar aguazis e tropa, intimar a prelada a abrir as portas, ou, em último apuro, arrombá-las... O meu mandato é ineficaz contra as ordens monásticas. Disponho de força contra toda a gente; mas lei e força não têm que ver contra pessoas eclesiásticas. Vivem vida à parte do comum; têm legislação própria, castigos e suplícios particularíssimos, bem vê V. Ex^a.

– Mas isso é infame! – bradou o juiz.

– Diga-o aos signatários da concordata.

– Então... nada pode fazer-se?, nada?

– Resta-nos uma esperança.

– Qual?

– Recorrer ao bispo.

– O bispo não punirá freiras.

– Porque não, se é justo?

– Receará desacreditar a religião.

– Receará uma inépcia – disse gravemente o comissário. – A religião e irresponsável de tais abusos e crueldades. A religião, apesar disso, não deixará de ser o código da mais pura moral. Entendem-na mal, forçam-lhe o sentido, desfiguram-na. Dizem que a purificam e tornam-na indigna do Mestre que a implantou na Terra, dulcíssima de caridade e inofensiva. O bispo tem pleno poder sobre os mosteiros da sua diocese: basta que ele ordene e as portas ser-nos-ão franqueadas.

– Vamos então lá já.

– Vamos. Eu por mim sou a lei brutal que baixa a mão sobre o ombro do criminoso; V. Ex^a é a justiça que interroga, discute e sentencia. Talvez que Bárbara esteja nas vascas da morte. Levemos connosco o Dr. Blumenstock... Vamos de carro a casa dele e depois ao paç. episcopal.

– O senhor não sabe tudo ainda – disse o juiz, suspirando. – Ontem à noite, em momentos de irritação contra minha filha, dei-lhe a escolher entre casar com o conde Radzwil ou entrar nas Carmelitas.

– E ela escolheu...

– O convento, para onde foi logo.

– Amanhã, permita V. Ex^a a sua filha plena liberdade. Não lhe basta na vida uma desgraça?

Pouco depois, juiz, comissário e doutor compareciam no paço do bispo, com agentes que os seguiam distantes. O fâmulos de Mons. Galeeski objectou debalde que era aquela a hora de Sua Excelência estar meditando. O comissário insistiu em falar-lhe imediatamente, e acrescentou:

- Monsenhor, depois de orar, que faz?
- Diz missa.
- Não podemos esperar.
- Se é caso reservado... – balbuciou o fâmulos, saindo às recuadas.

O bispo veio logo.

E o juiz disse o seguinte:

– Monsenhor, a nossa autoridade sucumbe hoje diante de uma porta que precisamos abrir... Fui avisado de que uma freira é detida há vinte anos no tronco do convento das Carmelitas. Queremos salvar a desgraçada presa, interrogar e castigar aquelas que exercem o mister de verdugas.

– É impossível o que me diz! – clamou o bispo. – As religiosas do Carmo vivem edificadamente austeras. O seu capelão não cessa de nos elogiar a pontualidade, modéstia e zelo com que vivem.

– Quem sabe se o capelão não é cúmplice delas? – observou o chefe de polícia.

– Permita Deus que se enganem, senhores; mas eu toda a vida me reprenderia se atravancasse a acção da justiça e estorvasse o cumprimento de um acto de reparação. Entrem, pois, quando quiserem no convento das Carmelitas, e para isso lhes vou dar plena autorização. Não posso agora acompanhá-los, porque está cheia a capela episcopal de fiéis que me esperam: são horas de celebrar o santo sacrifício da missa. Mas, antes que hajam concluído a sua visita, irei encontrá-los, ou para, como espero, lhes ouvir reabilitar as religiosas, ou para me coadjuvarem no castigo, se elas o merecerem. Não sou desses prelados que crêem na impecabilidade de todos os membros do seu rebanho. Temos ministros prevaricadores, padres indignos e servos do Senhor que mancham a castidade do hábito. Há um clero de hoje, como no tempo do Messias, lobos vestidos com a pele de cordeiros, e vemos sepulcros branqueados por fora pelo menos tanto como entre os fariseus. Creio até que darei bom exemplo aos meus colegas no episcopado se conseguir desarraigar abusos consideráveis e horrendíssimas crueldades.

Mons. Galeeski escreveu rapidamente uma ordem a favor dos magistrados investidos em comissão judicial para que todas as portas do mosteiro das Carmelitas se lhes franqueassem por maneira que eles o examinassem como quisessem. Feito isto, selou a ordem com as suas armas e entregou-a ao comissário da polícia.

Os guardas esperavam na antecâmara. Comissário, juiz e médico entraram numa sege e chamaram dois dos mais recomendáveis cidadãos para que os acompanhassem. Depois um guarda entrou na oficina dum serralheiro, disse-lhe que se apetrechasse com os melhores utensílios do seu ofício e o seguisse.

Um quarto de hora passado, Zolpki e companheiros entravam no arrabalde de Vesola, onde está o mosteiro de Carmelitas Descalças de Santa Teresa, aí fundado em 1725.

Zolpki fugira sempre de atravessar esse arrabalde e defrontar-se com tal convento. Havia muitos anos que ele não vira aquela sombria porta. Ao vê-la, agora, lembrou-lhe uma cena nocturna, cujas reminiscências muitas vezes lhe deram na alma rebates dolorosos. Quando viu os alterosos muros do carrancudo mosteiro, ao juiz afigurou-se Bárbara Ubryk tal qual a vira na última vez que se encontraram, ele arquejante de esperança, ela tremente de pavor... Um instante a tivera nos braços, então crendo que ela era sua por toda a vida... Mas, de súbito, as grossas portadas fecharam-se com estrondo,

e ela ficou... e ficou para sempre. Agora... ia vê-la... ver-lhe a sombra... Vinte anos volvidos por aquela face formosa deviam tê-la desfigurado! Vinte anos deviam ter-lhe encanecido as tranças de ouro, tão admiradas outrora! Vinte anos mais. e vividos assim!

Isto passava no íntimo de Zolpki enquanto se esperava que a porta fosse aberta.

Finalmente, mão invisível abriu um postigo, e, através do crivo de ferro aberto em cruz na portada, transluziu a figura de uma irmã conversa. Era pálido e comprido o rosto dela: olhos orlados e recôncavos: boca franzida nos cantos dos beiços. Falava baixo por hábito e preceito,

– Que querem os senhores? – perguntou ela.

– Queremos falar à prelada.

– A reverenda priora está a orar na sua cela.

– Que saia a receber-nos.

– Os senhores decerto ignoram – voltou a soror – que nenhum homem transpõe o limiar desta casa.

E o médico, saindo à frente, disse:

– Sou o Dr. Blumenstock, e nesta casa está uma religiosa doente.

– Nenhuma das minhas irmãs está enferma.

– Nem Bárbara Ubíyk?

– Não há aqui freira com tal nome.

– Há vinte e oito anos que aqui entrou – disse Zolpki.

– Queira desculpar-me – negou a porteira –, eu sou uma pobre criatura que nada sabe... Nossa reverenda madre é que conhece o nome profano das freiras... eu sei apenas o nome religioso que os senhores nomeiam - Bárbara Ubryk.

– Tanto monta! – replicou o comissário. – Queremos entrar e entraremos. Vá prevenir a priora.

– É inútil – redarguiu a soror, lenta e docemente –: homens, não entram aqui, tirante Sua Majestade o Imperador e o nosso santo bispo.

– Ou os enviados pelo bispo – disse o doutor.

– Isso então sim – concordou a porteira.

Zolpki sentia arder em si violenta cólera, e aldravou de novo com o pesado martelo na porta.

– Abra! – exclamou ele. – Abra em nome da lei!

– Nós só conhecemos como lei a nossa santa regra.

– Em nome do bispo. seu superior, que me enviou aqui!

– Traz ordem? – perguntou a soror.

Zolpki tirou-a da algibeira e deu-lha. A velha porteira examinou-a e, reconhecendo o selo episcopal, disse:

– Esperem, que eu vou avisar a priora.

O rumor das sandálias da soror ouvia-se ao longo do lajedo até gradualmente se perder.

Ao cabo de dez minutos, a porta rugiu nos gonzos e a porteira, à frente da alçada judiciária, fez sinal aos membros dela que a seguissem a um locutório.

– A prelada vem aqui – disse ela.

O locutório era vasto, desmobilado, apenas decorado de bancos ao longo das paredes e de um relicário enorme envidraçado, contendo um cadáver sem cabeça de monge mumificado. Lúgubres textos. à laia de frisos, corriam ao longo do rebordo do tecto. Um Cristo de tamanho natural, esculpido com severidade quase feroz, levantava os braços hirtos e ensanguentados e pendia a cabeça, pintalgada de sangue roxo, sobre a espádua ulcerada. Era verdadeiramente um supliciado; mas, em verdade, aquela imagem não representava um Deus! A boca estorcida pela angústia parecia cuspir maldições: o

olhar convulsivo pedia a fulminação dos verdugos, os pés esforçavam-se em escabujar de agonias para se arrancarem aos cravos que os esfacelavam. Esta imagem da morte horrída, medonha, sem consolação, com a esponja de fel, coroa de espinhos, beijo púrfido. e multidão enfuriada, era realmente hedionda de ver-se! Seria aquele o Cristo que chamava para si as criancinhas, e reabilitava mulheres perdidas, e saneava enfermos, e dava a visão do Céu aos cegos, e desalojava dos corpos a sordícia dos demónios? Não. O Jesus dos Evangelhos foi julgado indulgente e dulcíssimo pelos sucessores dos seus discípulos... Vieram outros que converteram dogmas de ternura em religião de pavores. Ao serviço de suas ambições secretas, dos seus ódios entranhados, ou por necessidade de infligirem aos outros os sofrimentos que passaram, puseram o Redentor, arvorando-o em mestre severo, trocando-lhe a missão de Messias pela de juiz, e a de Jesus pela de inquisidor.

Mas aquela imagem condizia com a casa.

A porteira quedou-se à entrada da saleta. Lia-se-lhe na frente a rebelião sufocada. Não entendia o que tais homens ali vinham fazer. Com que direito invadiam um convento? Esses Heliodoros, profanadores do pavimento santo, que pretendiam? O que seria do claustro sacratíssimo se aos magistrados – coisa inaudita! – bastara bater nas portas dos mosteiros para lhes serem abertas!

A porteira era uma pobre mulher completamente abrutecida pela obediência absoluta. Sabia somente desta vida que as ordens da priora eram leis e que a sua santa regra subvertia todas as instituições. Desprezava homens e mulheres que não pertencessem a Deus. O hábito era para ela um trajar de bem-aventurada, como quem, no dia final, esperava vê-lo transformado em túnica de resplendores perpétuos. Não havia aí discutir com tal pessoa: era mulher morta dentro de si própria, máquina movida por mão alheia. Faculdades de pensar não tinha nenhuma. Não é admissível crer que nos mosteiros se consinta a cada freira licença de reflectir, meditar, exercitar os dons do entendimento. Esta privação é prerrogativa das religiosas estremecidas, das dilectas que Deus chama às altas paragens da perfeição. das ovelhas predestinadas que devem pascer-se nos ubérrimos almargeais onde serpenteiam regatos de leite e mel. A própria iniciação à oração mental, ao culto do espírito, ao arroubo da alma, se faz gradualmente, como se usava nos mistérios antigos, cujos véus se levantavam pouco e pouco para enfim deixarem entrever, na sua radiosa nudez; a deusa ou deus a quem se devotava o idólatra.

As freiras, semelhantes à porteira, recitavam jaculatórias de cor. Desta sorte, cingia-lhes o ânimo um circulo restrito, de onde se não extraviava a mínima ideia. Bastava vê-las para logo se perceber que a vontade lhes era subjugada por outra, que lha comprimia e apagava. Tais mulheres, como as fêmeas dos faquires indiáticos, sofreriam a tortura, sem proferirem grito que não fosse o *Ave* de cada dia.

A toada de um andar compassado se ouviu no locutório. A porteira recuou, prostrou-se e murmurou:

– A nossa reverenda madre.

Maria Venzyk apareceu.

Não era decerto mulher vulgar. Fronte inteligente e imperiosa; olhos não desluzidos por macerações, coriscando como carvões sob as arcadas ciliares. Boca retraída e austera, desdenhosa no franzir dos lábios e voluptuosa na carnadura deles. Esta mulher devia ser de extremos em tudo. Se amou, o seu amor devia ter sido ardente e sedento de selvagens volúpias. Se odiou, o seu rancor devia ser glacialmente duradouro. Fulgia-lhe no olhar a lâmina de um punhal e na boca espumava-lhe o sensualismo de uma Lais. Os cílios descidos conseguiriam esconder-lhe as fulgurações dos olhos; mas o que ela não podia era dissimular a lubricidade dos lábios.

Ao entrar na saleta, frechou uma vista indagadora sobre os que aí viu. Cumpria-lhe medir a força do inimigo. Após rápido exame, abaixou o véu, ficando a espiar ainda, sem que lhe vissem os olhos; depois, cruzando ambas as mãos nas amplas mangas, disse laconicamente:

– Trazem os senhores ordem do bispo para visitar esta casa: podem dizer-me o que querem?

– Duas coisas, senhora – disse Zolpki. – Primeira, levar daqui minha filha.

– Eu pensei que ela entrara com o seu consentimento. Descanse: ser-lhe-á entregue; e, não sendo ela ainda noviça nem protestante, pode sair já... Magoa-me que V. Ex^a recorra à autoridade para objecto tão simples!

E a prelada fez sinal de retirar-se.

– Eu disse, senhora, que queria outra coisa. Exclamo em nome da justiça que faça chamar a nossa presença Bárbara Ubryk, que professou nesta casa em 1840.

– Bárbara Ubryk rendeu o espírito a Deus há quinze anos.

– Quem mo prova?

– Eu. que o afirmo. Temos um cemitério onde são enterradas nossas irmãs, sem advertir a autoridade nem recorrer a gente de fora.

– E só me dá a sua afirmação como prova de que Bárbara é morta?

– Creio que lhe basta, senhor.

– Não basta. A senhora afirma, eu nego. A senhora oculta, eu procurarei.

– Tenciona entrar no interior desta casa?

– Demoli-la, se for preciso.

– E o bispo?

– O bispo aprova, e não tardará a vir auxiliar-me.

A prelada ficou confusa por instantes: mas, reanimando-se, dirigiu-se à porteira:

– As chaves, minha irmã: e conduza esses senhores aonde eles quiserem ir.

Querem que eu os acompanhe?

– Decerto – respondeu Pamza.

– Como queira – disse ela.

E serena, rígida, caminhou à frente do comissário, do juiz e do médico. E, como visse uma noviça, chamou-a.

– Minha filha, as religiosas que se juntem no coro: eu farei tanger o sino quando houverem de sair.

Começou a visita.

Os cenóbios vazios de suas moradoras não ofereciam nada que ver. Uma tábua engonçada na parede, coberta pela enxerga, era o leito das carmelitas. Sobre uma banqueta via-se um livro, a caveira e o crucifixo. Um escano de pau e lavatório de barro completavam a mobília. Nada que convidasse ao repousar, ao cismar e à indolência. O frio das celas retranzia o coração; sentiam-se calafrios ao entrar ali. Eram todas uma. Todo o rebanho se movia tangido pela mesma vara.

Abriam as celas para um vasto corredor. Em cada porta via-se a imagem do santo ou santa cujo nome apadrinhava as freiras. O nome com que saíram de suas famílias esquecera. fora absorvido no outro. Com renunciarem ao século, haviam também abjurado nome de mãe, de pai e de irmãos: era mister que tudo se renovasse, que tudo morresse, para renascer sob outro aspecto.

Nenhuma dessas portas tinha chave, para que a toda a hora a prelada e mestra de noviças inspecionassem o dormir de suas filhas em Jesus Cristo.

O refeitório, situado na extrema desse corredor. não oferecia feição notável. Uma ingente banca de madeira ocupava o centro e bancos aderentes à mesa corriam circularmente. O eido de cada freira era assinalado por um garfo de ferro, uma escudela

de pau e bilha de barro. A caveira sobre uma peanha e um púlpito, destinado à noviça que lia, completavam as alaias do refeitório.

O salão da comunidade era grande e glacial. Ao longo da parede enfileiravam-se cadeiras e ao centro bancas cobertas de cestinhos com lavores de costura, indicando que esta sala era ao mesmo tempo oficina de costura e bastidor. Passado um largo corredor, visitaram a lavandaria e rouparia. Ao passarem por diante de uma grande porta, o comissário parou, à tempo que a porteira lançava de esconso um olhar à prelada. As janelas desta casa estavam hermeticamente fechadas: fez-se mister recorrer ao serralheiro para abrir uma. Só depois de arrancar uma espessa almofada – que não só impedia a entrada da luz, mas bastaria a abafar gemidos – conseguiram abri-la. Esta casa era abobadada à maneira de igreja. Um lampadário de ferro pendido ao centro devia espargir claridade lúgubre na imensidade do recinto. De cada lado da lâmpada, umas correias de couro, suspensas do tecto, sustinham pedras enormes, em bruto, que pareciam mosqueadas de nódoas escuras. Via-se aí uma cruz encostada à parede. Duas golilhas correspondiam aos braços e uma terceira, chumbada à prancheta, era destinada aos pés. Causava horror este espectáculo! De que servia ali aquela cruz? Havia mais duas deitadas no pavimento. Na parede fronteira, pendurados em pregos, viam-se dois cilícios de malha de ferro, cada um com sua roseta agudíssima, umas palmilhas de ferro eriçado de cravos e também uma coroa de espinhos metálicos que deviam sangrar a testa que a cingisse. Depois por ali, em confusa desordem, disciplinas com balas de chumbo, cingulos de couro, flagelos de cordas nodosas. tudo quanto crudelíssima fantasia pudera inventar para tortura.

– E existem coisas destas! – disse o comissário.

E Zolpki pensava consigo: «Onde eu enviei minha filha!»

– Como se chama este recinto? – perguntou Pamza.

– A penitenciária – respondeu a priorosa.

– E estes instrumentos de tortura servem para supliciar as desgraçadas mulheres?

– – É que nós fugimos às delícias do mundo para abraçar a mortificação explicou a prelada.

Zolpki quis interrogá-la sobre o uso dos diversos instrumentos.

– O senhor está aqui para ver – disse ela – veja. O meu dever é facultar-lhe o exame; mas não de o iniciar na regra de nossa Madre Santa Teresa.

O doutor enxergou uma portinha no ângulo mais escuro da sala e ficou-se ali esperando que a porteira abrisse; ela, porém, buscando debalde na cambada das chaves a que justasse à fechadura, voltou-se para a priorosa.

Maria Venzyk tirou da algibeira uma chavinha e abriu a porta. Ao alumiar-se aquele recinto, dir-se-ia que ao pé de um antro de tortura resplandecia uma recâmara elegante.

A quadra era pequena, decorada de estofos mais claros. Um leito, se não antes um divã, ocupava-a quase toda. Sobre este leito via-se deitado um Cristo morto, obra-prima de escultura. primorosamente encarnado; este não tinha o semblante terrífico do crucifixo do locutório. Parece que os olhos de esmalte lhe sorriam, os lábios descerravam-se, os braços pendidos ao longo do tronco pareciam ter ainda a flexibilidade vital. Este Cristo era um primor de arte. Nos cantos desta pequena câmara, quatro caçoilas deviam vaporar fragrâncias embriagantes. A lâmpada pendida do tecto semelhava uma ingente estrela, destinada a radiar um clarão pálido sobre a imagem do Cristo adormecido.

Zolpki encarou a reverses a penitenciária e aquela saleta sombria. Procurou o ponto de contacto das duas ideias, que lhe pareciam tão opostas e todavia tão ligadas, mas não o descobriu.

À madre porteira restituiu a chavinha à priorisa.

– Falta-lhes somente visitar a igreja, senhores – disse Maria Venzyk.

– Vamos.

A irmã conversa tangeu uma sineta, toada de alarme. que fez foragir as freiras do coro, e logo os agentes da polícia entraram.

A igreja do mosteiro tem dois coros sobrepostos. O primeiro. espécie de cripta mortuária, encerra quatro cadáveres visíveis, porque a tampa do sarcófago foi substituída por uma enorme lâmina.

– E os subterrâneos da igreja? – perguntou Pamza.

– Logo os verá, senhor. E o local onde depositamos os esquifes de nossas irmãs, visto que a terra deste convento não dissolve os corpos.

Da cripta passaram às catacumbas.

O círio da porteira alumiaava a custo aquela escuridão crassa e abafadora. Os túmulos alinhados em andares, chegando do pavimento ao tecto, exalavam o fétido da morte. As catacumbas romanas não poderiam conter maior número de ossadas. Quanto ao mais, nem nome, nem algum sinal distintivo. Os mortos que aí dormiam bem mortos eram para suas famílias, que nem sequer lhes podiam guardar mínima recordação.

Um dos jazigos, separado dos outros e de diversa dimensão, continha a múmia de um homem! Espectáculo hediondo! Aquele cadáver estava decapitado! Parece que o morto havia sido degolado.

Pamza, voltado para a priorisa, apontou-lhe aquele túmulo.

– Há duzentos anos que este cadáver aqui jaz – disse ela. – A história dele é legendária, e ninguém ma soube contar.

Quando o juiz, o comissário e o doutor percorriam o subterrâneo, disse-lhes Maria Venzyk:

– Agora conhecem os senhores este convento tanto como eu.

Zolpki pegou na tocha que o doutor levava e segunda vez a perpassou ao longo das paredes.

– Nada! – murmurava ele. – Nada!

Eis que de súbito despede um grito: é que acabava de ver duas fechaduras chumbadas na parede.

– Isto que é? – perguntou.

– Essa porta abre sobre um corredor.

– E o corredor?

– Vai dar aos esgotos.

– Abra! – disse o comissário à porteira.

– Esta porta nunca se abre – disse a priorisa. – Não tenho a chave dela. Já disse o que isto era: ao fim do corredor está o cano dos despejos.

Zolpki chamou o serralheiro e disse:

– Arrombe esta porta.

O artista observou atentamente a fechadura.

– Ela não está enferrujada – observou ele –, não há muito tempo que foi aberta.

A prelada tremeu ligeiramente e encostou-se a um rebordo de sepultura.

A porta resistia, a fechadura era rija; o serralheiro com dificuldade venceu arrancá-la: saltou enfim. E logo, ao clarão fumacento da tocha, distinguiu-se uma escaleira sem rampa engolfando-se nas profundezas da terra como um parafuso disforme.

Zolpki foi quem primeiro desceu, levando a tocha, cuja flama vasquejava carecida de ar.

Pamza e Blumenstock seguiram-no; e o artista após eles.

A prelada apertou a mão da porteira e segredou-lhe:

– Trata de encobrir a porta... bem sabes...

A porteira fez um gesto imperceptível, e as duas mulheres desapareceram cada qual por sua vez no antro.

Quando os visitantes chegaram ao fundo da escada, acharam-se outra vez num corredor tenebroso, onde havia duas portas: uma abria sobre um esgoto pestilencial: a segunda estava encoberta pela porteira, que obedecia à ordem secreta da prelada.

– Nada! – repetiu Zolpki. – Nada!

E, já descorçoado, ia dar o sinal da saída, quando um gemido, apenas perceptível, pareceu ressoar nesse mesmo corredor. Não era um grito, era um soluço, talvez o derradeiro estertor de um agonizante.

– Abra isto! – bradou Pamza, desviando de repelão a porteira.

– O gemido é deste lado... aqui deve estar uma porta... De feito, uma porta de ferro, baixa e estreita, apareceu de repente ao exame dos três homens, e outra vez o serralheiro teve de arrombá-la. Quando, porém, esta porta rodou nos gonzos, os três homens recuaram.

O que eles viram era coisa de si tão pavorosa, que lhes faleceu a coragem para encarar semelhante espectáculo!

III

O «IN PACE»¹

No espaço de poucos pés quadrados estava agachada, recurva sobre si mesma, uma criatura talvez humana. Dizemos *talvez*, porque a face contraída pelo sofrimento revelava uma expressão medonha, em que a loucura se confundia com a raiva. Os cabelos, prematuramente embranquecidos, ondeavam-lhe desgrenhados sobre os ombros; alguns farrapos cobriam apenas a nudez da miserável mulher. Caiam-lhe os braços sobre os joelhos retraídos. Servia-lhe de leito alguma palha fétida. O único postigo do cárcere tinha sido ladrilhado. Nem ar, nem luz, neste túmulo: era o *in pace* da morte antes do traspasse. Nunca tão lúgubre agonia ferira a vista do Dr. Blumenstock; nunca o juiz Zolpki tinha visto nas prisões civis um criminoso tão desumanamente tratado.

A presa, quando viu a luz do círio, abriu os olhos ofuscados e fechou-os subitamente.

Agitando-se violenta, ergueu-se hirta sobre o seu muladar e exclamou:

«Matem-me! Matem-me de uma só vez!»

Depois, apontando com o braço descamado contra a prelada, exclamou convulsa:

– Deus julgará Maria Venzyk! Estou pronta a comparecer na presença d’Ele! O meu inferno foi neste mundo.

Fez uma pausa, expediu uma casquinada sinistra e bateu as mãos descamadas, clamando:

– Ele há-de tornar, há-de tornar aquele que um dia quis salvar-me... Há vinte anos que o espero e ele há-de vir trazer-me a liberdade, o dia e a luz. Oh!, que frio eu tenho – murmurou ela tiritante. – Não apaguem a luz, que me faz bem. Há tanto tempo que não vejo o sol! E a luz é tão bonita!

E, sem transição, a desgraçada fechou os dois punhos, ameaçando as testemunhas desta cena.

E exclamava:

– Querem torturar-me... querem levar-me à penitenciária... bem me lembro... as coroas de espinhos, o açoite, as dores na cruz... e o capelão a escarnecer o meu suplício! Perderam-me! Perderam-me e querem agora assassinar-me. Eu lutarei, eu me defenderei com as unhas e com os dentes. Não se cheguem para mim. Eu não sou freira. não sou mulher, sou uma fera.

Um grito rouco rugiu na garganta contraída da presa.

Zolpki, à custa de um violento esforço, aproximou-se dela e disse:

– Bárbara Ubíyk

A encarcerada caiu de joelhos, perguntando:

– Quem proferiu este nome? Quem se lembra dele? Bárbara era o nome que me dava minha mãe, o nome que me dava o meu amado. Quem é que se lembra de um nome que eu julgava esquecido de todos?

– Venho procurá-la. Bárbara, arrancá-la a este inferno.

– Não me enganem – murmurou ela com voz enternecida. – Se me querem matar, façam-no... fácil é... aqui estou. Que suplício não será preferível a esta vida?

¹ *In pace*. Assim se designava antigamente o cárcere perpétuo dos mosteiros onde eram castigados os criminosos de enormes delitos. Este castigo era precedido de grandes e terribilíssimas cerimónias. A mesma expressão, *in pace*, era aplicada às masmorras das prisões civis. Equivalia à eterna privação de liberdade. (N. do T.)

– Nós viemos a salvá-la! – repetiu Zolpki. – Em nome da lei e da justiça levante-se, que nós vamos ampará-la para sair deste cárcere.

Pamza acercou-se da prelada e disse:

– Dê cá o seu manto para cobrir aquela desgraçada.

Só neste momento Bárbara divisou a prelada: e então, vibrando um grito estridente, correu impetuosa para o fundo da masmorra, bradando:

– Mentem! Querem enganar-me. A fúria está ali, o suplício está perto. Ah!, sim, pois não saio, matem-me aqui, de um golpe, por piedade! E muito... morrer a pedaços!

– Em nome de Deus lhe juro que venho socorrê-la – replicou Zolpki. A presa não o acreditava. O relâmpago da razão, que parecia alumiar-lhe as palavras, apagara-se sob a impressão do terror. E ela agora chorava como uma criança, logo rugia ferozmente: e às vezes, cosida com a parede, lívida e minacíssima na sua imobilidade, estendendo os braços cadavéricos, ameaçava os espectadores com as unhas agudas.

Ouviu-se do lado da escada rumor. O comissário deu alguns passos e percebeu a luz de dois círios.

O bispo, consoante prometera, chegava acompanhado de dois agentes.

A indignação empalidecera-o; nobre e santa cólera fuzilava-lhe na vista.

Cresceu para a prelada e perguntou-lhe severamente:

– Isto é obra sua? E assim que pratica a misericórdia de Cristo?

– Esta freira está alienada – respondeu Maria Venzyk. – Rasga os vestidos, e só com a prisão podemos reprimi-la.

– Alienada!?! – bradou o bispo. – Alienada! Sim, actualmente decerto: mas estava-o ela quando a trouxeram para aqui? Então a senhora é juíza e algoz nesta casa? Como? Uma freira, uma filha da mãe espiritual que a senhora devia ser destas religiosas, agoniza lentamente aqui por sua ordem?!... E ousam chamar-se as esposas do Senhor! E atrevem-se a aproximar-se dos sacramentos! A senhora merece ser fulminada por todos os raios da Igreja, mas eu não sei que haja anátemas bastantes que a castiguem. Receio perder a razão se aqui estiver vinte e quatro horas, e a senhora acusa de louca uma criatura a quem a sua crueza roubou a luz do entendimento?

A louca não compreendia as palavras do bispo; mantinha-se aterrada, empedernida contra a parede, os olhos esgazeados e os punhos cerrados.

– Ah! – dizia ela. – Eu pensava que só o capelão, o miserável Onufre, pertencia aos meus verdugos, mas também tu aí estás, bispo! Tu, pastor destes miseráveis padres que me torturam depois de me aviltar! Ó raça de víboras! Mercadores de hóstias e de indulgências, vós poluíis e crucificais as esposas de Jesus! Se o mundo soubesse! Se o mundo soubesse... seriam poucas as pedras da rua para vos apedrejar. Vens aqui julgar-me e condenar-me, bispo? É pena que eu já não seja linda. o espectáculo do meu suplício te daria prazer como ao padre Onufre. Ah!, vingança divina, tu não és mais que uma palavra! Cólera celeste, que é da tua justiça? Pois estes muros não se abatem para esmagar o ninho dos escorpiões? Deus não existe, ou absorveu-se na sua eternidade impassível! Ele já não olha para a Terra, senão a Terra seria pulverizada por causa dos seus crimes... Que quereis fazer do meu corpo espedaçado. ó fariseus! Vós já o amastes quando a pele era fina e as formas elegantes: quereis agora que eu acompanhe as gargalhadas das vossas orgias com os meus gritos de angústia!... Lá em cima tendes religiosas novas e belas noviças... ide ensinar-lhe o que vós chamais *amplexos do esposo*. Oh!, a vida, a vida! Eu devia matar-me antes de deixar lançar o véu sobre a minha cabeça... Eu era tão pura, Senhor! E vós fizestes de mim tão enorme pecadora. tão miserável mártir. Oh!, os sacrílegos! Os carrascos! Os profanadores!

O bispo deixara correr a torrente das palavras. Em meio das divagações da misérrima louca, descobriu uma cadeia de factos sinistros. O que ele não via,

adivinhou-o. Esclarecido subitamente, penetrava os mistérios de iniquidade que até àquela hora tinham fugido ao seu entendimento. Durante o seu episcopado crimes imundos se haviam cometido. A religião tinha sido conspurcada, as leis mais santas traídas, a caridade, a humanidade, esta virtude instintiva do coração do homem, haviam sido sovadas aos pés. Em vez de gemebundas pombas exalçando para o Céu votos puros, a fim de obterem o celeste perdão, ouvia brados da devassidão monástica, a pior de todas as libertinagens, porque se faz cúmplice de Deus. Em vez de virgens prostradas sobre os ladrilhos, pedindo ao Céu perdão dos crimes do seu povo, descobria mulheres loucas de seu corpo, servindo-se da própria penitência para cevarem deleites. Aquele sagrado claustro, um dos mais admiráveis modelos da regra, estava eternamente profanado. O capelão do mosteiro era o chefe desse harém de religiosas... E ele, bispo, padre, pastor, que tinha o cargo das almas, o direito de direcção e inspecção, confiando na rotina, descuidava de ver e ouvir. Nunca se persuadira que algumas pobres meninas, fechadas nesse convento por pobreza, desesperança ou submissão, se achariam no lance horrível de denegrir o que o claustro devia ressaltar, ou então seriam presa de vinganças tanto mais requintadas quanto misteriosas. A primeira palavra deste enigma espantoso disse-lha Bárbara: cumpria-lhe averiguar o mais.

Galeeski chegou à entrada do cárcere e disse, com a voz cheia de tristeza e dignidade:

– Tem direito de me acusar. Bárbara Ubryk, porque houve desmazelo no meu dever de pastor... Eu deveria confiar de mim só para bem ajuizar do viver destas casas. Foi a confiança que me cegou. Iludiu-me a austeridade aparente destas mulheres. Tamanhas infâmias quem poderia crê-las!... Se os homens as contassem, e os escritores as escrevessem, acusá-los-íamos de impiedade e lastimaríamos que tão mal julgadas fossem aquelas que fugiram do século para conquistarem o Céu em tempos como estes. Confesso-me réu. Bárbara: mas, chegada a minha vez de juiz, vou chamar ao meu tribunal Maria Venzyk primeiro e depois as suas cúmplices... Interrogatórios, livres e completos, vão dilucidar-me a verdade em todos os pontos. Serei rigoroso e inflexível. Castigando, vingarei não só o seu longo suplício, mas a injúria atirada à religião, cujo ministro sou. O príncipe da Igreja vai armar-se com todos os raios canónicos para fulminar as suas perseguidoras... Venha sem medo. Bárbara, e compenetre-se bem de que eu vim salvá-la deste cárcere.

– Por quanto tempo? – perguntou Bárbara.

– Não voltará aqui mais.

– Nunca mais! Disse que nunca mais?... Oh, luz do Céu! Oh, celestial alegria! Não-de dar-me vestidos? Poderei comer? Sentirei acordar o meu cérebro, que se atrofia? E hei-de ver o sol? A claridade que eu já não conheço?

– Há-de. Bárbara, pode vir conosco.

– Lá acima?

– Sim, mas sairá imediatamente desta casa.

A louca sorriu.

– Ponha esta capa – disse o bispo meigamente.

Mas Bárbara, reconhecendo o hábito religioso, recuou.

E então o bispo, tirando a própria capa, lançou-lha sobre os ombros.

Bárbara envolveu-se, e das dobras negras ressaltava-lhe a face lívida como cabeça mumificada pela morte.

Zolpki e Pamza ampararam-na

Dois esbirros ladearam a priora.

O serralheiro ia à frente do grupo, levando a tocha.

Quando Bárbara chegou ao topo da escada, caiu, ajoelhou e soluçou como criança.

– O dia! – exclamou ela. – O dia!

E os seus braços mirrados erguiam-se para o Céu num êxtase de gratidão.

E ao mesmo tempo disse o bispo à prelada:

– Faça reunir todas as religiosas na sala do locutório, e o capelão também.

A priora dirigiu-se impassível ao salão onde a esperava a porteira. Momentos depois, as religiosas com seus véus achavam-se reunidas, trémulas e aterradas pela perspectiva de um funesto acontecimento. As mais moças choravam, as velhas espavoriam-se por verem o bispo visitando-as. Era esta uma visita natural, suposto que nenhum bispo de Cracóvia exercesse tal poder para não dar visos de suspeita; mas que Mons. Galeeski autorizasse as investigações da polícia, ultrapassava os limites. Pois quê! Não seriam invioláveis os mosteiros carmelitanos? O nome de Santa Teresa de Ávila não protegeria suas filhas? A lei, forçando as portas das reclusas, ousava esquadrihar-lhes o modo de viver tão à parte? Em que pensava o Santo Padre, se não defendia os mosteiros? Não seria melhor isto que estar a reunir tropa em defesa de um território que Cristo lhe não dera?

Todavia, entre as religiosas que abaixavam os olhos, algumas abençoavam a intervenção das leis disciplinares civis. Uma noviça muito na flor dos anos, de joelhos na sala, orava como Daniel orou na caverna dos leões.

As freiras velhas estorciam-se com frenesim de raiva e davam aos seus semblantes de pergaminho a imobilidade dos traços esculturais. Sabiam algumas que haviam de revelar terríveis lances; e a si se perguntavam se seria bom mentir, se confessar, granjeando alguma indulgência pela franqueza. E desta sorte se premiam umas contra as outras como se assim pudessem afrontar melhormente a borrasca. A maior parte delas ignorava a prisão de Bárbara: às religiosas novas havia-se dito que ela morrera. Porém, as que a conheciam e conjecturavam que o negócio entendia com ela tremiam do resultado. A chegada do padre Onufre, longe de as sossegar, dobrou-lhes o terror. Uma saiu-lhe ao encontro e disse-lhe:

– Salve-nos, já que nos perdeu!

Ao abrir-se a porta para entrar o bispo, as freiras recuaram até à parede, como se ela pudesse engoli-las e defendê-las do opróbrio.

Monsenhor entrou primeiro.

Bárbara, que tanto almejava a luz do dia, não podia suportar-lhe o brilho. O ar vivo que lhe dava no rosto era forte de mais, para aqueles pulmões afeitos ao fedor do cárcere; e por isso, cambaleando, parecia ébria.

Zolpki e Pamza levavam-na amparada.

O espectáculo porém da comunidade reunida galvanizou-a a pouco e pouco. Retrocedeu vinte anos: reminiscências de algumas feições lhe acudiam através dos destroços feitos pelo tempo; murmurava nomes conhecidos; e tanto quanto a razão vacilante lhe concedia, ia subindo na escaleira das suas memórias. Embuçada na capa, com os cabelos brancos dispersos pelas espáduas, estendia o braço seco e mostrava ao bispo as freiras que ela conhecera. Ainda o terror lhe paralisava a língua, ou bem pode ser que o rancor lentamente acumulado em seu coração não pudesse ainda desafogar-se.

E os magistrados, sentados à mesa, escreviam.

– Como se chama? – perguntou o comissário à priora.

– Maria Venzyk.

– É filha do defunto Venzyk, que exerceu altas funções e deixou um grande nome literário?

– Sou.

– Que idade tem?

– Trinta e sete anos.

- Há quantos anos está no convento?
- Entrei de vinte e um.
- Por inclinação?
- Que entende por essa palavra?
- Pode entrar-se no convento por tendência à vida religiosa. ou por violência da família, ou pelas grandes desesperações que nos levam a desejar uma sepultura.
- Entrei por inclinação.
- Não está no mesmo caso a desgraçada que hoje nos interessa. Foi aqui arrastada por sua família e encarcerada como presa e não como freira... Mais tarde saberemos que circunstâncias a trouxeram a isto:
 - o que hoje importa é saber com que direito e com que motivos a senhora usou com ela semelhante crueldade.
- Bárbara está louca – respondeu friamente a priora.
- Louca! Até certo ponto, assim é; mas quem a tornou assim? Quem a exasperou? Quem obliterou com a tortura aquele cérebro exaltado, aquela natureza ardente, senão os flagelos que a senhora lhe fez sofrer?
- Bárbara foi presa depois que enlouqueceu.
- As freiras é que a prenderam?
- Não. Foi o sacristão Casimiro.
- Quem empedrou a janela do seu cárcere?
- O sacristão.
- Quem dava de comer a esta desgraçada?
- A subpriora Teresa.
- As freiras conhecem as torturas infligidas a Bárbara?
- Algumas.
- Zolpki, voltando-se para Bárbara, disse suavemente:
 - Faça um esforço para reatar a cadeia do passado. O que eu lhe pergunto importa ao seu livramento e à salvação daquelas que à imitação da senhora são ameaçadas de prisão e martírio... Se lhe for forçoso fazer alguma penosa confissão, não tema. Tem aqui a lei para protegê-la e um sacerdote para a livrar de escrúpulos... A senhora foi fechada no seu cárcere há vinte anos... Cometeu algum delito que merecesse castigo – já não digo como este, contrário à justiça e à humanidade, mas qualquer punição?
- Bárbara passou as mãos pela frente e respondeu com voz sonora:
 - Sim, tenho uma culpa... mas não sou eu a culpada... O responsável do crime é outro. Quando entrei no convento tinha um amor, um amor único... Guardei-o puro em mim como fogo sagrado... Mas um homem. um monstro... forçou-me a violar o meu voto de castidade.
 - Um homem! Quem? – perguntou o bispo.
 - Está ali! Está ali! – disse Bárbara. – Entrou aqui para ver a vítima da sua lubricidade... Ele espera que a demência embargue a acusação na minha garganta... Mas a razão reaparece-me... a razão que eles enfraqueceram. mas não vingaram extinguir. Eu compreendo que me querem vingar, e por isso acuso o réu.
 - E apontava para o capelão. a quem o bispo perguntou:
 - Ouviu?
 - Ouço, monsenhor. Esta mulher está possessa de um espírito mau. e eu nem sequer lhe refutarei as calúnias. V. Ex^a já ouviu dizer que ela está doida: julgue-a pelo que diz. Aponta-me como cúmplice das suas culpas: capaz seria ela de acusar também os anjos e o próprio Cristo.
 - O Cristo!... – balbuciou Bárbara. – O Cristo!... Ah!, ah!, eu bem me lembro dos amplexos do esposo divino, do oratório místico e do cantar da filha de Sulam... Eles não

viram a alcova sagrada das monjas... Miserável! Miserável! Tu me perdeste... e a idade ciosa das minhas rivais fez o resto. Prenderam-me porque tu me preferias e porque era assim preciso enterrar a minha culpa... Mas aí as tem todas, Sr. Bispo! – prosseguiu ela, apontando para as freiras. – Não há aqui uma só que seja pura. uma só que seja virgem! E o ardil da corrupção vai tão longe que algumas nem sequer sabem que estão prostituídas... A corrupção! Para saber-se o que ela é, faz-se preciso escavá-la na alma de uma freira ou de um confessor de religiosas.

Bárbara emudeceu. exaurida de alentos: mas depois. abeirando-se da prelada. insistiu:

– Deixaste-me sem pão e sem vestidos: impediste-me que eu invocasse socorro e misericórdia! Mas chegou a hora de saldarmos nossas contas. As minhas não são as mais difíceis. Que vida eu vivi! Que vida eu passei!

Os magistrados atendiam aquelas palavras com progressivo interesse. Bárbara recuperava a sua lucidez.

– Quer a senhora sair imediatamente desta casa? – perguntou Pamza. – Eu a farei transferir para o Hospício de S. Lázaro.

– Já – respondeu Bárbara. – Mas aquelas ficam no mosteiro?

– Em nome da minha autoridade episcopal – interveio o bispo

declaro interdito este convento. E proibido officiar nesta igreja; são retirados os sacramentos às religiosas que os profanaram: o capelão passe para uma casa de penitência. e a justiça eclesiástica punirá as criminosas ao mesmo tempo que a justiça secular a quem as entrego.

Zolpki acenou aos seus quadrilheiros, dizendo:

– Chamem um destacamento de hussardos: é preciso decerto proteger estas miseráveis mulheres contra o furor popular. As novas correm depressa. e o que se está passando aqui deve já saber-se lá fora.

Os quadrilheiros retiraram-se.

Zolpki falou ao ouvido de Pamza: e depois perguntou à priora:

– Onde está minha filha?

– Espera-o na igreja.

Zolpki dirigia-se para lá. enquanto Bárbara o seguia com obstinado exame, procurando dar um nome àquele rosto: mas não podia.

Instantes depois. o doutor. Bárbara e mais duas pessoas entravam numa carruagem e seguiam para o próximo hospício.

A tropa chegou logo. Como sempre acontece quando se fazem arrestos. a notícia de que a força armada entrara no convento das Carmelitas divulgou-se com extrema rapidez. A população apinhou-se na rua, perguntando e esperando. Os ódios velhos, longo tempo represados, extravasavam, as injúrias faiscavam das línguas dos homens e do mulherio. Repetiam-se as velhas lendas do mosteiro, as crueldades ali feitas, e citavam-se os nomes de meninas que ninguém mais viu. O mistério em que se acobertam as ordens claustrais volve-as mais suspeitas que quaisquer outras. A grade que defende do mundo deixa ao mundo o direito de suspeitar. O silêncio. que reina nesses serranhos celestes, aguça a curiosidade de conhecer o que aí vai.

Apenas se proferiu o nome de Bárbara Ubyrk. esta mulher incutiu terror ao espírito do povo, como se fosse a imagem da morte: mas recordaram-se que a tinham visto no dia da profissão. radiosa de mocidade e beleza. Murmúrios de piedade circularam nas turbas. que aumentavam. e impacientes esperavam a saída dos agentes da polícia e o desenlace do drama.

Abriu-se enfim a porta das Carmelitas de par em par.

Assomou primeiro o comissário, depois quatro quadrilheiros escoltando a prelada

e a subprioresa.

Os gritos, os urros, as ameaças da multidão, estralejaram assim que as viu: algumas mulheres apanharam pedras para as arremessarem contra as duas freiras.

Os hussardos esforçaram-se, e debalde, para defender as carmelitas daquela horda agressora: gritavam todos repetindo o nome de Bárbara, como aquele brado do Senhor falando a Caim: «Que fizeste do teu irmão?»

As duas religiosas desceram o véu para encobrir a vergonha sob as dobras da estamena: mas uma mulher do povo mais atrevida arrancou de repuxão o véu de Maria Venzyk, exclamando:

– Vede-as, as corruptoras das raparigas: caçamos esta miserável, mas escaparam-nos milhares delas! Arrasemos a casa das Carmelitas e a dos Jesuítas: que só as mães sabem guardar as suas filhas. Fora da cidade com estas pestes, e façamos justiça por nossas mãos.

Os hussardos tiveram de cerrar filas e levantar um muro vivo entre a multidão e as duas carmelitas, que imediatamente foram encarceradas.

IV

A VIRGEM DAS TRANÇAS DE OURO

Por 1817, nascia em Czerniakow, nas cercanias de Varsóvia, uma dessas esplêndidas crianças das quais nos contos das fadas se diz: ela era formosa como o dia. A família dos condes de Ubryk era opulenta. Bárbara, ao entrar no mundo, foi saudada com extremos de alegria. Pai e mãe acariciavam-na à competência, e a criança cresceu entre duas ternuras, cujo defeito era a exageração. Os haveres dos Ubryks permitiram que Bárbara fosse educada com esmero, e bastante é dizê-lo assim quando se fala de uma donzela do Norte. Por muito soberbos que sejamos em França da nossa nacionalidade, talento e viveza de espírito, é mister reconhecer que a educação de nossas filhas está muito aquém da que recebem as russas e as polacas. Bárbara, de natural ardente, palpitante de vida e entusiasmo, estudava com paixão. Assim que soube línguas, dedicou-se às artes, e ali mesmo a espantosa facilidade e faculdade de compreensão a dotaram muito além das esperanças de sua família. Nesse pais das magias melancólicas, poderia, dizer-se que uma Elfe divina presidia à vida da formosa criança. Cedo deixou de o ser. Floresceu a mocidade nela. Ardia-lhe nas veias generoso sangue; radiavam-lhe os olhos, ostentava formas tão vigorosas quanto flexíveis; e sobretudo o que mais lhe realçava os encantos, e mais esplendidamente lhe alindava a face, eram os cabelos de ouro, em parte ondeados de um colorido castanho, que contrastava com os esplendores solares que lhe douravam as madeixas. Trança longa, fluida, fragrante, que se frisava no alto do pescoço e enalamistrava nas fontes como as cabeleiras dos anjos. Os olhos negros formavam com estes cabelos e a brancura da pele uma admirável e formosa divergência. Era de formas fortes e flexas, com promessas de contornos esplêndidos, que a adolescência guardava ainda na virgindade da sua graça. Nos braços dava a lembrar as deusas e nas mãos as madonas, o pé, sem encarecimento de pequenez, era arqueado e subtil, feito para aquela nobre dança dos Gregos, cuja tradição chegou até nós nas esculturas dos templos idólatras. Porém, alguma coisa havia nela para maiores encantos que esta beleza perfeita: era a graça do sorriso, a carícia feiticeira do olhar e o som melodioso da voz. Bárbara não agradava somente: fascinava. Dir-se-ia que ela respirava um ambiente de amor. Sem o saber, tinha a natureza das fadas. Os antigos, classificando estas mulheres, extremaram-nas do comum dos seres, pela raridade delas. Mas, quer lhes chamem sereias ou de outro modo, nada faz o nome: a espécie delas é distinta. Há mulheres-sereias, não porque se façam, mas porque assim nascem. Não se cansam para atrair: exercitam uma faculdade que possuem. Bárbara, com tais formas, com tal beleza e diversidade de talentos, gozava-se daquela quase divina faculdade, pela qual as mulheres se fazem conquistadoras e déspotas às vezes. Fascinava; mas mediante uma oposição sem dúvida destinada a manter ouro fio a balança dos seus méritos – o coração, sensível aos males de outrem, doce e terno para os seus, contraía-se, fechava-se a qualquer outro sentimento. Não procurava dominar nem se servia cruelmente do seu predomínio; não: mas a sua alma não reflectia tanto quanto inspirava. Era alma cândida e fria como o gelo. Talvez que nesta indiferença andasse exaltado orgulho; mas, em tal caso, este orgulho é o escudo das mulheres... Nunca elas se defenderão contra o amor despeitado; porém, o amor que inspiram não lhes custa a repelir. Serão injustas? Porquê? Acaso o homem pergunta a uma mulher se lhe convém que ele a ame? Porventura indaga se ela o achou amável, espirituoso e bom? Não. Cede ao íman que o atrai para uma mulher, depois converte esse amor numa arma, e tenta vencer. Mais de um homem se deixou seduzir pela formosura de Bárbara, muitos a

pediram para casamento, e ela glacialmente os rejeitou, antevendo que a sua hora de amar chegaria, e então debalde tentaria repulsar aquele que desabrolhasse nela as divinas flores da paixão.

Demais disso, uma razão impedia que a orgulhosa menina poetizasse muito a vida, O cismar delícias enerva; e já dissemos que Bárbara era uma índole forte, simples e ao mesmo tempo entusiasta. Era ingénua nas relações com família e amigos; o entusiasmo era todo da pátria, daquela Polónia estagnada em sangue e lágrimas, crucificada sempre e nunca vencida, a Polónia que ergue a fronte subjugada e fita o Céu com a serena confiança dos mártires. Antes de conhecer as paixões pessoais, alvejamlhe na alma aquela grande paixão. Anelava uma página heróica na história das pugnas que não têm epopeia escrita, pesava-lhe não representar em seu país o papel daquelas belicosas damas de que a história regista egrégias proezas. Quando, perante seu pai, falava no aviltamento do seu país, da opressão russa, da dor da nação, o pai abraçava-a com altiva hombridade e sacudia tristemente a cabeça.

E a mãe dizia:

– Se Bárbara revelar em todas as suas afeições o fogo que a incende nesta, que destino será o seu?

E tinha razão a mãe. Devem temer-se nas mulheres os transportes, os sonhos de arte e de poesia, as ambições nobres, as aspirações santas. Tudo lhes é resvaladiço, até a própria virtude, e mormente as demasias dela. Onde elas entram de coração, o ideal da vida, o mais íntimo da alma, o homem, ser-lhes-á inferior. Que o homem então descrê da mulher. Depois que a legenda reconta que Adão foi enganado por Eva, todas as seduções feminis são consideradas perigos e armadilhas. As mulheres ditosas não são grandes artistas, nem celebrados escritores. Contra estas há aí o atirar-lhes o lixo das ruas para lhes fazerem pagar sua glória tão amargamente, que elas nunca aceitariam, se lhes fosse dado prever o futuro quando, pela primeira vez, sentiram palpitar na fronte as inspirações espirituais. Bárbara defrontava-se, pois, com muitos perigos; porque era bela, artista e entusiasta de todas as coisas formosas e nobres.

Se ao menos lhe fosse dado amar a sua Polónia querida, louvá-la e pranteá-la!... Mas cada palavra destas poderia ser malsinada de rebelião. A Rússia crê nas conspirações das mulheres. Na Polónia, se alguém há revelado mais heroísmo que os homens, são elas. E nunca lhes mingouo dedicação à causa fraternal, nunca uma polaca fez pé atrás ao resgate de um prisioneiro, acobardada pelos perigos da tentativa. A lei do czar não distingue entre polacos e polacas, quando os juizes os acusam de conspirar; pelo que, se para o homem há o *knout*, para a mulher há a *plette*² mas a Sibéria é de ambos e a morte pelo suplício de ambos é também.

O destino de Bárbara era sofrer os percalços de todas as vantagens com que a natureza, a sociedade e a família a tinham enriquecido. Antes de chorar por si, chorou pelos outros; antes de saber o que era o cativo, freuiu indignada contra a escravidão da Polónia; antes de abrir ao amor aquela fogosa alma que devia gemer todas as angústias humanas, encheu-a de novos afectos, de sublimes compaixões e sagrados enlevos. Derramava os imensos tesouros da sua rica imaginação e dadivosa índole sobre os padecentes e os tristes, lamentando-os, ela, que mais tarde havia de ser tanto para lástimas. O pai era homem austero nos princípios e inflexível nas vontades. Não tinha limites o seu amor à filha; e, não obstante, bem sabia ela que, se um dia anelasse coisa oposta à vontade do pai, seria vencida infalivelmente na luta. Os ódios de Ubryk guardavam a persistência da vingança; para desafrontar-se de uma injúria, esperaria a oportunidade através dos anos. E contudo não era mau. Julgava a firmeza a máxima das

² O *knout* é um açoite de correias entrançadas e nodosas. A *plette* é outro instrumento de tortura igual na missão de avergoar as carnes, mas de efeito distinto. (N. do T.)

virtudes cívicas e morais e toda a energia fundada no estoicismo da alma. Confessava que compreendia Bruto condenando os filhos à morte; e aprovava o suplício de D. Carlos, enviado ao patíbulo por Filipe II. E verdade que applicava tais teorias à política, e não à vida privada, mas, apesar disso, bem sabia a filha que ele no regime da família exerceria o despotismo que desculpava nos outros.

Ubryk alimentava contra um homem de Cracóvia um rancor dos que empeçonham as opiniões partidárias. Ubryk ligara-se tão excessivamente ao Governo russo que excitara por isso o ódio de Zolpki, e tanta era a raiva e grande o desprezo que tal homem lhe inspirou que nem ao filho inocente perdoava as opiniões do pai. O jovem Zolpki fraternizava com a mocidade polaca, eternamente sonhadora da liberdade do seu país.

A fatalidade, que preside a tudo neste mundo, e talvez principalmente ao amor, aproximou uma noite Zolpki de Bárbara.

A jovem, sentada junto de uma janela, prestava o ouvido, primeiro desatento e depois curioso, à conversação que trocavam, perto dela, dois homens já velhos. Um elogiava entusiasticamente o mancebo, o outro escutava-o a sorrir.

– Mas então o homem é um herói? – perguntou ele.

– Tal qual: é um herói modesto e doce que parece corar das suas belas acções quando as faz: homem que se bateria como um leão e que um elogio acanha: instruído, inspirado, com a eloquência que electriza as turbas, é sobremaneira digno de capitanear uma revolução.

– Sim, sei isso – replicou o interlocutor. – Contam-me coisas dele admiráveis... Mas sabe ele calcular o perigo que o ameaça?

– Calculou.

– E não desiste?

– Diz que o sangue dos mártires sustenta as causas preclaras.

Continuou o elogio do moço algum tempo ainda, por modo que Bárbara se interessou por ele sem o conhecer, porque nome nenhum se dera àquele retrato.

De repente, um dos dois, mostrando ao

– Ele aqui vem para nós, seu amigo um gentil rapaz, disse:

Decerto ia para eles, mas com certeza não os via: os olhos levava-os fitos em Bárbara, cuja soberba formosura o repassara de admiração. Nunca tão maravilhosa criatura tinha visto. Ia atraído para ela como para a luz. Bárbara encarava-o também com enlevo. Tal homem, que tanto entusiasmava os dois anciãos, e o que eles haviam dito a respeito dele, eram motivos a interessá-la docemente na contemplação daquele que tão fixamente a olhava.

E deste encontro de vistas fulgurantes relampagueou aquele magnetismo eléctrico do amor que funde momentaneamente duas almas em uma só...

O mancebo, aproximando-se dos seus amigos, perguntou:

– Podem apresentar-me àquela senhora?

Tocava então a orquestra o prelúdio de uma valsa.

– Aquela senhora – disse um dos amigos – não a conheces?

– Bem sabem que eu não frequento bailes.

– E Bárbara Ubryk.

– Aquela? – murmurou o moço.

E, passados alguns instantes meditativos, inclinou-se respeitosamente diante de Bárbara e disse:

– Foi numa festa de Veneza que se encontraram aqueles imortais inimigos chamados Julieta e Romeu... Passados poucos dias, vou a uma expedição onde arriscarei a vida... Sou Ladislau Zolpki... Concede-me esta valsa?

Levantou-se Bárbara, toda púrpura e fogo nos olhos.

– Vamos – disse ela.

E os dois desapareceram no redemoinho das danças.

O coração de Zolpki arfava de ebriedade desconhecida; premia meigamente a cintura da virgem; sentia nas faces o roçar das louras espiras do cabelo. E ela era tão leve que ele apenas a sentia reclinar-se-lhe no braço: e era tão bela que os vágados o tomavam, se a encarava a fito. Bárbara deixava-se ir como Zolpki ao sabor daquela perigosa embriaguez. Bem sabia ela que, se o pai a visse, havia de sofrer áspera invectiva. Fascinava-a porém a ideia do perigo: como que já lhe sorria a doçura de padecer por ele. Em rápidos instantes, como tudo que é felicidade, sentiu-se amada, e amou.

– Quando entrei nesta sala – disse Zolpki –, o meu intento era unir-me aos meus amigos que conspiram; mas agora quisera eu ficar para vê-la... Tudo nos separa: a sua opulência e a minha pobreza; a obrigação de me devotar a uma causa sagrada, a responsabilidade em que empenhei a minha cabeça, a vigilância do Governo... e contudo sinto. adivinho, que as nossas almas se entendem, e já não deixarei esta cidade sem imensa dor.

– Vai defender a Polónia, talvez salvá-la! – disse Bárbara.

Ao menos vou fazer-lhe os funerais pomposos.

– Vá, que o seguem os votos de todas as polacas.

– De todas? E de mais.

Não! A pátria é mãe de todos nos.

Pois, se eu sucumbir na luta, tenha saudades de mim.

Antes quero oferecer-lhe um talismã... Aceite este raminho de urze... Na volta mo entregará. Já vê por isto que tem obrigação de voltar.

E tornarei a vê-la?

Há-de ver.

Talvez não saiba a história das nossas famílias....

Eu não aceito herança de ódios: além de que o cavalheiro serve a causa da pátria, que é o laço santo da família.

– E pensará em mim?

– Pois se eu o espero...

A fina mão de Bárbara estremeceu no braço do mancebo.

Ai vem meu pai – disse ela, alvoroçada.

Zolpki desapareceu, mas não tão rápido que Ubryk o não reconhecesse. Pelo que dardejou à filha um severo olhar.

– Sabes quem dançou contigo?

Bárbara hesitou na resposta; mas, vencida pela franqueza do carácter, respondeu:

Sei.

– E não receias desobedecer-me?...

– Pois que me proibiu?

– Há preceitos implícitos. Sabes de mais que odeio a família Zolpki.

– E também sei que Ladislau é estimado e admirado: e sei também que estou num baile e que dancei... não sei mais nada.

– A isso juntarei que a proibo de falar com tal homem.

– Compreendo, meu pai.

– E se transgredir esta ordem...

– Não diga mais nada... E tarde... quer que nos retiremos?

É o que Ubryk desejava.

Desde esta noite Bárbara teve um segredo para seu pai.

O amor que lhe proibiam implantou-se tanto mais entranhadamente quanto era o

esforço para lho arrancar. E do mesmo passo que ela ouvia encarecer a coragem e o patriotismo de Zolpki. mais, vibrava de júbilo ouvindo citar relances de generosa intrepidez e nobre ardimento. A missão a que ele se votara prometia iminentes perigos, que afrontava não só por entusiasmo pátrio e pelo resgate da Polónia, mas ainda com a serenidade heróica que preside às resoluções formidáveis.

Ao cabo da precária empresa negrejava-lhe a morte, e. pior que a morte, o cativo na Sibéria: mas não havia fazê-lo recuar. E, se algum estímulo podia exaltar a energia do moço audaz, era a ideia de merecer a estima de Bárbara, estima profunda e íntima, sem a qual não pode haver amor sincero e duradouro. Esteve ausente três meses Zolpki. Quantas vezes, nesse longo espaço. não perguntou ele, inquieto e desconfiado, se Bárbara conservaria lembranças daquele único encontro! Uma valsa, uma flor oferecida, uma promessa de olhos... Que mundo de pensamentos. de sensações! E todavia que insignificante penhor!

Tinha Zolpki um amigo. não companheiro de infância, mas um camarada de folias que se encontra alegremente, que se deixa com pesar, com quem se bebem garrafas do generoso vinho e se queimam alguns charutos; amigo, porém. no sentido perfeito da palavra, que o mesmo é dizer um ente com quem pensava em voz alta, que lhe conhecia o âmago da alma, e cuja afeição lhe era de todo o ponto insuspeita.

Zolpki encarregou Casimiro de lhe fazer chegar novas de Bárbara. O moço, temeroso de a expor. não ousava escrever-lhe. Comprou um exemplar de *Maria*, admirável poema que é uma das obras-primas da literatura polaca, sublinhou a passagem do «Juramento» – as sublimes estrofes que sabem de cor todos os amantes eslavos – e enviou o volume a Bárbara Ubryk. Ela compreendeu-o: mas era-lhe desnecessária à sua confiança aquela prova: bastavam-lhe as palavras ouvidas. Um minuto lhe sobejara ao completo reviramento de sua vida.

Findos três meses, o moço voltou.

Foi no templo que encontrou Bárbara.

A menina ia ali todas as manhãs, seguida de uma aia que a criara e cuja amizade tinha a profundidade da ternura maternal.

Ajoelhou Zolpki à beira de Bárbara; e, no instante em que os fiéis acurvavam mais humildemente as cabeças, interpôs uma carta na página do livro das orações.

E ela não fingiu desperceber aquele acto. Baixou as pálpebras em sinal de consentimento mudo; e quando saiu da igreja estreitando o livro ao seio, sentiu que lhe lavrava fogo na alma – que esse fogo radiava da carta de Ladislau.

Depois. fechou-se no seu quarto e leu a carta.

Quem há aí que defina e analise uma carta de amores? São todas parecidas, cheias de adoráveis canduras, de entusiasmos sublimes, por vezes pueris e encantadores, jubilosos como um hosana e tristes como um gemido. Umaz vezes marejam os olhos, outras vezes fazem sorrir. O que as aformoseia e diviniza é o sentimento que nos infundem e inflamam. Se mais tarde o coração se resfria e incinera, lá vai perdida a primeira impressão: porém, se um bafejo generoso nos aviventa, se o seio arfa, se renascemos para o amor como para uma vida nova, são inefáveis os gozos que nos dão as nossas cartas amorosas. Não nos vexamos de as ler, acolhemo-las ao seio, beijamo-las sem pejo nem contrafeito pudor. Aquele que não estremece ao ler uma carta dessas, aquele que olvidou a vida ardente e febril que aí se reflecte nesse papel, esse tal não amou nunca, nem foi digno de ser amado.

Ladislau referia a Bárbara o resultado da sua viagem, iniciando-a em suas altas e legítimas esperanças, e rogava-lhe que lhe confirmasse o sublime alento de seu coração. Não mandava, implorava, suplicando-lhe que lhe concedesse vê-la todos os dias na igreja e licença para escrever-lhe, à falta de outro meio de lhe falar.

Bárbara permitiu tacitamente quanto ele lhe pedira.

O amor, porém, é insaciável. O moço não se satisfez com o prazer de a ver uma hora de cada dia. A virgem, ajoelhada ante o altar, parecia ser mais de Deus do que dele. Por isso, Ladislau solicitou encontrá-la em melhor local, e procurou os meios.

A casa do pai de Bárbara era murada de vastos hortos, e tão amplos que um deles entestava em uma espécie de matagal, em que se emaranhavam mais arbustos que árvores corpulentas. Este jardim frondente, acidentado e pitoresco, era o dilecto de Bárbara, com preferência aos tabuleiros floridos que no Estio alcatifavam os arredores da casa. A serra sobranceava aquele bosquezinho e daí perto havia uma porta estreita, que não servia nunca, já velha e carunchosa, fechada com ferrugenta fechadura incapaz de resistir a um rijo empuxão. Quando Zolpki lhe pediu uma entrevista, Bárbara pensou logo naquela porta; depois atemorizou-se e repeliu a ideia tão formalmente que Ladislau não ousou insistir. Era alma terna e melindrosa que facilmente se retraía em si mesma. Cuidou que Bárbara o amava menos de que ele esperava, e daí seguiu-se o avassalá-lo grande tristeza. Continuou, não obstante, a frequentar a igreja; mas já longe de sentir aquele entranhado júbilo que lhe brilhava na mente quando via Bárbara. Depois, nos seus olhos tristes parecia queixar-se a mágoa, e já no sorriso lhe pungia o agro da dúvida.

E não foi um dia ao templo, dizendo entre si: «De que serve ir, se não sou amado?»

Não obstante, volvidos dois dias, cedendo a novo impulso, tornou à igreja. Viu Bárbara pálida e conturbada. Repercutira nela a dor de Ladislau. E assim, ao perpassar, sem encará-lo, murmurou:

– À noite.

Recollida a casa, Bárbara apavorou-se da sua coragem. Que promessa fizera? Que destino era o seu? Como cumprir tão imprudente acto? As chaves da porta eram desde muito perdidas.

Fingiu que passeava, durante o dia, no bosque, e, examinando a porta, entendeu que só havia um recurso: despregar a fechadura: mas não tinha com quê. Esgarçou as débeis mãos e quebrou uma faca antes de poder desencravar dois pregos. Quando conseguiu isto, ouviu ao longe a voz do pai, e ergueu mão da tarefa. Correu aos braços dele, entreteve-o com diversas coisas, e voltou à empresa quando ele a deixou. Era noite. Enfim, a fechadura caiu. Bárbara escondeu-a num tufo de verdura e mais os pregos, e voltou à sala. Por causa da sua distracção foi muitas vezes interrogada carinhosamente. Respondeu que sofria. E não faltava à verdade. Ardia-lhe a cabeça, saltava-lhe o coração. A mãe alvorotou-se. Ubryk mandou-a deitar-se.

Bárbara folgou com a ordem, por estar sozinha, e não ser interrogada pelos olhares, e por palavras, bem que intencionalmente inofensivas. Sentada no seu sofá, escutava o silêncio da casa. Pouco e pouco, deu tento de que a mãe se deitava, e o pai entrava na livraria. Faltavam os criados. Deram dez horas. Bárbara nada dissera a Zolpki sobre o modo de se verem; mas a ideia da porta com todas as desejadas felicidades partira dele: era de esperar que lá estivesse.

A alcova de Bárbara era tão contígua à da mãe, que todas as precauções eram precisas.

Cobrou o ânimo, abriu a sua porta, e quedou-se momentos no corredor, a fim de certificar-se de que não acordara ninguém.

Depois começou a descer às apalpadelas, e em palmilhas.

Chegada à porta que abria para o jardim, tomou fôlego. Era cerrada a escuridão do jardim. Não havia luar nem clarão nas janelas. Bárbara sossegou: mas entrou-se de outra espécie de medo. Até àquele instante, dera-lhe alma a febre causada pela dificuldade do

projecto. Chegado o lance de ver Zolpki rosto a rosto, sentiu-se alvoroçada pelo pudor. Nada temia; que a castidade é um instinto sublime que sofre receios e não os define. O amor que Bárbara sentia não lhe era estorvo a conhecer que cometia grave culpa contra seu pai e contra os bons costumes. Seria amaldiçoada pelo pai, se ele lhe descobrisse a fragilidade: o mundo culpá-la-ia e as mães proibiriam a suas filhas que lhe falassem: e seria repulsa da sociedade onde ela tinha sido soberana até àquele instante.

Esmoreceu. Teve a ideia de retroceder: mas figurou-se-lhe isto cobardia. Receosa de que o pânico a dominasse, e o remorso lhe sopesasse o amor, correu para a extrema do jardim: e, chegada à porta. abriu-a subtilmente.

Zolpki expediu um grito de alegria: e, envolvendo-a nos braços com ardentes carinhos, estreitou-a como um tesouro. E não lhe falava, porque a sua comoção era indizível. Apenas lhe acariciava as tranças de ouro com o bafejo. Não reparava na formosura material da mulher, porque tomava posse de uma alma. Nela e nele a pureza porfiavam a qual mais imaculada. Quantas grandezas de alma cabem num santo amor as tinha ele. Como o seu intento era esposá-la. o pensamento do desejo viria somente à hora em que Deus lha pusesse nos braços.

Quando se remiram de sua letargia, ébria e encantada. Ladislau, que não a podia ver naquela escuridão, segredou-lhe ternuras, sonhos, amores, com aquela divinal eloquência que brota de corações amantíssimos, e filtra neles luminosas convicções. Foi o difundir-se de uma alma noutra enternecida e heróica. Quando ele dizia que a amava, ela respondia-lhe: «Também eu te amo»: e quando mais tarde ele disse: «Até quando?.. – apertando-a ao peito. a virgem respondeu: «Até amanhã.»

V

O POEMA ETERNO

Afoitou-se Bárbara a ponto de ir todas as noites esperar o amado ao bosque silencioso. Durante as horas que passavam juntos, esfolhavam uma a uma as mais vicejantes flores da esperança. A felicidade do momento ofuscava-lhes os estorvos do porvir. A exultação de se entreverem cada noite não os deixava sofrer receios das privações que se lhes antolhavam. Horas de casto enlevo, de efusão de alma, de apaixonados arroubos, de eloquentes promessas, eram essas de Zolpki e Bárbara! Os sentidos não tinham parte naquela enchente de gozos espirituais... Os anjos não se beijariam com mais candura. O futuro esposo não queria desluzir os mimos da predestinada noiva. O futuro lhe centuplicaria as delícias de que se privava. Quando o coração de Zolpki palpitava muito, porque os cabelos de Bárbara, roçando-lhe as faces, as estremeciam voluptuosamente; quando a tépida pressão das mãos da virgem lhe acendia lavas no sangue, levantava-se e despedia-se. E então, com dulcíssima e casta desenvoltura, ela se lhe pendia do pescoço e murmurava:

- Amas-me tu?
- Doida!... – respondia ele.
- E hás-de amar-me sempre?
- Até à morte.

E ela agitava a loura cabeça.

- As mulheres – dizia ela – são mais leais na paixão.
- E os homens mais intrépidos.
- E se nos separassem?
- Tempo virá em que sejas livre... Esperarei...
- Seguir-te-ia eu.
- E se eu morresse primeiro de tristeza?

– Assim seria, esposo da minha alma... Sei que me amas. Tua voz e teu coração têm a mesma harmonia; e eu tremo quando te escuto, porque as tuas palavras despertam em mim sentimentos de força, valor e ternura.

Todas as noites, ao separarem-se, repetiam aquelas frases incoerentes e adoráveis, balbuciavam as palavras divinas que os beijos interrompiam. Todas as noites, a ânsia de se tornarem a ver lhes dificultava a separação, e prolongava essas tão perigosas quanto queridas entrevistas.

Ai!, o amor traiçoa-se com as suas próprias demasias! Às vezes, a estrela matutina ainda os encontrava juntos! O repontar do dia assustava Bárbara, que se despedia a fugir através do jardim, subia a tremer para o seu quarto, lançava-se à cama, e adormecia tão profundamente que não ia à missa de alva. A paixão absorvia-lhe a fé, até àquele tempo tão cândida! Já não sabia que dizer a Deus desde que falava, por largas horas, a um homem, doido de amor da sua beleza, e encantado de seu espírito e da nobreza do seu coração. Esta mudança de hábitos foi grande imprudência. A mãe, impressionada, interrogou-a.

A filha atribuiu à falta de saúde a quebra nas devoções. O mesmo foi inquietar-se a família, e logo Bárbara entender que os cuidados com que ia ser desvelada lhe seriam empecilhos às noitadas amorosas.

Ubyrk. desde certo tempo, mostrava-se desconfiado da filha. Pela primeira vez, naquele sarau em que Bárbara dançou com Zolpki, conheceu que a filha herdara o seu carácter enérgico. Aterrou-o a ideia da luta. Nunca ele proferiu o nome de Ladislau,

nunca aludiu à brilhante saída que ele dera à melindrosa missão política; mas Ubryk, reparando num certo rubor instantâneo, e súbita palidez, inferiu que ela não esquecera o cavalheiroso rapaz.

Nada disse a Bárbara; mas investiu desta arte a mulher:

– Tu educas mal esta rapariga, deixando-lhe nutrir no coração ideias de independência que mais tarde nos darão que sofrer. Oxalá que não disparem em desonra para nos...

– Oh! – exclamou a mãe –, pois tu desconheces a tal ponto tua filha?

– Não sou cego...

– Mas é que tu pensas...

– Tudo e nada. Uma valsa e um momento de palestra com esse Zolpki, que o Céu confunda...

– E um nobre coração...

– Também tu!... Parece-te que é um herói?

– Digo que é. Não me compete averiguar se fizeste bem ou mal em te submeteres ao Governo russo, aceitando empregos e medalhas. As polacas, que não passam de mulheres, divergem das opiniões dos homens. Zolpki é um bravo antagonista do opressor. Conspira contra o czar, odeia-o, e toda a sua vida odiará conspirando. Esta firmeza de proceder espanta-me. Zolpki é amado de toda a gente, conquistou a confiança de um partido, e, se ele amasse nossa filha...

– Davas-lha? – exclamou Ubryk.

– Imediatamente. Quem se imola por seu pais saberá sacrificar-se à sua família e à ventura dos seus.

– Dizes sandices, e tais, que, se outro as ouvisse, bastaria isso a tornar-me suspeito. Creio que sabes quantos perigos se envolvem nesta palavra *suspeito*...

– Sei, e pode até ser que eu me abalancasse aos perigos em vez de me estar gozando de uma tranquilidade que os nossos compatriotas nos fazem pagar caro...

– De sorte que tu animas tua filha em sua louca paixão, se estás certa de que ela ama esse desatinado conspirador que há-de acabar os dias na Sibéria?

– Deus é pai dos desgraçados!

E, como o marido fizesse um gesto de impaciência, prosseguiu:

– Perguntas-me se animo a paixão de minha filha? Não. Pelo contrário, hei-de proibir-lha. Enlace não aplaudido pelos pais é funesto. Tranquiliza-te. Defenderei a paz e honra de minha filha: mas faltar-me-á força para amaldiçoá-la, se o seu coração se obstinar.

– Bem... já sei a quem me hei-de ater. E, sem mais delongas, interrogarei Bárbara na tua presença.

– Não o faças; peço-to em nome de Deus. Os homens não têm bastante delicado o coração para interrogar as filhas em tais casos.

– Sou pai.

– Pois sim; mas és homem. Uma criança, em vendo a ira nos teus olhos, não desdobrará diante deles a sua alma. A minha ternura colherá mais que a tua severidade. O que tu queres saber, eu o saberei. Mas peço-te que me deixes sondar o coração da filha, a mim só. É um direito meu... e tu sabes quanto eu, ordinariamente, uso pouco dos meus direitos...

– Seja assim, mas sem demora. Incomoda-me a incerteza. Oferece-se-me excelente casamento para a pequena. O conde Rastoi pediu-ma.

– O russo?

– Pois não somos nós todos habitantes da Polónia russa?

– Nunca! – exclamou a condessa Ubryk. – Os Polacos não ratificam a usurpação,

nem aceitam a nova carta redigida pelo imperador. Não digas tal, se não queres que o coração se me parta de dor. O que fizemos foi deixar que o vencedor absorvesse o vencido, defendendo contra ele nossa fé, nossa história, nossa língua, e sobretudo nossa família. Quanto ao mais, sossega, que hoje mesmo te farei a vontade.

O conde saiu, deixando a mulher aterrada.

Bem suspeitava ela que seu marido não estava de todo em todo iludido. Combinando pequenas coisas, conseguiria convencer-se. Se Ubryk tivesse dito a verdade? Se Bárbara amasse Ladislau? Se o entusiasmo da menina houvesse esposado o patriótico entusiasmo do ardente polaco? Também ela sentia, como mulher, os poderosos encantos de Zolpki. Compreendia qual devia ser a influência daquele cavalheiroso moço, nobilitado por incessantes arrojos, em um espírito varonil e ao mesmo, tempo amoroso. Figurando-se no lugar de Bárbara, perguntava a si mesma se, na mocidade, recusaria o amor de Zolpki.

Longo tempo se deteve encerrada, meditando em exercer poderes de mãe sobre a filha que segredava em si amor talvez forte bastante para lhe dar energia na luta.

Depois, entrando na sua própria individualidade, a condessa lembrou-se do muito que havia sido humilhada pela situação do marido; quando ela, ardente polaca, havia corado em presença dos seus compatriotas que haviam rejeitado aliança com a Rússia e padeciam desterrados, roubados, mas não enfraquecidos na sagrada defesa da terra natal.

A condessa Ubryk vira fenecerem-se lentamente os seus mais belos anos requeimados pela angústia. A apostasia do marido fora-lhe o tormento de cada hora. Acolhendo-se à maternidade, ela devia a Bárbara, se não o esquecimento, ao menos o torpor de muitas mágoas. Mas uma nova luta começava. A ter de defender a filha, a mãe revelaria coragem sobrenatural.

Que tinha porém a ganhar com isso? Que faria contra a vontade do marido? Não só impugnava ele que a filha amasse Zolpki, porque o moço lhe não convinha para genro, mas ainda, e principalmente, porque a sua política se expunha. Se Ubryk concedia à filha aquele feroso defensor da liberdade polaca, a Rússia julgaria que ele se bandeava com os perturbadores da ordem e para logo as suspeitas lhe andariam na espionagem. Entre suspeitar e acusar, a distância é curta. A situação que Ubryk alcançara tinha-lhe sido bem penosa. Muitas vezes os polacos incorruptos o tinham acusado de dar o beijo de Judas na face da Polónia atraçoada. Se ele tinha arriscado muito, cumpria-lhe guardar ao menos os benefícios da traição. Ubryk sacrificou sem mágoa a felicidade da mulher à sua ambição, e pelo mesmo teor não duvidaria sacrificar a filha.

Resolveu-se enfim a condessa. Pareceu-lhe cerimonioso de mais chamar Bárbara e ter com ela uma explicação semelhante ao interrogatório de um processo de família. Preferiu simplesmente subir ao quarto da filha.

Bárbara, ao ouvir o rumor da porta que se abria, deu-se pressa em esconder o papel em que estava escrevendo. A condessa empalideceu ligeiramente; depois, sentando-se num sofá, chamou a filha, a qual pôs ambas as mãos no regaço da mãe, e esperou. A condessa não sabia por onde começar. Pensativa, afagava os cabelos dourados da filha, perplexa entre perturbar aquele coração infantil ou revoltar o coração da mulher.

– Que tem, minha mãe? – perguntou Bárbara docemente.

– Eu nada, filha.

– Nada! – repetiu Bárbara melancolicamente. – Olhe lá se quer enganar a sua cara filha... Eu bem a vejo a sorrir nas salas; vejo-a coberta de brilhantes que lhe invejam; mas vê-la chorar... só Deus e eu!

– Tu!

– Eu, sim. E tenho pena que a mãe me não faça sua confidente e me diga: «Consola-me, que eu sofro.» E creia que eu havia de consolá-la, derramando no seu coração todo o bálsamo da minha ternura, fazendo-me criança para lhe chamar o riso aos lábios e o contentamento ao espírito... Meu pai é duro... – disse Bárbara, baixando a voz.

– Minha filha!

– Oh!, eu por mim não me queixo. Nunca lhe ouvi palavras ásperas... senão uma vez; mas eu conheço que a alma dele é áspera... Se a brandura da mãe não fosse tanta, os arrebatamentos dele haviam de ser terríveis.

– Espero que tu nunca os mereças.

Bárbara não respondeu.

– Em que meditas? – perguntou a mãe.

– Nisto... Estava a pensar se foi a minha mãe que escolheu o marido.

– Não, filha.

– Lá me pareceu... Obrigaram-na

– Nunca tive que sofrer por isso.

– Isso é a boa maneira de falar a uma filha... A mãe quer que eu respeite meu pai, e por isso diz que não teve pesar de ser sua mulher; pode ser, mas custa-me tanto a... A mãe, sendo tão polaca, há-de por força sofrer com a situação política do pai.

– Era outra nesse tempo.

– Pois sim: mas por isso mesmo a desilusão e a tristeza haviam de ser maiores.

– Resignei-me... é o dever das mulheres.

– Porquê? – perguntou Bárbara, fitando na mãe os seus grandes olhos.

– Porque o Evangelho nos ordena obediência ao marido e a lei nos força.

– Eu respeito o Evangelho e sigo a lei: mas na aplicação destes dois códigos... tenho dúvidas.

– Tu!

– Tenho reflectido muito.

– Reflecte, mas não raciocines

– Porque não?

– Porque nos é proibido.

– Bem sei; mas não faço caso da proibição. Quero obedecer a meu marido, quero amá-lo muito, segui-lo, ser a metade vivente, pensante e apaixonada do esposo recebido perante o padre: mas quero escolher esse marido que me há-de dominar; quero estimá-lo, adorá-lo antes de lhe sacrificar a vida. E tão-pouco admito o casamento de conveniência como o casamento de dinheiro.

– Que casamento queres tu?

– O do amor.

– Meu Deus!, meu Deus! – exclamou a condessa, apertando a filha ao coração.

– A mãe deve compreender isto... O casamento do amor... a castidade da paixão, a alegria do dever, a escravidão do espírito e a igualdade da razão, um esposo que é nosso amante, um esposo admirado de todos, que nos ama, que nos adora, e que só de nós é adorado!

– Ai filha!

– Quer dizer que isto é um sonho? Pois seja. Mas porque não havemos de continuá-lo com a obstinação do desejo!? A mim parece-me que, à força de vontade, se vence o destino e o que desejamos se realiza por efeito de uma lei de atracção moral: eu, por mim, só me casarei por amor, porque de outra maneira nunca aceitarei marido.

– Pobre criança! – murmurou a condessa.

– Não me lamente, aprove.

– Quisera, mas não posso.

– Censura-me?

– A mãe não ousa dizer-te que tens razão.

– Isso não pode ser, permita-me que lho diga, não pode ser assim. O que eu penso... é o que a mãe pensa ou já pensou... Se fôssemos sozinhas aqui, estava tudo decidido: mas há um estorvo...

– Um estorvo...

– Meu pai... Sei que ele, fiel ao seu sistema imperativo, há-de querer impor-me casamento que mereça a aprovação dos seus chefes e o sufrágio do partido russo... A mãe abaixa a cabeça... entendo-a... não me responde. nem eu quero que me responda... é-me doloroso expô-la a mentir, a mim ou a ele... Veio procurar-me ao meu quarto: isto. à primeira vista. parece simples... mãe e filha têm sempre necessidade de se verem e confiarem insignificâncias, que são coisas grandes, como tudo que pertence ao amor... Entretanto, algum motivo aqui trouxe minha mãe... não me engane. A maneira como me abraçou não era a do costume... O seu lance de olhos espreitava tudo o que está por aqui... Foi meu pai que a enviou... Ele que quer? Que eu me case?... Adivinho que sim. Responda-me que eu esperava o ensejo de lhe confessar o que vai no meu coração e na minha inteligência... Já estou vendo nos seus lábios uma pergunta... Peço-lhe por Deus que ma não faça, porque me obriga a responder-lhe... Não lhe esconderei nada, porque a amo... A minha franqueza ser-lhe-ia penosa quando a mãe falasse ao pai... E melhor que o não saiba.

– Desgraçada criança! – bradou a condessa.

– Feliz!, quer a mãe dizer. Muito feliz, porque o sentimento que me enche o coração dá-me valor para lutar com todo o mundo.

– Excepto contra mim.

– Oh!. a mãe, essa há-de estar sempre do meu lado – exclamou Bárbara, lançando-se-lhe nos braços.

E a mãe, abraçando a filha com ardente carinho, beijou-lhe a fronte e os cabelos; ao passo que Bárbara lhe agradeceu o abraço, tão violentamente comovida, que a pobre mãe compreendeu a profundidade do mal. Que dizer-lhe? Obter a completa confissão de Bárbara era fácil. Mas que fazer a esse segredo? Confiá-lo ao marido? Expor a filha às iras de um homem que tão mau havia sido para ela? A reticência de Bárbara era bem mais hábil e política. A mãe adivinhava: a esposa... não era obrigada a trair. E mais tarde, qual viria a ser a sorte de Bárbara? Ninguém podia sabê-lo. O que desde já cumpria era salvá-la da situação presente: quanto ao futuro, a Providência...

– Que hei-de eu dizer a teu pai, a respeito de...

– Do casamento que ele me propõe?

– Sim.

– A mãe ainda me não disse quem é que me pretende.

– O conde Rastoi.

– Respondo simplesmente que não casarei com um russo.

– Deus queira que teu pai se dê por satisfeito com essa resposta.

– Há-de dar provisoriamente.

E nada mais disseram. Abraçadas uma na outra, assim passaram a tarde.

O conde, vendo que a mulher não vinha, concluiu que as negociações se complicavam e que era chegada a hora de pôr a sua autoridade na balança.

Subiu; e, quando subitamente empurrou a porta. viu Bárbara reclinada ao seio da mãe e brandamente embalada por ela como se faz às crianças quando se lhes acalenta os vagidos. A condessa levantou-se quando ouviu o marido.

Crispou aos beijos de Ubryk uma pergunta: mas a esposa deu-lhe o braço e levou-o consigo: e, como ele tivesse pressa de saber o acontecido. saiu do quarto sem dizer nada à filha. A ansiedade da mãe e o silêncio de Bárbara dobraram a inquietação de Ubryk.

Quando porém se achou a sós com a condessa. em vez de ouvir alguma coisa positiva, escutou frases anódinas. vagas promessas, flutuações e divagações sem fim.

– Muito obrigado, sei tudo – disse ele secamente.

Saiu, e só voltou à hora do jantar.

Havia um certo embaraço e desconfiança em toda a família.

O conde jogou o xadrez com a filha. contrafez alegria muito inversa nas disposições de seu espírito: e. terminada a partida. disse que estava fatigado e ia recolher-se.

Bárbara deixou rapidamente a mãe.

– Toca a rebate no campo – disse ela. – O que irá agora acontecer?

E entrou nos seus aposentos muito perturbada.

Como quer que fosse, os diversos rumores da casa extinguiram-se como sempre a pouco e pouco: e ela esperava que o completo silêncio lhe permitisse sair para ir ter com Zolpki.

Desceu as escadas com precauções infinitas. saltitou pelas áleas do jardim e sumiu-se atrás dos mactos.

Um momento depois, ouvia o bater do coração de Ladislau.

– Como o teu seio pulsa! É de júbilo? – disse ele.

– Meu amado – respondeu ela. – O júbilo do presente não me esconde as tristezas do futuro... Aquele anjo da minha mãe propôs-me um marido por ordem de meu pai... Já sabes que recusei... Minha mãe protege-nos... Primeiro, enquanto o silêncio for possível, não diz nada: mas depois defende-nos... Meu pai é cruel e obstinado... Não me há-de perdoar nunca este amor.

– E que farás tu?

– Pedirei a indulgência do Céu e continuarei a amar-te.

– Ah!, a minha linda corajosa!

– Até à morte – ajuntou ela.

– Até à morte – repetiu Ladislau.

– Não hão-de esperar tanto tempo! – disse uma voz convulsiva de raiva.

E, ao mesmo tempo, o conde Ubryk assentou sobre o ombro de Zolpki a sua mão pesada, exclamando em voz cava:

– Corruptor de donzelas ilustres!, cobarde ladrão que entras no grémio das famílias pela porta falsa!, a desonra nunca denegriu mulher da minha família, e Bárbara não será tua vítima.

– Sr. Conde – respondeu Zolpki –, estou em sua casa, entrei aqui de noite como um ladrão, a minha vida está às suas ordens... Mas eu amo sua filha extremosamente; e, receando ser repellido por V. Ex^a, dirigi-me a ela, cuidando que assim conseguiria abrandar-lhe o coração.

– Vou matar-te, que posso por direito fazê-lo.

Bárbara atirou-se de joelhos aos pés do pai, clamando:

– Perdão, perdão!, que eu amo-o!

– Ousa confessá-lo?

– Confesso, proclamo-o, digo-lhe em alta voz que o amo. Se meu pai o fere, o mesmo golpe me dará a morte!

A pálida menina quis arrancar a pistola da mão do pai; mas Ubryk repeliu-a tão brutalmente que a fez cair em cheio e desamparada no chão.

– Mate um homem – bradou Zolpki –, mas não mate essa criança!

Instantes depois, já Bárbara se abraçava às pernas do pai e lhe dizia entre soluços estas palavras maviosas:

– Piedade e perdão para ele e para mim... Que pode fazer, meu pai, contra um amor tão forte? Nenhum de nós tem culpa. Se me separa dele, mata-me... Mas esta fria crueldade não pode tê-la um pai... Não me condene, não, meu pai?... Olhe que eu sou a sua única filha... não me repulse assim... o meu querido pai!...

– Cala-te! – bradou o conde.

– Bárbara – disse Ladislau –, os teus rogos são inúteis... Estou condenado... Não exacerbos a irritação de teu pai.

O conde apontou a pistola à frente do moço.

– Sabes que vais morrer?

– Sei.

– Não te queres defender?

– Contra o pai de Bárbara, nunca.

– Eu é que o defendo! – exclamou ela.

– Sacrílega! – bradou o pai.

– Zolpki, eu não quero que morras! – repetiu ela. – Abandona-me antes: que a minha vida se perca... Sacrifico a ti o meu próprio amor... Vive para o teu país, para a tua cara Polónia, para todos os que tu amparas com a esperança! Meu pai, se eu desistir de o amar, não o mata?

– Não.

– Bem... não o amarei...

– Não o verás mais?

– Nunca mais.

– Antes quero a morte – interveio Zolpki – que ouvir-te dizer que me não amas.

– Adeus!, adeus! – clamou ela. – Não tenho a sacrificar-te senão a minha futura felicidade... Essa te dou...

– Escuta. Bárbara – disse o conde –, a minha vontade é imutável... Amanhã entrarás no convento.

– Entrarei, meu pai.

– Será eterno cárcere em expiação de tua culpa.

– Aceito.

– Considerar-me-ás um executor da justiça familiar.

– Agradeço-lhe a vida de Ladislau.

– Saia! – disse Ubryk a Zolpki. – Salvou-o a obediência dela.

– Ah! Bárbara! – tu nunca me tiveste amor!... – exclamou o moço.

A infeliz saltou-lhe aos braços, de onde o pai a arrancou de repelão, lançando Zolpki fora do jardim.

Quando voltou, Bárbara, rígida e inanimada, estava caída em terra.

Ubryk tomou-a nos braços e levou-a à câmara da mãe.

– Aqui está como educaste tua filha – disse ele –; encontrei esta amorosa no jardim, em galante entrevista com Zolpki. Amanhã levá-la-ei ao convento das Carmelitas.

– Oh!. tu não praticarás semelhante crueldade! – exclamou a mãe.

– Amanhã – repetiu o conde.

No dia imediato, a nova da entrada no Carmelo da formosa Bárbara não era a única de que a sociedade se preocupava. Ao mesmo tempo era preso em sua casa, sem processo algum, o jovem patriota Zolpki e conduzido ninguém sabia aonde: talvez encarcerado nalguma fortaleza.

VI

MORTA E VIVA

Chegou o dia da profissão religiosa de Bárbara. E ela, no seu cenóbio, contemplava com infinita amargura o vestido branco da cerimónia. Uma após outra, examinou a saia de seda com flácidos refegos, a coroa de flores de laranjeira e o véu de filó que devia cobrir-lhe o rosto. Não cuidou ela de vestir aqueles trajos em ditosos dias? Quantas vezes, em frente do seu espelho, no palácio de Ubryk, frisando as tranças de ouro, ela dissera entre si que seria vaidosamente ditosa no dia em que cingisse na fronte o diadema nupcial! Mas, naquele tempo, antolhava-se-lhe que a vista mágica de Zolpki a banharia de luzentíssima ternura, enquanto uma grata impaciência lhe faria parecer longa a hora de desfolhar entre seus dedos aquela coroa. Figurara-se-lhe roçar no pavimento marmóreo da igreja a sua cauda de cetim, enquanto família e amigos, comovidos da sua ventura, a viam perpassar, e faziam votos pela duração de sua felicidade. Era certo que parentes e amigos a esperavam já na igreja; já flores e círios exornavam o altar e as galas da noiva estavam prontas: mas a noiva esperava Cristo e as vestes do noivado iam ser trocadas pela mortalha.

Bárbara havia jurado de entrar no convento: cumprira. A vida de Zolpki valia bem o holocausto da sua vida toda. Mas o absoluto silêncio de homem tão amado perturbava-lhe às vezes o ânimo. Bárbara não podia deixar de sentir que ele tão depressa se resignasse a perdê-la! Ainda assim, nenhum queixume murmuraram seus lábios, nem no coração a mágoa do ressentimento: porém, uma vaga impressão de desencantamento a impediu mais facilmente a curvar-se à regra claustral.

No dia seguinte ao da sinistra cena no jardim, o próprio conde levou a filha às Carmelitas. Não consentiu que a mãe a acompanhasse e declarou que a condessa só no palatário a veria.

Sozinha e com estóica valentia suportou Bárbara a primeira provação. Invocando em seu socorro a força moral, o seu amor, não esmoreceu nem hesitou. O adeus que disse ao pai foi glacial: era, desde aquele momento, um homem morto para ela: mas sofreu horrivelmente por não poder abraçar a mãe. A esperança de a ver no locutório não lhe era consolação. Ela sabia que uma freira escondida atrás de uma cortina assistiria às suas conferências: também sabia que as grades cerradas e espessas lhe não deixariam sequer apertar a mão de sua mãe. Oh!, aquela expiação de amor era uma bem completa condenação de morte! A ideia de martírio tamanho sofrido pelo homem da sua alma era-lhe amparo. A glória do moço lhe seria galardão do sacrifício; e a Polónia lhe deveria a ela o seu herói e talvez o seu libertador.

O primeiro ano de noviciado passou-o Bárbara como um sonho tormentoso. Não tendo sido levada ao claustro pela vocação, obedecia pelo dever com aquela pontualidade que empregam nas coisas mínimas as pessoas incapazes de descenderem a pedir desculpa.

As postulantes são nos conventos tratadas com especiais cuidados, que se tornam mais íntimos e meigos quando elas passam a noviças. Há então empenho em atraí-las carinhosamente a Deus, tratá-las com privilegiado amor, e persuadir-lhes que elas são objecto de uma preferência divina.

A boa mestra de noviças deve fazer quanto em si couber por persuadir às meninas que dirige que é a vocação o seu impulso. Quer elas hajam entrado no convento porque a pobreza as privou de marido, quer entrassem vítimas de uma paixão impossível, pouco

importa. Concluído o ano de noviciado, o ponto está em fazê-las caminhar ao holocausto com a alma enternecida, deslumbrada e fascinada.

Fácil coisa é dominar a imaginação de uma noviça. Bastam a comovê-la vivamente a poesia e majestade do culto católico; depois a religião suaviza-se-lhe, rodeando-a de poderosos atractivos; uma cândida vaidade, certas porfias piedosas, prefiguram-lhe nas perspectivas do Céu um trono a conquistar.

«Quando os anjos rebeldes caíram, ficou vago o lugar deles, esperando homens, mulheres e virgens que vitoriosos do mundo e do pecado haviam de ganhá-los com vida casta, mortificada e pobre.»

E o que diz a mestra de noviças. Respiga nos santos padres os trechos admiráveis que laureiam a virgindade; touca as donzelas de lírios do Céu, dizendo-lhes que hão-de ir no seguimento do esposo celestial: «As virgens seguem o Cordeiro por onde quer que ele vai.» A noviça é rodeada, premida, envolvida em tudo que possa abafar-lhe a reacção da vontade. Tiram-lhe a individualidade. Perfumam-na com as vaporizações do incenso. Enfraquecem-na com os jejuns para lhe exaltarem o espírito, aturdem-na de poesia, cujo lirismo se desata em paixões divinas, marasmam-lhe os sentidos, elucidam-lhe a vista da alma, bafejam-lhe ao coração as delicias de êxtases, de modo que, findo o ano da prova, todo levado em seduções místicas, a noviça vai de bom grado imolar-se: Ifigénia cristã, submete o colo ao cutelo: e, mais ativa que a filha de Jefté, não deplora a sua virgindade no cimo da montanha. O júbilo de entregar a Deus o corpo sem mácula liga-se a uma hombridade modesta. E mais tarde vera com piedade se não com desprezo, as mulheres que seguiram as leis ordinárias da vida.

Bárbara foi menos flexível à mestra de noviças do Carmelo. O seu silêncio e a observância glacial das regras impressionou notavelmente Soror S. Xavier. Naquela noviça adivinhava-se, sem ver-se, um coração empedernido. A mestra, tentando obter a confiança da nova pensionária, interrogou-a muitas vezes. Bárbara respondia que a sua consciência estava em paz e que somente o seu confessor podia ler-lhe na alma. Mas, se o confessor a interrogava. Bárbara encerrava-se nesta fórmula: «Nenhum pecado me dá remorsos, aceitei passar a minha vida entre as Carmelitas.»

Queriam-na porém mais confiada, mais expansiva: e houveram de contentar-se, reconhecendo que Bárbara observava admiravelmente a regra, mostrando-se agraciada com as companheiras. respeitosa com as superiores e paciente em tudo que entendia com os labores da casa. Desvelaram-se durante semanas em fatigá-la com rudes trabalhos: ela cumpriu-os sem queixar-se. não tão serena quanto se diz da predestinação das santas, mas com um absoluto desprendimento de si própria. Foi afinal forçoso reconhecer que Bárbara era exemplar.

E todavia era menos amada que as outras. Não se prestava a intimidades. Havia nela frieza inacessível às confidências das outras.

A vida claustral, aquele regular mecanismo de existência, iam-na vencendo sem que ela desse tento. Ao vestirem-lhe o hábito, entendeu que a amortalhavam: deixou-se vestir. Não lhe chegava nova alguma do mundo, nenhum eco lhe repetia o nome de Zolpki. Debruçou-se sobre um abismo moral e fez quanto pôde por se engolfar. A revolta interna acalmou-se. Aceitou o martírio que era a continuação de outro. E chegou a esperar remoto contentamento vendo que a maior parte das suas companheiras eram felizes.

A mestra de noviças deu logo tino desta mudança.

«A graça actua sobre esta menina», disse ela à prelada. «Havemos de fazê-la vaso de eleição.»

A prelada sorriu, duvidosa.

Findo o ano, Bárbara devia professar. Esta ideia já não a espavoria. Tantas vezes

lhe diziam que logo que se entregasse a Deus se havia de sentir mudada – como Paulo fulminado na estrada de Damasco, a ponto de volver-se discípulo quem tinha sido perseguidor de Cristo – que ela chegou a ansiar a hora em que morresse a si e ao mundo.

A memória de Zolpki ainda lhe vivia na alma, à semelhança de uma visão celeste divisada por entre as neblinas de um sonho... E doce lhe era o sonhar, que mais tarde e mais no alto havia de encontrá-lo, para o amor sem pavor nem pejo no eterno amor do Céu.

Muitas vezes sua mãe tentara, mas debalde, abrandar o conde de Ubryk.

«Hei-de perdoar-lhe no dia da profissão», dizia ele.

Quanto àquela terna mãe, perdoada já ela tinha há muito a imprudência da filha.

Chegado o dia solene, a condessa Ubryk enviou os ornatos de noiva às Carmelitas. Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve.

Soror S. Xavier, com duas belas noviças, entraram na cela de Bárbara enquanto ela tristemente contemplava aquele vestido.

– Vamos! – disse a Soror. – O órgão já toca e os turíbulos queimam o incenso. Nunca tamanho concurso de fiéis e estranhos se viu em nosso mosteiro. Trate de vestir-se, minha filha, que o divino esposo a espera.

Despiram-lhe o pesado vestido de burel, e logo a mulher, em todo o esplendor da beleza, radiou naquele pobre cenóbio. A seu pesar, a formosa estremeceu como se tivesse saudades da sua beleza... Nunca mais aqueles braços de jaspe, aqueles admiráveis cabelos, seriam vistos por olhos humanos: a noite e a morte iam tragar tão divinos primores... Quando se viu no espelho, receou perder o alento.

A própria mestra de noviças, espantada de formas tão perfeitas, murmurou esta frase do cântico dos cânticos:

– O minha bem-amada, tão bela que tu és, e tão sem mácula!

– Como este vestido te vai bem! – disse uma noviça, chamada Santa Ângela. – Pareces-te tanto com as *madonnas* de Itália!

– Deixa-me cingir esta coroa nos teus lindos cabelos – ajuntou a morena Soror das Cinco Chagas com júbilo infantil. – Ah! que feliz tu és em professar... A mim fazem-me esperar, e há tanto tempo que suspiro pelo esposo amado...

As duas meninas Santa Ângela e Cinco Chagas empregavam encantadora garridice no cuidado de vestir a companheira. Uma, alma ardente, inocente e exaltada, imaginava-se predestinada a gozar os êxtases de Teresa de Ávila: a outra, meiga e triste, passava à orla do altar infinitas horas absorvida no sentimento da presença do seu Deus. Pombas amorosas, volitavam ao Tabor e pensavam no santíssimo deleite da transfiguração.

Bárbara sabia que tinha de subir a encosta do seu gólgota.

Era belo vê-la com o véu ondeante sob a coroa das flores e envolta nas majestosas dobras do alvíssimo vestido.

Todas as pompas mundanas haviam entrado no convento, porque aquele dia era festa do Céu e espectáculo curioso para a Terra.

Estava cheio o templo. No arco do altar-mor via-se um genuflexório de veludo, sobre o qual a profitente ajoelhou. Quando ela apareceu, fez-se um rumor de piedade e assombro. No seu rosto sempre a mesma expressão fria: porém, quando viu a mãe, resvalaram-lhe no rosto duas lágrimas, que enxugou com o véu.

Principiou a missa, bem rápida para a profitente. Era chegado o momento supremo: o terror parecia sufocá-la.

Subiu o padre ao púlpito, exaltando a ventura da noviça eleita para as bodas de Jesus, apontando-lhe no Céu a coroa e palma que a esperavam: e ao mesmo tempo que

os assistentes compadecidos pediam a Deus a felicidade da professora. Bárbara sentia-se falir de coragem.

Chegou enfim o momento fatal. A mestra de noviças aproximou-se da profítena: as duas postulantes ladearam-na e a prelada saiu à frente, levando na mão uma grande tesoura. Santa Angela tirou-lhe o véu e a coroa de flores. A prelada desatou-lhe os cabelos por sobre as espáduas: dir-se-ia então que um manto de ouro flutuante, fluido, admirável, envolvia a virgem.

Um grito estridente estrugiu de entre a multidão: era a condessa Ubryk que desmaiava.

Aquelas peregrinas tranças, aquelas rutilantes espirais que outrora com tanto amor alindava, perfumando-as, trançando-as, estrelando-as de flores e pérolas, iam ser cortadas sem piedade!

O gemido de sua mãe angustiou tão profundamente Bárbara que se voltou de súbito sobre o seu genuflexório e durante minutos mostrou a face à multidão. Oh!. como foi triste vê-la colher dos lábios húmidos de lágrimas nas pontas dos dedos trémulos um beijo que enviou à mãe!

Mas... mau foi que ela assim provasse que não estava inteiramente morta para as coisas deste mundo, porque a Madre Xavier lhe disse em tom repreensivo:

– Em que está a pensar?

Bárbara curvou o colo, e a tesoura ringiu-lhe no cabelo... Um momento depois, aquela onda loura jazia em terra enovelada e morta.

E, quando as tranças caíram, Cinco Chagas pôs-lhe na cabeça um véu negro e encaminhou-a à sacristia.

A infeliz não pensava: ia inerte, deixava-se levar.

Despiram-lhe o vestido de noiva, vestiram-lhe o hábito do Carmo, sem que ela fizesse algum movimento que lhe não fosse ordenado. Vestida de carmelita, olhou para si e não se conheceu. Mas era bem ela!, pálida, anjo de infortúnio, com o duplo encanto da desgraça!

– Como ela é ditosa! – dizia Soror Santa Ângela. – Também eu hei-de assim estar, semimorta de santos delíquios no dia da minha profissão...

– E eu por mim – murmurou Soror Cinco Chagas – cantarei o *Nunc dimittis* com o transporte das esposas escolhidas.

– Vinde! – disse a mestra das noviças, dando a mão a Bárbara.

As duas noviças, vendo que ela caminhava a custo, abraçaram-na pelos ombros, e assim a levaram, esmaecida, mas formosa daquela morbidez.

Entrou no templo.

A volta dela, as freiras regougavam soturnamente.

Nesta cerimónia o mínimo entusiasmo esmoreceu.

Levaram a professora ao centro da igreja; mandaram-na ajoelhar numa alcatifa e prostrar-se.

Bárbara baixou-se, colou a face às lajes, cruzou os braços, imóvel, aspecto de cadáver.

Cobriram-na de crepe funeral.

E o canto *De profundis* revoou no templo, sublime e terribilíssimo!

Bárbara tiritou debaixo do crepe. Parecia-lhe que cada palavra daquele plangente cantar lhe pregava o caixão que ia descer às profundezas sem fim.

Desde este instante perdeu a consciência de si. Fez-se parte naquela corporação austera e despótica. Não lhe restava impulso mínimo de vontade própria. Esqueceram-lhe as horas durante as quais ela anelara aquele morrer... Sentiu tentações de erguer-se, sacudir a mortalha e gritar: «Estou viva! Estes responsos fúnebres não são por mim!»

Mas que escândalo não seria este desespero! Que vergonha para sua mãe! Que cólera para o pai! E Zolpki? Zolpki decerto pagaria com a vida a cobardia de Bárbara, que teve um dia o orgulhoso pensamento de o salvar!

E caiu, como expirante, no momento em que acabou o último versículo.

Ergueram-na.

A última palavra do seu destino estava dita.

Levaram-na ao locutório.

Esperavam-na a condessa e o conde de Ubryk.

A mãe abraçou-a desfeita em lágrimas.

O conde disse-lhe em voz baixa:

– Estás perdoada!

E ela nem se inclinou nem respondeu a tais palavras: ficou de gelo para o perdão: mas apertou ao seio a mãe com a veemência da suprema ternura.

A prelada cortou estas expansões: porque, ao fim de um quarto de hora, a freira devia deixar a família e ir tomar posse do seu cubículo.

Estamos em um recinto quadrado, de tabique, com janela para um pátio e com o único horizonte de um alto muro. Um leito de bancos coberto com uma manta, uma cruz, uma banquinha e algumas vasilhas de barro eram o adorno da cela. Tudo aí era frio de traspassar. Havia mais um crânio e uma imagem de Santa Bárbara com uma espada na mão e a torre na outra grudada no tabique. A vista não achava ali nada consolativo. Era tudo selado de sofrimento rígido, sem compensação nem alívio. Era aí o reduzir-se hora a hora a pó o corpo em martírio vagaroso, em lenta consumpção.

– Filha! – disse a Madre S. Xavier –, a porta de uma cela é a entrada do Céu.

– Basta que seja a entrada da sepultura – disse Bárbara.

Esta frase destoou nos ouvidos da freira: mas, reflectindo, cuidou que a julgara erradamente. Talvez quisesse dizer que pela sepultura se entrava no caminho do Céu.

– Deixo-vos com o Salvador – tornou a mestra –: os grandes júbilos querem-se saboreados em silêncio.

Bárbara inclinou a cabeça sem responder.

A porta fechou-se surdamente.

A nova carmelita estava enfim sozinha.

Relançou um olhar espavorido à gélida tarimba, achegou-se à janela gradeada como a dos cárceres, circunvagou por tudo a vista numa espécie de muda desesperação: depois, de repente, em êxtase da sua índole apaixonada, caiu de joelhos, tomou o crucifixo entre as mãos e colou os lábios nos pés traspassados de cravos.

– Consola-me, Senhor – balbuciou ela –, que me sinto desfalecer; ama-me, que a minha sede de amor é inextinguível. Dizem-me que doravante és meu esposo, meu confidente e pai... Remunera-me de tudo que perdi: a mãe que me chora e o amado que eu invoco. Jesus, cede-me, Jesus! Não vim aqui espontaneamente... atiraram-me ao teu altar como se atira ao açougue a ovelhinha boa para a degolação... Eu amava um homem, amava-o quanto se pode amar... Toda a minha alma lhe dei... meu peito ardia bafejado pelo seu hálito. Sou ainda pura, e, ainda assim, a minha virgindade já não é como a de minhas inocentes irmãs. Acolhe-me, absorve-me, engolfa-me no abismo das tuas ternuras, esconde-me na chaga aberta do teu coração. Eu quisera ser uma digna carmelita e cumprir por dever o que os outros cumprem por vocação... Neste mundo tenho-te só a ti, Jesus!, e no outro serás tu também. Sou a tua serva, a tua filha. Faz de mim a tua dilecta. Atrai-me ao santuário das tuas delícias... Que os divinos êxtases do teu amor deslumbrem até a lembrança de outros amores transitórios.

Bárbara calou-se sufocada pelos soluços.

O chorar deu-lhe alívio. Quando desceu ao refeitório, parecia sossegada.

Deram-lhe legumes cozidos sem sal: não os tocou. Dispensaram-na. Naquele dia era Bárbara a predilecta da casa. Agradeciam-lhe ter sido causa de vir ao templo tanta gente com tão ricas esmolas. Se alguma nuvem escurecia o espírito da freira, era cedo para repreendê-la.

Bárbara cantou em coro; depois, tornando à cela, adormeceu alquebrada pelas comoções do dia.

No dia seguinte sentiu-se algum tanto consolada, pensando que o seu destino estava decidido. Era, pois, tudo acabado. Nem já esperar lhe era permitido. A serenidade sucede sempre a uma certeza, boa ou ma.

A ansiedade é a máxima das torturas. Se eliminassem a prisão preventiva e o tribunal, a pena de morte seria quase nada: não aterroria o paciente, nem os carrascos, nem os juizes.

Portanto, esforçou-se Bárbara em sujeitar-se à sua vida, achando-a suportável.

Não havia fugir-lhe: tanto montava aceitá-la como rejeitá-la. Esperou a visita do divino esposo, e no entanto curou de tranquilizar-se e esmaltar a vida de mil visões ocultas. Ao ler a *Legenda dos Santos*, exaltavam-se-lhe as esperanças. Quando estava sozinha no seu cenóbio, almejava a visita do serafim que devia traspasar-lhe o coração com a sua frecha ardente e chamava o esposo que devia dar-lhe o anel que Santa Catarina de Sena recebera do Salvador: e espiritava as forças do cérebro e os nervos do corpo naqueles radiosos enlevos que transfiguram o semblante e vaporizam a alma.

Muitas vezes, depois das noites passadas sobre o grabato do seu leito, despertava com o corpo macerado, todavia, sorrindo. E que sonhara que um anjo a tomava nos braços, à imitação dos querubins nas assunções da Virgem. E aquele anjo tinha uma vaga semelhança com Zolpki. – Estranha analogia que ela não podia compreender.

A beleza de Bárbara tinha o que quer que fosse estranhamente novo.

A prelada e a mestra de noviças contemplaram-na um dia, e a primeira perguntou:

– Que faremos desta menina?

– Uma contemplativa, decerto – respondeu a Madre S. Xavier.

– Pois sim, uma crucificada ou esposa do cordeiro.

– Crucificada... mas ela é tão bela! 1

– Veremos – disse a prelada meditando. – Até hoje não pude formar ideia bastante exacta do seu carácter: e, apesar da sua sagacidade. parece-me, minha irmã, que não está ainda bem segura da direcção que devemos dar a esta jovem santa.

– Não seria melhor que ela escolhesse?

– A prova tem perigos.

– Mas é decisiva... Quando Bárbara souber o que são as noites da penitenciária, então será ocasião de introduzi-la no *jardim das delícias*.

– Pensa bem. E no entanto – ajuntou Soror Xavier – continuarei a purificá-la na devoção.

– Quanto puder... Soror das Cinco Chagas parece-me que voeja nas alturas do Céu, como casta pomba.

– É preciso reprimir-lhe o zelo.

– E Santa Ângela?

– Passiva, um tanto fraca. crendeira e fácil de modelar-se como cera.

– Nas suas práticas com Bárbara, mostre-lhe a entrada do cenáculo como elevada recompensa. Faça que ela deseje ardentemente a iniciação dos nossos mistérios... uns dolorosos, outros gozosos. passando dos mais cruéis aos mais suaves... Cite-lhe passagens escandecidas dos santos padres, que encarecem a castidade e a paciência. principalmente S. Jerónimo: dê-lhe a ler o *Cântico* de Salomão: é preciso que esta alma em tormentas de não sei que tempestade se nos entregue sem reserva alguma... É

preciso.

Soror Xavier sorriu-se, fez a reverência, e saiu.

A prelada era mulher de cinquenta anos, refeita e robusta, apesar do regime da vida carmelitana. Parece que os estatutos não enfraqueciam aquela vigorosa natureza. Testa estreita, boca grande e sensual, nariz dilatado, barba carnuda, eram feições que davam à sua fisionomia um complexo de traços lascivos corrigidos pela unção dos olhos e brandura da voz. Se esta mulher vivesse na sociedade, haveria muito quem dissesse ao vê-la: «Que paixões não irão ali e que tempestades não terá desencadeado aquela mulher!»

Todavia, como ela era freira, os juízos eram outros, assim exprimidos:

«Que apetites e que sedes voluptuosas ela não terá vencido antes de chegar àquele abatimento!»

Sujeitaram pois Bárbara, sem que ela o suspeitasse, a um regime moral e religioso. Prepararam-na para a visão e para a vida contemplativa. Prestou-se inocentemente àquela educação monástica, comprazendo-se no marasmo e enervamento das suas noites e no perdimento, durante os trabalhos do dia, das lembranças do mundo.

Era-lhe proibido ver a mãe. A porta que se fechara nunca mais se abriria. Como lhe disseram que não tinha perspectiva senão a do Céu, forcejava por alcançá-la. Jejuava, orava, trabalhava, cantava no coro, observava perpétuo silêncio, e deixava esconder a sua alma como ave solta para além do espaço e do tempo. Suspirando por ver ainda Zolpki na eternidade, ceifava palmas de mártir e santa. A prelada louvava-lhe o fervor e as companheiras amavam-na. Cinco Chagas e Santa Ângela invejavam-lhe a dita de ser tão favorecida da graça da prelada e da mestra das noviças. Mau grado seu. Bárbara, bem que não fosse orgulhosa, deixava-se brandamente embalar destas lisonjas. E quanto a lisonjas, não as há aí mais idóneas para seduzir almas tenras que exagerar-lhes as perfeições e crê-las dignas do amor de um rei e das núpcias de um Deus.

Prometiam a Bárbara como galardão do seu fervor admiti-la na primeira assembleia de penitência. Para isto era-lhe mister edificar grandemente a comunidade, afervorando-se mais. Esta iniciação era retardada até se confirmarem as virtudes das recentes professoras: e sobretudo havia nisto o propósito de lhes sondar as disposições e obter a certeza de que elas se não recusariam à celebração dos sagrados mistérios, os quais, no dizer da prelada, indicavam a verdadeira predestinação das Carmelitas.

VII

O RECINTO DA PENITÊNCIA

É noite.

Uma lampadazinha alumia frouxamente o corredor do convento das Carmelitas.

O som de uma sineta, fúnebre como a toada da campainha que tange no viático. tilintava a espaços e lentamente. Vão-se abrindo as celas das freiras uma após outra. Algumas perguntam em tom aflito o que vai acontecer. As professoras novas tentam em vão que as velhas religiosas lho digam. Grande número delas caminha ao longo do dormitório, com aspecto de medo. As duas noviças Santa Ângela e Cinco Chagas vão pressurosas, procurando Bárbara, que as espera transida do espanto causado por umas palavras ouvidas na véspera. Não pode recusar-se àquela reunião; mas segue-as com visível repugnância.

E a sineta vai tangendo sempre...

Uma a uma, seguindo aquela melodia da noite e da angústia, semelhante ao *Angelus* pelo som argentino e ao dobre a finados pelo lúgubre das notas, as freiras descem as escaleiras de granito. Reina ainda escuridão quase absoluta. A prelada desenvencilha uma chave da cintura, abre uma porta de dois batentes, e as monjas penetram num vasto recinto. A meia treva que aí se condensa não deixa desde logo entrever o local onde estão.

São enormes as dimensões daquela quadra. Dá a lembrar um salão de tribunal. Ao ver a variedade de esquisitos objectos que aí se amontoam, lembra se aquilo será um dos horrendos subterrâneos que a Inquisição decorava de instrumentos de tortura. Com a diferença que a Inquisição agarrava da vitima para acorrentá-la ao potro e ali – fenómeno incompreensível! – a vitima suplicava aos algozes que a iniciassem nos mistérios da flagelação.

As paredes negras não recebiam o menor reflexo da lâmpada pendente ao meio. Só de longe uma faísca argentina reverberava em malhas de ferro de uma camisa semelhante à cota dos cavaleiros, ou as puas das sandálias de ferro tremeluziam cintilações.

As religiosas entoaram o plangente salmo do *Miserere*.

Esta poesia vibrante de gritos de angústia, conclamada na escuridão por mulheres prostradas, com os braços em cruz e o rosto no pavimento, era horrível de ouvir-se!

A intervalos, a voz da prelada sobrelevava a das freiras: era quando o poema de David tinha palavras mais análogas à situação.

– *Asperge-me com o hissope para que eu me purifique.*

E as freiras respondiam:

– *Asperge-me. e eu serei mais branca do que a neve.*

Concluída a salmodia, a prelada ergueu-se.

Com os lábios crispantes, a fronte lívida de pitonisa. sofrendo a voz seca e soturna. falou assim ao rebanho curvado a seus pés:

– É chegada a hora do sacrifício sanguinolento como o do Calvário... O Senhor não quer hecatombes de cordeiros e de novilhas: quer que suas filhas se lhe sacrifiquem até ao sangue... Vós não sois esposas de um Deus de glória, mas do Cristo agonizante no Calvário. À luz celestial, radiada de vossas chagas voluntárias, é que sereis reconhecidas no dia final! Concentrai toda a vossa fé, despertai toda a vossa coragem, meditai na constância das mártires belas, novas e delicadas como vós. Quem não quer aguentar sua cruz é indigna de mim, diz o Senhor. Ó Virgens, salpicai de sangue vossas

palmas e arneses. Invocai o martírio como um favor, implorai força para sofrer dores excruciantes, a fim de vos tornardes mais dignas dos amplexos do esposo... De sobre as ruínas do corpo é que a alma se levanta esplendorosa. Odiai a carne para adquirir imortal recompensa. A sexta-feira é o aniversário da morte de Jesus; morrei também, ou ao menos roçai nos lábios o cálice da amargura. Estendei as mãos aos cravos, as espáduas à cruz, deixai escorrer sangue por pés e braços: e, santamente cruéis convosco, alentai-vos, fortalecei-vos para uma nobre porfia. Quem me dera ver-vos a disputar as lancinantes dores do Deus do Gólgota, e com as mãos abertas para mim a implorá-las... O vós, que conheceis as amargas delícias da mortificação! Vós, que conheceis a paga que Deus vos dá, e cujos delíquios vos igualam às santas, vinde exclamar com Santa Teresa: *Sofrer ou morrer!* Vinde repetir como S. João da Cruz: *Eu fui recaldeado no amor, como em frágua.*

Vinde! ardei!. sofrei!. morrei!, se quereis ganhar o direito de reviver.

A prelada fez uma breve pausa.

As freiras ergueram-se vagarosamente.

Algumas, acoradas, ficaram com as mãos cruzadas sobre o peito; outras, pendendo a frente, punham as mãos suplicantes, e as mais ardentes estiravam os braços para a priora.

Bárbara escutou aquilo tudo estupefacta.

Cinco Chagas sorria em êxtase e Santa Angela tremia de impaciência, estendendo as alvas mãos para a prelada, que prosseguiu:

– Meditai nas agonias do Cristo no jardim das Oliveiras... Ele, em resgate do mundo, oferecia-se como vítima, e, contudo, tamanho é para a humanidade o preconceito da dor física, que bradou: *Meu pai!, afasta de mim este cálice!* E ferindo-se no peito recebia a paixão inexorável como um decreto da justiça divina... Não calculeis sobre a vossa fragilidade... Eu sou forte naquele que me fortalece, diz S. Paulo. Cada uma de vós pecou: fira-se cada uma no próprio seio. As que se persuadem possuir ainda a inocência baptismal expiem os crimes do mundo que se condena a esta hora em que nós sofremos... *Mea culpa! Mea culpa!*

E então uma religiosa saltou para o meio da sala, pegou da pedra suspensa na correia de couro e deu com ela tão fortemente no peito que soluçou um rouco gemido. Mas este grito de dor, longe de aterrar a companheira, pareceu reanimá-la de tão viva inveja, que caiu por terra, extenuada de sofrimento, espumando sangue.

E para logo irromperam todas num brado de *mea culpa* homicida; porém, a voz da prelada dominou os gemidos das pacientes, clamando assim:

– Quem dirá as agonias do Salvador na noite antecedente à sua morte? Vede-lo errante de tribunal para tribunal? Aqui, vestido com túnica de histrião; ali, esbofeteado por um soldado; por toda a parte ludíbrio de apupos, de escárnio e despezos! Ei-lo chega a casa de Pilatos, do cobarde, que o acha inocente, e sacrifica-o, não ao urrar do povo, mas ao medo dos Romanos, de quem depende! Este homem está inocente, diz ele; e contudo consente que o flagelem. Vede-o arrastado pela soldadesca, chusma de algozes ali feitos de improviso. Vede-o sem defesa e silencioso, enquanto as vestes lhe são enfarpadas por miseráveis que o maniatam à coluna dos açoites. Ei-lo, o homem das dores! Que sinistros vergões esculpem os látigos naquelas carnes virginais! Quem contou o número de açoites que verberaram o filho de Deus! Àquele espectáculo os anjos cobrem o rosto, e a terra sorve convulsa o sangue inocente do cordeiro imaculado... Eis aqui o vosso pretório... Minhas filhas, a coluna está erguida... o suplício espera-vos. Quem ama bastante o Salvador para aquinhoar com ele o mais sensível dos seus tormentos? Quem vem maniatar-se ao poste? Quem quer ser flagelada por amor a Jesus?

Cinco Chagas saiu à frente com o rosto brilhante de entusiasmo.

Blandina, a mártir lionesa, devia ter aquela casta formosura quando a prenderam à coluna, em redor da qual tigres e leões chegaram a lamber-lhe as plantas.

A mestra das noviças, rápida como o pensamento, introduziu as mãos de Cinco Chagas na goliha de ferro chumbada na coluna.

Imediatamente uma freira descintou o seu hábito e o deixou resvalar pelas espáduas. Ei-la inteiramente despida.

Cinco Chagas expediu um brado de pudor.

– As disciplinas, as varas, os tagantes de couro, tudo que quiserdes... Antes quero todos os martírios que ver-me nua.

– Filha – respondeu a prelada –, ainda não compreendes o Cristo! Lembra-te que Jesus, Deus da castidade, foi exposto nu diante da vil gentalha.

Feito certo sinal, uma freira velha lançou mão de uma disciplina e começou a açoitar o corpo de Cinco Chagas. Cada golpe ia progredindo em força. A menina estorcia-se, confrangida pela dor; gritava por Deus; soluçava escabujando; às vezes parecia desmaiar, mas de repente ela mesma pedia que lhe exacerbassem a tortura.

Quando o braço da velha fraquejou, a vítima recostou-se desfalecida à coluna. O hábito cobria-lhe os pés. As costas, cortadas de vergões roxos ressumavam orvalhos de sangue.

– O meu vestido!, o meu vestido! – exclamou ela.

A priora pôs-lhe na cabeça uma coroa de junco com véu negro e deixou-a assim.

Cinco Chagas chorava sufocada.

A dor da freira não impressionava as monjas que já haviam passado por semelhantes provações. Ao avesso da mínima piedade, era horrível vê-las a despirem-se e a proverem-se de disciplinas que tinham nas extremidades balas de chumbo. Algumas acolchetavam no alto dos braços nus braceletes de lhama de ferro, com umas puas por dentro que entravam pelas carnes; outras, cingiam à cintura um cinto da mesma natureza, da largura de uma mão, e deste modo estavam imóveis, orando. Santa Angela, vendo que uma das suas companheiras calçava umas sandálias de ferro, tirou umas da parede, calçou-as, e ligou as pernas com as correias. Ao levantar-se, esteve para cair. As solas dos pés sangravam-lhe feridas nos cravos, de que as sandálias estavam eriçadas.

A voz da prelada sobrelevou às surdas lástimas arrancadas pelo sofrimento, da seguinte forma:

– Humilhai-vos! Sede, como diz Isafas, não entes humanos, mas vermes... Tomai sobre os ombros flagelados a cruz do Salvador dos homens; e como ele cai sobre o peso esmagador. Que os vossos débeis braços se cansem a sustentar o instrumento das torturas: não importa, ide até ao fim da vossa paixão. Exaltem-vos as próprias dores; lágrimas e sangue, tudo vos será contado.

Uma das flageladas curvou-se, ergueu do chão uma cruz de pau de peso de oitenta quilogramas, levantou-se com muito custo, caiu, ergueu-se outra vez, sustendo-se dificilmente: e, arqueando-se e gemebunda, arrastou-se até meio do recinto. Ai caiu lívida, extenuada, e ficou, meio prostrada, sob a cruz, buscando ainda com os braços cingi-la, até que perdeu a consciência da vida.

Assim como os fanáticos indianos e os aissauás se excitam mutuamente com o espectáculo de seus sofrimentos, e porfiam no requinte da crueza, por igual teor as religiosas encerradas na casa-penitenciária embriagavam-se contagiosamente no padecer. As novas chamavam a si as velhas, investidas no cargo de atormentar, e pediam açoites, disciplinas, coroas de espinhos, espartilhos de ferro. Possessas daquele delírio, soluçavam ao mesmo tempo que a salmodia do *Miserere* cobria com a toada os clamores das penitenciadas: era uma vertigem, a demência sem nome, a histeria sangui-

nária. Aqueles corpos tenros, alvos e flácidos, atiravam-se ao martírio mais sedento do que o fazem as amantes aos braços que as acariciam.

Afinal distinguia-se claramente o conjunto desta cena: Cinco Chagas, nua, amarrada à coluna; Santa Angela, esvaída sob o peso da cruz; o maior número meio vestidas, açoitando-se com disciplinas, ou com uma das pedras suspensas do tecto.

Por fim, a voz da prelada reboou de novo:

– Ao calvário!, ao calvário! As crucificadas serão as queridas do crucificado! Quem sobe ao patíbulo? Quem vai imitar o senhor no Gólgota? Quem arde em sede do cálice de fel para se embriagar depois com as inefáveis delícias que o esposo reserva às suas amantes? Ao calvário!

Santa Ângela levantou-se, como galvanizada, sobre os pés esgarçados pelos picos das sandálias, e avançou cambaleando até ao ângulo mais escuro da sala.

Sobre a parede negra via-se uma enorme cruz: a prumo e lateralmente havia gólgotas de ferro destinadas a suspender o tronco e os braços. Na base da cruz ressaltava uma tábua sobre que a crucificada havia de apoiar os pés.

– Minha filha, tu és a pomba dilecta de Jesus! – disse a priora à pálida penitente.

Amparou-a, ajudou-lhe a pôr os pés sobre a prancheta, ajeitou o aparelho das gólgotas, e, instantes depois, o corpo da formosa moça mostrava-se inteiro, sobressaindo por sua alvura à cor negra da parede.

Instantaneamente, conclamaram todas:

– Milagre! Milagre!

Santa Ângela já não se contornava sobre um fundo escuro: um foco suavemente luminoso a aureolava de uns alvares matutinos, mosqueados de raios cor-de-rosa, resplendor maravilhoso como o do dilúculo, só definível com as palavras escritas nas vidas dos santos, sempre que aí se referem êxtases de bem-aventurados, delíquios e arrebatamentos para além-mundo. Vistes as telas de Murillo e a *Noite* de Corrégio? Compreendereis o efeito produzido por aquela claridade mágica e súbita, O corpo nu da juvenil religiosa parecia cercado de nimbo celestial. Com a fronte um pouco pendida e os joelhos tanto ou quanto curvos, Santa Ângela ficou imóvel.

Nada mais para assombro e dor que o espectáculo daquela mulher crucificada! O entusiasmo das monjas redobrou à vista do prodígio. Era então o pedirem todas a cruz, todas a implorarem torturas, para participarem da glória de Santa Angela, porque santamente a invejavam. Que doloroso lance de olhos lhe fixava a Cinco Chagas!

A prelada andava por entre os grupos, acirrando o zelo das frouxas e alentando o fervor das zelosas... A loucura da cruz alucinava todas vertiginosamente, exceptuada uma.

A priora distinguiu-a; e, dirigindo-lhe a palavra, perguntou:

– E tu, Bárbara, não farás nada por Deus?

– Por Deus dei eu a minha vida à clausura.

– Não humilharás teu orgulho imitando tuas irmãs?

– Receio desonestar a minha castidade – respondeu Bárbara. Fizeste voto de penitência – continuou a prelada.

– A vida aqui é já de si longa penitência, nossa madre.

– Iludi-me contigo: tive-te em conta de vaso de eleição, julguei-te

vencida por Cristo. crucificada por amor dele e digna dos seus celestiais abraços.

– Quero sair daqui – disse Bárbara com uma voz soturna. – Enoja-me a vista do sangue... desmaio com este enjoativo cheiro...

– Conserva-te, para que o exemplo te anime.

– Eu desprezaria a dor se não houvesse nela a impureza... A nudez de minhas irmãs faz-me sofrer.

– Só Deus as vê... – murmurou a prelada.

Neste momento. Bárbara inteiriçou os braços tão rigidamente como se fossem de pedra e apontou para a parede que defrontava com a crucificada.

Um postiguiño se abria naquele momento.

E Bárbara, apontando-o, exclamava:

– Ali!, ali!

E caiu sem sentidos no sobrado.

VIII

AS NÚPCIAS CELESTIAIS

De repente, fez-se profunda escuridão no recinto. As freiras apanharam às apalpadelas os vestidos dispersos. Algumas gemiam e bastantes não tinham força que as levantasse.

Santa Angela desmaiara na cruz. Três religiosas foram então desapertá-la destramente das golilhas que a acorrentavam ao madeiro. Caiu-lhes inerte nos braços o corpo da menina. Uma tomou-a pelos ombros, outra pelos pés, enquanto a terceira, procurando na parede certa mola, abriu uma portinha que dava para um estreito recinto cavado na espessura da parede.

As duas freiras velhas puseram o corpo sobre um leito formado de muitas almofadas Justapostas, depois humedeceram finos lençóis de cambraia em água aromatizada de um vaso que ali estava sobre uma banquinha.

Estes objectos precisos ao enterramento da crucificada estavam preparados, porque já sabiam que pelo menos uma das freiras novas levaria até àquele extremo de demência a prova da sua devoção.

Santa Ângela permanecia imóvel, com as pálpebras cerradas e o corpo hirto sobre almadragues de damasco escarlata. Parecia realmente morta. Ao lavarem-lhe o peregrino corpo, cingiram-lhe na cabeça uma coroa de rosas.

As duas monjas contemplavam-na, quando por entre os lábios lhe ciciava um suspiro sibilante.

Depois sumiram-se por uma avenida que se fechou logo tão hermeticamente que os mais perspicazes olhos não vingariam descobri-la passados momentos.

Dissemos que Santa Ângela estava deitada sobre um flácido coxim. Em frente deste havia outro, coberto de veludo preto, sobre o qual se estendia uma imagem de Cristo descido da cruz. Era maravilhosa aquela escultura!

Nesta fúnebre câmara não se via o crucifixo retesado, anguloso, atormentado como o do locutório. Este que acompanhava Santa Ângela em seu *retiro* era em verdade o «mais gentil dos filhos dos homens». A cabeça, esplendidamente bela, atraía com inefável expressão de ternura. Brilhavam-lhe os olhos por entre as longas e sedosas pestanas; parecia chamar com os lábios: as asas do nariz como que arquejavam; coroavam-lhe a fronte louros cabelos semelhantes à barba um tanto frisada. Braços admiráveis caídos ao longo do corpo com flexibilidade de vivos. As mãos encarnadas nas palmas pareciam cheias de pétalas de flores vermelhas, e não manchadas de sangue na cisura dos cravos. Pernas nervosas e pés de irrepreensível delicadeza. Não era estátua de homem, se não de um deus, quanto podem artistas realizar um tipo sobrenatural; mas esta divindade sedutora parecia vagamente maliciada de idolatria pagã. Era Jesus morto ou Apolo ferido? Aquele admirável corpo não exalçava o pensamento. E, se ideias carnis assaltassem o espírito contemplativo, com toda a certeza devera pensar-se que, se um prodígio animasse tal estátua, qualquer virgem se daria por contente de tal esposo.

A legenda de Voragine, a *Vida dos Santos* de Godescar, superabundam em milagres daquela natureza. Umas vezes o caminheiro que pede agasalho, se transfigura de manhã na beleza de Jesus; outras vezes uma formosa rainha, que levava em braços um menino doente, o vê transformar-se em imagem do crucificado. O que já sucedeu pode suceder de novo; ou, pelo menos, é fácil compreender que as freiras moças, afeitas aos perpétuos contos de tais visionices, milagres e transfigurações, se iludam

facilmente. Deram-lhes uma particular educação de que cedo ou tarde são infalíveis as consequências. A noviça que vive em esperanças de gozar um dia os amplos do esposo divino está sempre a ponto de aceitar o prodígio em cada noite, porque as noites encerram favores misteriosos, e é de noite que as há-de visitar o amantíssimo noivo. Sob qualquer forma que lhe apareça, adorá-lo-á, em arroubos de celestial prazer, e ao romper da aurora lhe estará dando pranto de reconhecimento infundo. Os dias passa-os a merecer preferências do Salvador; as noites, a esperar sinais dessa distinção. Se o corpo sofre, o espírito reacende-se-lhe. Elanguescem-na dulcissimamente os perfumes do ar que respira. Murmura palavras estranhas, cheias de blandícias misteriosas. Diz a Jesus o que amantes não ousam dizer aos amados. Presta-se-lhe a língua flexível a toda a variedade de expressões amorosas. Estão-lhe continuas nos lábios as palavras: êxtases, delíquios, arroubos, prazeres divinos, esvaimentos, infusões angélicas, supremas exultações. Chama o amado, oferece-se-lhe, dá-se-lhe langorosa. Sem saber como, sente-se a um tempo exaltada na fantasia e nos sentidos. Arde, ama, arfa de misteriosos desejos, voláteis como as auras, discretos como um sonho, tão abismados nas profundezas inocentes do seu espírito, que julga sentir eflúvios de graça quando o coração lhe palpita mais forte e a respiração mais apressada. Bem sabe ela que perigos afronta. Naquele vago aspirar à condenação, crê ganhar o Céu. Crava os olhos no Cristo sem sobressaltos nem remorsos, sem mesmo atentar na nudeza da imagem resplendente. Lê a relação dos milagres, que não aprofunda, e todavia lhe conturbam o íntimo seio. Por exemplo, se folheia a vida de S. Bernardo, verá que este mavioso servo de Maria, ornamentando o seu cubículo com uma imagem da Virgem Mãe, não podia desfrutar os olhos dela. Aquela doce imagem o mantinha devoto e ajoelhado, escravo submisso. Mas ele não fixava tão somente a vista no semblante da filha de Judá: o que mais ali o enlevava e lhe incutia pios ciúmes era ver o formoso seio de Maria, túmido a um tempo de puro leite e de virgindade. Aquelas róseas carnes sem mácula tentavam-no como um fruto. E então exclamava ele, falando ao inocente Jesus, cujos lábios se colavam no peito de alabastro, enquanto com as mãozinhas lho acariciava maciamente: «Que eu não esteja em vosso lugar. ó divinal menino! Porque não há-de uma boca sedenta colar-se também ao alvo colo que se dá aos teus beijos?»

E um dia (lá vem contado o caso na *Vida dos Santos*) a Virgem, depondo no chão a criança e arregaçando amplamente o seu manto de púrpura, permitiu que Bernardo se dessedentasse na taça onde a criança hauria a vida.

Não há comentários para semelhante parvoíce! Sirva-vos ela unicamente como justificação do parecer que temos acerca dos ensinamentos especiais que recebe uma freira: o que fazem é nortear-lhe os sentidos para outro porto e prometerem-lhe de procedência celeste sensações privilegiadamente térreas. Quanto mais a queimam desejos, mais ela julga que Deus a chama à vida contemplativa. E acontece logo que as macerações a deleitam, cuidando que conquista a preferência à custa de torturas. Imola-se; mas espera ser recompensada. E uma virgem que arde em desejos de perder misticamente a sua virgindade. Não se acham perdidos os sentidos nela: deslocados, sim. O clarão do relâmpago talvez lhe mostrasse a natureza em toda a sua verdade, e então aconteceria que ela, antes de se ver caída, não soubesse perceber como se fez a transição invencível de um sentimento para outro.

Santa Ângela era um modelo consumado da freira juvenil, ardente, amorosa, bela, ébria do amor divino, que ultrapassa o ideal. Para ser correspondida em tal ternura, vimos que nenhuma dor a retinha, sem exceptuar os tormentos da cruz.

Ei-la pois imóvel sempre, ebúrnea como as esculturas, com o marfim de suas carnes ressaltando do fundo escarlate dos estofos. Bruxuleava apenas na câmara uma luz pálida, caçoilas aromáticas vaporavam lentamente, e uma neblina de fragrante fumo

condensava um véu diáfano.

O Cristo, imóvel também; estirava-se sobre o almadrague negro.

No seio da menina arfavam suspiros.

Entreabriram-se-lhe as pálpebras, expediu um grito e fechou os olhos... O que ela divisara figurou-se-lhe visão, atribuindo a delíquio o aparecimento daquela imagem.

O Salvador, em cuja paixão dolorosa ela tinha parte, chamou-a para o seu túmulo, dando-lhe também parte nele: de sorte que, decorrido algum tempo, ressuscitariam juntos.

– Senhor! Senhor! – balbuciou ela.

E então, voz aérea, como murmúrio de brisa, ciciou-lhe ao ouvido:

– Não és deste mundo, querida! Nesta noite de martírio e glória ser-te-ão revelados os segredos do Paraíso... Vais compartilhar nas inefáveis delícias que eu liberalizo aos que me amam... O virgem discreta! A tua lâmpada está cheia de óleo, vem...

Santa Ângela levantou-se; mas, tomada de indefinível torpor, caiu, exclamando:

– Leva-me. Jesus! leva-me!

Esquece o mundo... Cerra os teus olhos carnis, abre os da alma, deixa a casa de teu pai, entra no jardim do rei e nas adegas misteriosas, onde te embriagarás com o vinho de Engaddhi... Entrega-te a esse divino quebranto que toda te elanguesce... Despenha-te cegamente no abismo do amor... Transpõe montes e vales em busca do amado e cuida em o atrair a ti com as mais suaves palavras da tua prece.

E Santa Angela respondeu:

– Que belo és, meu querido! Que belo és... O meu amado desceu a colher lírios do meu jardim... Sou sua!

E a voz seráfica replicou:

– Teu seio é mais alvo que os cordeirinhos e o teu perfume recende ao cinamomo... Que formosa és, ó querida! Que formosa és... Dá-me um beijo da tua boca.

Áureas de Estio perfumadas, e o ardor da brasa viva, eram a dupla impressão que Santa Ângela sentia. Coava-lhe nas veias estranho fogo, era um sentir quase doloroso, e todavia ela alongou os beijos à feição do beijo...

E a voz continuou:

– Tu és a minha pomba, prendeste-me o coração num só lance de olhos, com um só de teus cabelos... A tua boca é favo que destila mel... Mel e leite adoçam tua língua... Es um jardim fechado, uma fonte defesa.

Santa Angela balbuciou:

– Durmo, e meu coração vela... Elanguesço de amor.

Neste lance, o bafejo que roçou a face da extática foi por tanta maneira afogado que ela cuidou sentir uns lábios nos seus.

E ao mesmo tempo os perfumes dos vasos deram todos os aromas. a luz da lâmpada empalideceu mais, e figurou-se à freira que o Cristo morto se levantava do seu leito mortuário... Escureceu de todo, e aquela voz, mais cariciosa, acrescentou:

– Es semelhante à palmeira na estatura; e eu subirei à palmeira a colher-lhe dos frutos... O teu pescoço é semelhante a um cacho de uvas...

A asa de um anjo deslizaria no seio arquejante da extática? Santa Angela murmurou um gemido delicioso de celestiais volúpias.

E disse com voz expirante estas palavras:

– A sua mão esquerda está debaixo da minha cabeça e com a direita me abraça.

E, depois, ouviu-se este dizer:

– Minha querida, minha tão amada, eu colhi o favo com o seu mel e colhi a mirra com os seus olores.

E, logo à maneira de eco, um gemido prolongado e estas palavras:

– O meu amado é como um raminho de mirra, e entre os meus dois seios o hei-de ter.

Depois, silêncio, silêncio de sopitamento, de misteriosa embriaguez...

Passaram minutos e horas. A claridade fez-se a pouco e pouco na câmara sagrada, cujo ambiente estava nubloso de perfumes.

A imagem do Salvador, imóvel sobre o coxim negro, ficou sozinha no *retiro*.

Santa Angela saíra, e como que despertara, extenuada na sua cela.

Langor estranho a alquebrava. Sofria, abafava, não se reconhecia, palpava-se nos braços, percorria a fronte para certificar-se de que era viva. A existência normal parecia-lhe sonho, tantas e tão novas sensações a exagitavam desde que voltara a si. Lembrava-se... Na casa penitenciária, onde, louca da loucura da cruz, se deixara ir depor a alma generosa, deu-se como Cristo aos algozes, e, como ele, caiu extenuada; depois, sentira-se transportada ao Céu em nuvens de incenso, e ouvira a voz do amado, e com ele dialogara as frases sensualmente amorosas do *Cântico dos Cânticos*, escritas pelo mais apaixonado rei sob os olhos da Sulamita... E experimentara a ebriedade do êxtase quando a vida se lhe escoava em tão violentas delícias que todo o seu ser lhe parecia engolfar-se por abismos sem fim!

E assim fora decerto: primeiro o martírio, depois as núpcias com o *Cordeiro*.

E então, arraiada no palor da face pelas iluminações dos recordados prazeres, dizia:

– Vem, ó querido, vem!...

Santa Ângela não sabia que hora era. Ia vestir o hábito, quando a porta se abriu subtilmente.

A prelada entrou e, contemplando penetrantemente a freira, disse:

– Dispensó-te hoje do coro e dou-te uma companheira que te distraia:

Esta companheira era Bárbara.

Tão radioso estava o semblante de Santa Ângela quanto quebrado e sombrio o da sua amiga.

As duas carmelitas aproximaram-se.

Os olhos de Bárbara inundaram-se de lágrimas.

– Pobre mártir! – disse ela –, pobre mártir!

– Lamentas-me!? – acudiu Santa Ângela.

– Se te lamento! Ah!, que horrível demência ontem se apossou destas mulheres! Nunca poderei esquecer o que vi... nem jamais tornarei a ver...

– Cega!. cega! – disse Santa Angela, sorrindo.

– O que tu sofreste!

– Não ... não... Estás muito enganada com o que é dor física... Ontem, ao começar a tortura, confesso que me entravam nas carnes agulhas de fogo... os nervos não podiam... senti-me desfalecer... mas, se o miserável corpo enfraquecia, o espírito venceu... Minha alma levantou-se logo como se tivesse imensas asas... Superei o corpo... a ponto de já não sentir as mordeduras da flagelação... Quando me deitei na cruz, todo o meu sentir era ambição do Céu... Parecia-me vê-lo abrir-se e que o Salvador me dizia: «Irás hoje comigo ao Paraíso.»

Santa Angela, cuja voz se elevava gradualmente, disse em arde segredo:

– E o Cristo me prometeu que...

– Que...

– E cumpriu o que prometera – murmurou a freira, purpurejando-se como a noiva no seu primeiro dia de esposa.

Bárbara, que não podia tolerar a ideia do sofrimento físico, achegou-se mais da

amiga e disse-lhe:

– Conta-me tudo.

– Não sei se deva... A Escritura diz: «A beleza da filha do rei é toda íntima... e não deve revelar-se o segredo do rei...» Mas, se eu falei, minha irmã querida, é para te convencer de que a penitência, que recusaste, encerra prazeres infindos...

– Que prazeres?... – perguntou Bárbara.

– Recorda-te dos dons sobrenaturais concedidos aos santos: os lumes da visão beatífica, as delicias do êxtase, os arrebatamentos de amor de S. Francisco Xavier, que, abraçado em inextinguível fogo, exclamava: «Basta, Senhor, basta!» Lembra-te dos esvaimentos amorosos de Santa Teresa... Olha... tudo eu senti... tudo...

– Tu?

– Eu, sim! Onde estive?... Levaram-me... não sei como... era, talvez, um anjo que me envolveu nas suas asas e me levou a Deus... Não o vi com os olhos, nem meus ouvidos o ouviram... O coração humano não pode imaginar o que o Salvador dá àqueles que o amam...

– Não te percebo... Quando te levaram da sala, sabes onde foste?

– Para aqui, decerto...

Bárbara acenou negativamente.

– Então para onde? – tornou a extática.

– Que sei eu!... Desde ontem à noite que me sinto traspasada de um pesadelo horrível... Estás aí falando em transportes divinos, e eu penso que assisti a uma cena do Inferno. Dizes que os anjos te levaram para longe da vida material, e eu, nisso de anjos, o que vi foi uma bengalé de demónios... Falas em *Cântico dos Cânticos*, e o que eu tenho na lembrança é a toada plangente dos salmos de David... Eu ensandeco, juro-te que ensandeco, se torno a ver semelhantes quadros. Aceito o convento na glacial regularidade do seu viver... curvo-me à regra, não quebrantarei os votos, isto e só isto farei... não podem exigir mais de mim.

– Pois não queres merecer a efusão da graça?

– Fala-me da tua visão, minha mística dulcíssima, virgem discreta, cuja lâmpada desborda de olorentos óleos, conta-me tudo, tudo...

– Quando despertei, vi-me deitada sobre uma cama, cercavam-me perfumes, nuvens de incenso que quebravam a luz do Céu... O Cristo estava defronte de mim...

– O Cristo?! – exclamou Bárbara.

– Tal qual a gente o vê quando as santas mulheres o sepultaram, belo e lívido. Reconheceu-me, falou-me...

– Que sonho!, que quimera!

– Falou-me, repito, e sua voz entrou-me na alma como celestial harmonia. Depois uns gozos desconhecidos me deram tremuras; a brasa de Isaías calcinava-me os lábios; um esvaecimento me elanguescia todas as fibras...

Bárbara, ao recordar o primeiro beijo de Zolpki, estremeceu.

– E depois?... – perguntou ela, reflexiva e concentrada.

– Depois? Sentia-me tão languidamente abatida, como se me estivessem amolecendo as mãos dos anjos, naqueles dulcíssimos contactos que as virgens devem sentir ao ascenderem para Deus carícias divinas. mercês de alto amor, que eu toda ânsias me ia ao encontro delas para as saborear melhor... Algumas vezes abafava-me o excesso da delícia e tremiam-me na garganta uns gritos inarticulados... Mudando de natureza, as minhas sensações revelavam-me deleites novos; e, enfim, um longo estremecer me agitou, o raptó arrebatou-me, e oh!... que desfalecimento!...

– E depois? – perguntou Bárbara.

– Depois despertei aqui, com saudades da minha visão, que se esvaiu, e ansiosa

por que se abra outra vez a sala da penitência por onde vamos ao jardim das delícias... Ah!, Bárbara, minha amiga, minha irmã, se tu pudesses sondar o mistério que esta noite me foi revelado, não recusarias aceitar as passageiras dores que pagam por certo semelhantes gozos.

– Ainda não percebi o enigma – murmurou Bárbara.

– Qual enigma?

– O que me embrulha a tua narrativa.

– Pois não foi ela tão simples e admissível?

– Escuta – disse Bárbara, erguendo-se e tomando nas suas as mãozinhas de Santa Ângela –, a tua alma é pura e a tua confiança infantil. Estimo-te e quero-te por tua santa ignorância, ainda que ela te abisme... Tu, neste instante, desvairas, certamente... Estavas febril quando pensavas sentir júbilos celestiais, ou então...

Bárbara conteve-se, murmurando:

– Oh!... seria horrível...

– O quê? – perguntou Santa Angela.

– Não terias ânimo que te fizesse descer ao fundo negro do que eu penso... Hei-de ir sozinha onde está a última palavra do mistério.

– Por onde eu fui...

– Deus sabe por onde eu irei.

E saiu da cela, instantes depois.

«Eu não sonhei!», dizia ela entre si no caminho do coro, «só eu talvez possuo o segredo do que se passava... oh!. se possuo!... Eu bem vi... Mas não irei ferir aquela pobre alma... o que farei é acautelar-me...»

E acrescentou, ao transpor o limiar do coro:

E meu pai a reear que a desonra lhe entrasse em casa mediante as inocentes entrevistas com Zolpki...»

IX

O APRISCO DO SENHOR

Desde aquele dia, Bárbara foi espionada cuidadosamente. Com toda a certeza, aquela mulher individualizava-se de estranho modo: cumpria estudá-la a preceito. No convento, a religiosa que se não dociliza, tanto à regra escrita como à interpretação que lhe dá a prelada. é logo malsinada e suspeita. A suprema palavra da vida monástica, o máximo da perfeição, é o esquecer-se de si em Deus, o desprender-se de vontade própria nas mãos de quem lha representa. Qualquer desfalque nesta renúncia absoluta, neste suicídio da individualidade, constitui rebeldia. O voto de obediência é o único, de quantos lá se fazem, a que se não concedem subtrações. O voto de pobreza, respeitado no indivíduo, é ultrajantemente violado no conjunto da comunidade. É certo que a menina rica, entrada ao mosteiro, lhe dota os seus haveres, fruindo de seus rendimentos a mínima parte. Uma freira não chega a romper dois hábitos de burel. O segundo há-de ser-lhe também mortalha. Goza, porém, como as irmãs, a magnificência da casa conventual, onde há prodigalidade de mármore e bronzes de valor. Habita um palácio onde reverberam resplendores. A capela rebrilha como a rampa de um teatro; recende como toucador de dama casquilha; os espaçados claustros recebem por debaixo da arcaria as fragrâncias dos hortos; a cela é decerto melancólica; mas o aspecto dos cubículos tem um exterior majestoso.

O mosteiro possui enormes rendas, que se gastam nas mais das vezes a enxamear novos cortiços, porque a cobiça de cada ordem é contar mais conventos que a ordem émula. A pobreza dos mosteiros, portanto, é simplesmente uma palavra convencional.

O voto de castidade!... Nas crónicas e na história sobram personagens, que nos dispensam de fantasiar. Há aí realidades vivas, dramáticas, mais para pavores que quantas ficções cabem na mais imaginosa vocação de romancista.

O voto de penitência é particular de certas ordens. As Ursulinas, as Visitantes, as religiosas do Sagrado Coração, não o preferem. Nestas ordens são raras as penitências e peculiares de certos dias. S. Francisco de Sales, posto que aconselhasse uma boa disciplina a quem quisesse dormir regaladamente, não consentia que as suas filhas espirituais abusassem disso, e receava que o sangue remoçado, e escandecido pela dor física, tentasse desforra.

As Claras, as Calvaristas, as Trapistas e Carmelitanas constituem a maceração, uma das vitais condições da ordem. A fogosa reformadora do Carmelo viveu metade de sua vida sobre o calvário. outra metade em êxtase de Tabor.

Até onde chega o sofrimento das macerações? É difícil abalizar. Talvez que, durante os primeiros dias, os cilícios de ferro, os látigos chumbados, as coroas de espinhos penetrantes, aterrem e exulcerem a carne da jovem penitente; mas a exaltação moral e febre de fantasia depressa subvertem o sentimento da dor plenamente. Os faquires da Índia não sofrem, se os suplícios que se infligem são voluntários. Atingiam os mártires dos primeiros séculos um grau de entusiasmo que lhes absorvia o sentimento. Deitados sobre grelhas ardentes, afirmavam estar deitados em leitos de rosas. O certo é que eles retraíam ao íntimo as torturas que lhes escalavravam os membros. A embriaguez da dor remata na insensibilidade. O excesso atrofia. Estão cheias de alegorias poéticas e graci9sas. que pintam perfeitamente o estado real dos mártires, a *Legenda Aurea* e a *Vida dos Santos*. As chamas abatem-se nas fogueiras, desviando-se das virgens; chuvas de perfumes lhes refrigeram os corpos invulneráveis, anjos as envolvem nas suas asas naqueles infames paradeiros onde os prefeitos de Roma

as arrojam ao sevo dos libertinos e gladiadores. Lambem-lhes leões os pés alvíssimos e prostram-se no circo diante das vencedoras inocentes. Leite em vez de sangue lhes deriva das chagas. Quando morrem, lá se lhes vai voando ao Céu a alma em figura de nívea pomba. No dia seguinte ao do martírio, as feridas desaparecem, porque enviados do Céu lhas unguiram com divinos bálsamos. Os estrepes de vidro transfiguram-se em leitos juncados de olorosas pétalas. Auroras maravilhosas rutilam nas suas escuríssimas masmorras. O espectáculo de tais prodígios, e o reviramento das leis da dor, assombra verdugos e espectadores, a termos de alguns clamarem em frente das vítimas: «Sou cristão!», para em seguida os imitarem na morte. A dor torna-se atraente, o martírio contagioso, o amor ao sofrimento pega-se como a febre. Em todos os tempos foi assim.

Quando se deram aqueles extravagantes casos que forçaram a autoridade a fechar o cemitério de S. Médard, os discípulos do diácono de Paris torturavam-se freneticamente. Não há aí suplício que os tais fanáticos não comportassem com entusiasmo. As próprias mulheres se ofereciam aos atormentadores. Era geral o atractivo. Se o rei não pusesse cobro a tamanhos escândalos, a torrente arrastaria a França inteira.

Não se nega que algumas ordens religiosas se dão a excessivas penitências: provado está isso de mais para que o discutamos. Porém, não temos sempre em grande conta a dor da penitência; e fundamos esta dúvida sobre o que a maior parte dos ascetas escreveu sobre o assunto. Além de que, é crença nossa que, se a exaltação mística de certos beatos não se eleva ao alto ponto em que o sofrimento se aniquila, a compensação estranha, esquisita, misto de visão e sonho, de pesadelo e êxtase, basta de mais a remunerá-los.

Há ainda o voto de obediência. Este, sim, que é grave, fatal e inviolável. A prelada de um mosteiro é rainha absoluta, autocrata e sacerdotisa a um tempo: reina e governa. O centurião diz ao seu servo: «Faz isto.» A prelada diz mais: «Pense isto. Absorve-se na sua a vontade das vassalal. Veda-lhes ter ideias. Toda a sua política funda-se em lhes suprimir o pensamento.

É, ao mesmo tempo, cérebro e braço.

A qualquer hora lhe assiste o direito de perguntar: «Irmã, em que pensa?»

E é obrigatório responder logo. Se a freira mente, corre-lhe o dever de confessar a mentira e penitenciar-se em dobro.

Uma senhora de baixa condição, sendo priora de um convento, comprazia-se em humilhar as freiras de linhagem antiga. Uma noite perguntou a uma recente professa, que a precedia com o castiçal:

– Irmã, em que vai pensando?

– Nossa madre, penso que, se estivéssemos lá fora, era a senhora que me servia de criada.

A pobre menina decerto nunca mais teve pensamentos orgulhosos, porque foi encerrada no tronco.

Freira que seja voluntariosa é má freira. Entrar ali é morrer, sem mais ressurreição de individualidade. Tal obediência corta as asas da alma à professa juvenil. À prelada incumbe apontar no seu rebanho as que hão-de ser Martas e as que hão-de ser Marias; umas para a *vida activa*, outras para a *contemplativa*.

As da vida activa são as que mourejam na casa, curando do bragal, da cozinha, da portaria. Oram, mas vocalmente – oração labial, sem que o espírito entenda nisso. A oração vocal restringe o intellecto num círculo de onde não há sair. As rezas ditas de cor são sempre as mesmas; os hinos do saltério são poucos. Há freiras que em toda a sua vida não leram três volumes. São umas que andam atarefadas em limpezas de casa, arranjos de claustro, que vão e vêm, tangem sinos, sacodem tapetes, escovam, varrem,

afadigam-se todas naquela admirável ordem que notais nos conventos, e se identificam neste monótono e ingrato mister até ao extremo de se embrutecerem.

São as Martas da casa.

Quanto às Marias, às dilectas, às amantes, essas são inversamente impelidas a tudo que é do domínio espiritual.

Meditam,, oram e contemplam.

E aí começa a região sombria do misticismo.

Mas, à energia de pormenores, é impossível perceber a vida monástica.

A religiosa que medita conhece as letras. A que ora junta as palavras. A contemplativa lê correntemente. Meditar é analisar e desfiar um texto grande ou curto: é uma glória pessoal, familiar, que cada dia se renova sobre diversos assuntos. A oração é coisa de mais fôlego: é improvisar sobre uma palavra ou um sentimento; nada de frases de livros; quando muito, uma citação evangélica, um recordar mistérios do cristianismo, materializá-los, se isso convier. A concatenação de ideias, invocações, fervores que brotam do espírito, constituem a oração: a alma lá vai ter, levada por uma lembrança, um simples fio condutor.

A contemplação vive de si mesma. Renasce incessantemente, fénix divina. E a alma que está na presença de Deus. Não fala nem actua: espera passiva. Sofre dor, enlevo ou entusiasmo, segundo praz ao Espírito Santo. E o último grau do misticismo.

Acima disto está o êxtase, como fim lógico da contemplação.

O êxtase vê, sente, saboreia e goza.

O êxtase tira ao corpo o peso e a faculdade de padecer. Arrebata Elias no carro ígneo e Paulo ao terceiro céu; idealiza o Purgatório de Santa Perpétua, o Inferno de S. Brandão, põe o Deus-Menino nos braços de Estanislau Koska, dá a Santa Teresa o desmaio em que o serafim lhe alanceia o coração, permite a S. Bernardo receber nos beijos as gotas de leite virginal destinadas ao Menino Jesus, passa ao dedo de Catarina o anel nupcial, abre nas mãos de Francisco de Assis as chagas sangrentas e lardeia de passagens exóticas de contestável moralidade as páginas de Voragine e Godescar.

A vida ascética procede por iniciação progressiva.

Do mesmo modo que os sacerdotes de Ísis levantavam um a um os véus da deusa, ao passo que os profanos caíam fulminados se lhos queriam arrancar de uma vez, assim as freiras entram mui devagar na senda mística. Há delas que topam, nessas diversas fases, recompensas de suas privações. Muitas vão de boa-fé.

Logo que a prelada sondou, esquadrinhou e viu por miúdo a alma de uma noviça, fica sabendo o que há-de fazer dela. E o que é factível far-se-á: a novilha ficará no redil, ou irá ao deserto. Perguntam-lhe o que sente e que deseja. Findos seis meses, está predestinada: activa ou contemplativa – uma das coisas, sem termo médio. Há ordens que tentaram enlaçar os dois modos de ser, fundindo Maria em Marta: não se combinam bem. A alma assim dupla não está plenamente satisfeita. Ou muita actividade, ou perigo de demasiada passibilidade. Por mais que faça e possa, a prelada não vinga refundir corações e vontades tão a ponto.

E, se não fosse aquela pujança de domínio, que em uma só vontade cifra todas as vontades de um convento, não seria possível conter uma só noviça.

No mosteiro carmelitano de Cracóvia, o voto de obediência não era palavra vã.

A priora tinha envelhecido no exercício da sua soberania, fazia disso gala e não permitia a mínima transgressão.

Assim, pois, que ela viu vontade tenaz em Bárbara Ubryk, afrontando-lha com armas iguais à sua, entendeu-se deste teor com a mestra das noviças:

– Estudou mal esta rapariga; figurou-ma criatura branda, flexível, e aí a tem rebelde aos dois grandes meios de submeter que até hoje exercitamos. Bárbara, por

causa da exaltação que lhe é natural e talvez ela mesma desconheça, devia entregar-se sem reagir às santas crueldades da penitência.

– Tê-lo-ia feito – respondeu a mestra – se a nossa madre lhe houvesse dado os instrumentos na solidão da sua cela... Que impedimento pôs ela? O voto de castidade, que lhe proibia mostrar-se nua...

– E Cristo estava vestido na cruz?

– Bárbara não atingiu por ora o grau de obediência que anula a vontade alheia em nossas mãos. Há-de ser preciso muito tempo para desfazer a memória da cena a que a fizemos assistir prematuramente.

– Ah! Eu também assim o pensava... Quem teve a culpa foi o padre Zósimo... Era bem melhor esperar alguns meses... Não lhe estava o ardor da Cinco Chagas e a evangélica obediência de Santa Ângela? A muita pressa pode perder tudo, quando temos que lutar com naturezas de têmpera tão rija... Que faremos agora para reconduzir esta menina receosa e desconfiada?

– Sim... desconfiada... – obtemperou a mestra das noviças.

– Que resultou da sua conversação com Santa Angela?

– Nada que preste.

– Então a jovem sulamita...

– Ah! Santa Angela ala-se ao Paraíso a todo o voar de suas asas... Nunca tão mística pomba pousou nas franças da oliveira; nunca mais fervente virgem acendeu sua lâmpada para ir ofegante ao encontro do esposo; nunca tão predilecta amante se gozou na lembrança dos reais celeiros onde o vinho do amor se bebe com perfumes de mirra... Mas, por fatalidade, o que devia coadjuvar-nos nos embaraça nesta conjuntura... Quando Santa Ângela entusiasticamente lhe contava as suas delícias, Bárbara respondeu-lhe com um sorriso cheio de reticências...

– E que ela viu... – disse a prelada.

A mestra das noviças deu aos ombros.

Ou julgou ver, que é o mesmo.

Mas o que devemos fazer é convencê-la de que se enganou.

– Decerto; mas quem há-de convencê-la?

O padre Zósimo decerto não.

– Recorre-se ao confessor.

– Custa-me a submeter raparigas novas à direcção de um padre. O confessor deveria operar influenciado por nós.

– A nossa madre decidirá segundo o seu alto discernimento.

Por agora, dê livros a Bárbara, ocupe-lhe o espírito, empregue-a na igreja. Não lhe fale em *penitenciária*. Não a misturemos com as outras, antes de averiguarmos se ela é digna de pascer-se nos prados regados por correntes de leite e mel.

– Entendi, nossa madre.

O som do sino rematou este diálogo.

Consoante se convencionou, Bárbara foi dispensada da vida contemplativa. Deu-se-lhe ofício de preparar altares e colher flores para as jarras da igreja. As companheiras viam-na raras vezes. Em volta dela redobrou-se a lei do silêncio. Encheram-lhe a cela de livros, que a freira lia para entreter o espírito. A pouco e pouco foi-se tranquilizando. Quando, porém, lhe perpassava na memória aquela terrível noite em que tantas nudezas virginais se lhe mostraram, tremia ainda de medo: todavia, como ardera em febre no dia seguinte, já confundia a realidade com delírio.

Trataram-na com brandura.

O director das Carmelitas, prevenido das cautelas que era mister haver, mostrou-se reservado, e Bárbara por isso mais disposta a confiar nele.

Quanto ao padre Zósimo, confessor, isso era diverso.

Nas grandes comunidades há confessor e director.

O confessor ouve os pecados, absolve e impõe a penitência.

O confessor, medianeiro entre Deus e as monjas, é menos considerado, está muito aquém do director.

A freira, se tem sossegada a consciência. não tem que ver com o confessor.

A relação das miudezas sobre o maior ou menor fervor da oração dos *raptos* movidos pelo Espírito Santo, do *afecto* que sentem ao Salvador. do atractivo da penitência, do encanto que as leva para as *consolações sensíveis*, isso pertence ao director somente.

O director destrinça as propensões, júbilos, lágrimas, exultações das suas dirigidas, sondando-lhes os seios da alma. Faz, a seu modo, santas e iluminadas. Arrasta com a autoridade da palavra ao horto da agonia ou ao jardim das delícias. O director é a alma do convento; o confessor é um maquinismo necessário ao ministério dos sacramentos. Exercem acções independentes. Na sociedade, as beatas que aspiram à perfeição usam deste luxo místico: director e confessor.

O confessor pode ser um padre simples, idiota, ignorante, tanto monta.

O director deve ser por igual teólogo e eloquente e, mormente, possuir o que se chama *tacto* das almas.

Francisco de Sales, director de Joana de Chantal. converteu à santidade a amável filha de Fremiot.

Pedro de Alcântara, amigo e director de Santa Teresa. dirigiu e aconselhou a reforma do Carmelo.

Um convento sem director vai desnorteado.

O padre Onufre, director das Carmelitas de Cracóvia, era homem hábil, prudente, reflexivo, pomareiro sagaz, que deixava amadurecer os frutos antes de os colher, diferente do padre Zósimo, com quem a miúdo tinha graves questões. Bárbara, porém, durante bastantes meses, foi somente dirigida pela prelada.

Convinha remitir-lhe a febre moral e reconquistar-lhe a confiança.

Dor e terror eram o duplo sentimento que a reconcentravam desde a profunda impressão que lhe deixou o revelado mistério das macerações.

Repulsa da família, esquecida por Zolpki, traída até certo ponto pela religião que quisera abraçar em transes de naufrágio, que lhe restava? A força do espírito e a lógica da consciência.

Invocou todas as energias para a luta e jurou não se deixar prostituir pelo exemplo das outras mulheres, ainda que a rebeldia lhe custasse a vida.

Contra a expectativa, não se lhe azou o ensejo de envidar o aprumo do seu carácter. Espectáculos perigosos nunca mais os viu; revelações de Santa Angela nunca mais escutou alguma. Dir-se-ia que a prelada lhe concedera a liberdade de se dirigir.

Serenou-se gradualmente o espírito da freira. Já descorçoada de esperar a volta de Zolpki, julgou-se condenada para sempre. Desde aí, forcejou por afazer-se à existência imposta e repulsiva. Aplicou-se a esquecer, a refundir-se completamente na regra de Santa Teresa.

Neste em meio, morreu a prelada.

Foi sucesso estrondoso no mosteiro.

As freiras, o padre Onufre, director, o padre Zósimo, confessor. fizeram frequentes conciliábulos. Duas carmelitas disputavam a soberania. Uma ainda nova, bela, ardente. A outra já avelhada. A primeira tinha as exaltações do espírito aventureiro e os mal esfriados sentidos de mulher de vinte e cinco anos; a segunda, ríspida por idade, invejosa do frescor e beleza das suas companheiras, apelidava pelas autoridades

da regra, sem as atenuar com as compensações de que era pródiga a falecida prelada.

Saíram a campo, nesta eleição, seduções sagazes e ardis velhacos. O padre Onufre protegia a candidata velha e o padre Zósimo dava o seu sufrágio a Maria Venzyk, cujos haveres e ascendência ilustre, segundo ele, realçariam a honra do convento.

Instaram vivamente com Bárbara para que desse o seu voto; ela, porém, fechou-se com o segredo da sua preferência. A rigidez de Santa Rosália atemorizava-a, ao passo que a mocidade de Venzyk parecia de melhor agouro. O voto de Bárbara por fim decidiu a eleição.

Pobre mulher! Se ela adivinhasse as torturas que um dia lhe seriam feitas por aquela religiosa que o seu sufrágio chamou à prelazia do Carmelo! Dir-se-ia que a nova eleita compreendia quanto era obrigada a Bárbara: tantas eram as delicadezas com que a tratava, a ponto de sondar o segredo do coração da sua amiga. A contrição da alma da infeliz freira desfogava-se a pouco e pouco. Parecendo-lhe impossível qualquer futuro fora do convento, submetia-se ao destino, repetindo o *Quotidie moreor* de S. Paulo, que é a grande divisa do cristianismo.

Bárbara foi mais adiante.

Conquanto não comungasse daquelas macerações nocturnas que a tinham indignado mais do que assombrado, quis também matar o corpo a fim de reviver a alma. Deu-se à penitência fervorosamente. Mortificou o corpo dessangrando-o, para espancar a imagem de Zolpki. No seu triste cenóbio ressoaram muitas vezes os involuntários gemidos que lhe arrancava a dor. Estes suplícios eram mais excruciantes, porque não tinham cúmplices nem testemunhas. O frenesi da penitência não era contagioso para Bárbara, que se mortificava porque assim o queria sem o atractivo do exemplo. Era-lhe instintivamente odioso o sofrimento corporal. Figurava-se-lhe cometer um crime de lesa-humanidade – um suicídio lento, com premeditação. Procurava nos livros santos passagens idóneas que a absolvessem, tornando-se discípula da loucura da cruz, com aquela serenidade que redobra as torturas de quem voluntária e solitariamente a elas se condena. À custa pois de muito sofrer, esperava ela desfazer a visão do fantasma adorado.

Maria Venzyk prestou-se aos desejos da religiosa. Se a não amava tanto como a outras, estimava-a por veneração ao respeito de si própria. Bem sabia a prelada que não era fácil reduzir Bárbara à submissão de adepta; mas esperava que ela fosse no convento pessoa bastante considerada, de quem mais tarde se colhessem as vantagens prometidas à situação que estava granjeando.

Eganara-se Bárbara quanto a pensar que a flagelação bastaria a dissipar a lembrança de Zolpki e que o sossego da alma iria vindo à proporção que o corpo desfalecesse esvaído de sangue.

Quando, consoante a praxe do convento, estendia os dois braços à sangria, e que a força ia abatendo à medida que os borbotões de sangue derivavam, sentia-se exaurida, semimorta, e de repente mais deslumbrante e pura se lhe contornava a imagem radiosa do amante da sua mocidade. Era portanto baldado lutar contra si mesma: o amor resistia invencível como a morte.

Sucumbiu, porém, o corpo.

A freira foi atacada de febre ardentíssima.

Durante alguns dias recearam que ela morresse.

À imitação de todas as freiras enclaustradas, as Carmelitas retardam quanto podem o recurso da medicina. Estava pois quase agonizante Bárbara Ubryk quando a prelada mandou chamar o Dr. Vroblewski.

X

O AFILHADO DO DOUTOR

O médico acabava de meter-se ao caminho do bairro de Vesola quando um homem de cerca de trinta anos, pálido e esbofado, bateu precipitadamente na sua porta.

A criada abriu apressada e, vendo o visitante, recuou, expedindo um grito de espanto:

– O senhor aqui!

– Julgavas-me morto, não é verdade?

– Como toda a gente, como seu padrinho, como... Pobre menino! – ajuntou ela com ternura. – Muito há-de ter padecido... Muito! Meu padrinho está em casa?

– Não, senhor, saiu há pouco.

Esperarei... O casa querida! Há que tempos eu não transpus a tua hospedeira porta... Tudo está no mesmo lugar. Os homens passam e as coisas ficam.

O mancebo seguiu o corredor e entrou no gabinete do médico, atirou-se a um sofá, e recolheu-se em meditação profunda, que a velha criada respeitou, afastando-se discretamente.

Meia hora depois chegou o doutor, que, ao entrar no seu gabinete, deu, subitamente de rosto com o hóspede e exclamou:

– Zolpki! Zolpki! Meu caro Zolpki!

E abraçaram-se com veemente ternura.

– É o mesmo homem... Que bom agouro eu tiro disto... – disse Ladislau. – Adivinha o que a minha vida tem sido... Preso e longos anos encavernado em *cárcere duro*. Pude sair porque os meus inimigos conseguiram o que queriam e já me não temem... Meu amigo, meu segundo pai, fale-me com franqueza, diga-me tudo, o bom e o mau, que eu tenho sofrido tanto que já me julgo capaz de ouvir tudo... Que é feito de Bárbara Ubryk?

O doutor empalideceu.

– Casada?... – exclamou Zolpki.

O padrinho fez um gesto negativo.

– Morta?! – bradou o mancebo, amparando-se a mesa.

– Nem morta nem casada, mas para ti... perdida.

– Quem ousa dizer que Bárbara Ubryk está perdida para mim, se não está gelada na sepultura!... Se não casou, foi leal ao seu amor, como eu à sua memória... Onde está ela, meu amigo, meu pai, onde está ela?

– Podes escutar-me serenamente?

– Diga.

– Esperei que oito anos de exílio e sofrimento te fizessem esquecer Bárbara... Sim, isto esperava eu, meu filho... O amor da tua mocidade não é hoje a esposa de outro homem, e, contudo, não tornarás a vê-la... Bárbara, cedendo à vontade despótica do pai, professou nas Carmelitas...

– Desgraçada menina!

– Mas o pior é ser terrível a austeridade da regra, e a melindrosa compleição desta senhora não a suporta... Sabes de onde venho? Do mosteiro onde ela está... Venho de disputar à morte a tua querida Bárbara.

– Meu Deus! Meu Deus! – soluçou Zolpki, tapando a face com as mãos.

Depois levantou-se e, caminhando agitado no gabinete do doutor, dizia:

– É impossível! É impossível!... Eu sofreria mil torturas por amor dela e ela terá

sofrido tanto por minha causa, e para que tanta paixão e tantas lágrimas fossem inúteis! Não! Existe Deus, há uma justiça providencial! Hei-de tornar a vê-la... Hei-de salvá-la da morte e do cativo depois... Os muros do convento não são mais altos do que os do meu cárcere... Há-de fugir... Não hei-de ser só nesta empresa salvadora... o doutor há-de ajudar-me.

– Pois esperas...

– Creio que o padrinho me ama...

– Sim, amo-te! E este amor é quem impede que eu não coadjuve as tuas loucuras... Que queres tu fazer contra o irremediável? Bárbara está tão inteiramente separada de ti que, ainda que fosses seu irmão, não poderias visitá-la na grade... O sepulcro não é mais inviolável que o seu claustro...

O padrinho entra no convento? Como médico.

– E ela está muito doente?

– Muito...

– Pode morrer?

– Sim, porque não quer viver.

E se ela quisesse?

Salvá-la-ia a mocidade.

– Graças!, graças, meu amigo! É preciso que Bárbara queira viver. preciso que um vigoroso interesse como a esperança a impulse para a vida! Diga-lhe. como Cristo àqueles que levantava da sepultura: «Ergue-te e caminha!» Ela erguer-se-á, viva e formosa! Como eu hei-de amá-lo então! Adorar-lhe a sua bondade! Vamos! Faça o milagre. Basta que lhe diga: «Existe Zolpki; existe e ama-a.»

– Mas, meu pobre filho, eu não falo com Bárbara.

– Não lhe fala?!

– Só, nunca. A prelada e outra freira estão sempre ao meu lado, e é impossível que eu diga à doente palavras que elas não ouçam.

– Mas é preciso que ela o saiba, é preciso!

– Não! – disse o doutor com tristeza. – Não é preciso: e. se queres que eu te diga o que sinto, escuta: melhor seria para aquela desgraçada senhora que a morte a colhesse nos seus braços maternais que prolongar-lhe a tristeza dos anos que vão seguir-se... O convento mata Bárbara... Definham-na as sombras dos altos muros: e a tua imagem ainda lhe está no coração... Se eu a salvar da morte, aumento-lhe o martírio... Se tu soubesses. Zolpki! Eu vi-lhe nos braços e nos ombros, quando a auscultava, as cicatrizes das recentes feridas... Bárbara dilacera-se com penitencias...

– Isso é horrível!

– Horrível! Mas que fazer-lhe? O meu dever é acalmar-lhe a febre; porém, sei de sobra que não conseguirei suspender-lhe as pulsações do coração.

– Fui eu, pois, que a matei!

– Meu pobre filho, sou fatalista: o que acontece. devia acontecer.

– É a frase do homem resignado; mas eu estou resolvido a lutar. Pois pensa que, tendo eu atravessado tantos perigos. me deixarei quebrantar agora por pequenas dificuldades... Se me não auxiliar, chegarei sozinho ao meu fim, ainda que o êxito me haja de custar a vida.

– Pobre amigo, não estamos em Portugal. no tempo das escadas de corda.

– Há um meio que força os claustros mais rebeldes a franquearem-se.

– Qual?

– O fogo – disse tranquilamente o mancebo.

– Pois serias capaz?

– De tudo... As chamas me darão Bárbara, que a autoridade da família me roubou

e a Igreja me nega.

– Não queres ouvir nada?

– Nada, se não é algum conselho que me ajude nos meus projectos.

– Projectos de um louco!

– Talvez! Mas que é o amor senão uma loucura! Entre o crime e o suicídio, escolho... Esta é que é a verdade! Se nada conseguir, fica-me o recurso da morte.

– O suicídio! Tu!... Pois não sabes que eu, ao ver-te agora, pensei que ficarias sendo o meu filho adoptivo! Vem para mim! Envelheci na solidão entre os livros da ciência... Tu serás nesta casa o contentamento e a vida. Fica, que eu te amarei e compensarei das saudades do passado.

– Mas eu amo Bárbara.

– Então que fazer? Que fazer?

– Quer-me servir?

– Não posso faltar à missão de confiança que exerço.

– O seu primeiro dever é salvá-la.

– Então que queres de mim?

– Pouco – disse Ladislau, sorrindo. – Segundo a sua própria confissão, a ciência nada vale nesta cura... Eu enlouqueço da doença que a mata a ela. O seu mal e o meu é a paixão... Julga-me morto, e pensa em morrer para tornar a ver-me... Amanhã, quando for ao convento e a prelada lhe perguntar o que pensa da moléstia, não oculte a gravidade do mal, tenha a coragem de confessar que nada pode fazer.

– Farei isso.

– E depois diga: «Só o Céu faz milagres, e eu ousou propor à reverenda madre um meio infalível...» A prelada quererá conhecê-lo. O padrinho mostra-lhe então um pequenino relicário de prata, recomendando que a doente o tenha consigo nove dias. Não duvide que a priora lance o relicário ao pescoço de Bárbara... E ela será salva.

– Se é só isso...

– Só.

– Consinto.

Zolpki abriu o relicário, tirou um embrulhinho de papel amarelado que continha umas esquirolas de osso e escreveu dez linhas em caracteres microscópicos. Depois repôs o papel à volta da relíquia e entregou o relicário ao padrinho. Este, porém, parecia hesitar, quando o olhar suplicante de Ladislau conseguiu convencê-lo.

– Mas –olveu o doutor –, se Bárbara estivesse morta para tudo, e até para o amor... Se recusasse a liberdade que lhe queres dar?

– Se tal desgraça acontecesse, acabaria a minha fé nela, em todas, e doravante não haveria mais amor em minha vida. Não se violenta um coração! Bárbara fará o que quiser. Se aceitar, serei feliz; se recusar, matar-me-ei...

O doutor, de seu natural refractário às grandes paixões, olhou para Ladislau com profunda piedade. Depois diligenciou desviar-lhe o ânimo para outro assunto. Falou-lhe do pai, cujo íntimo amigo havia sido, e de quem, na hora extrema, recebera o encargo de proteger-lhe o filho. Serenou assim a primeira perturbação do moço. Durante o jantar, quase que esteve alegre. À noite contou as suas aventuras. Referiu o modo como o pai de Bárbara o fizera prender, denunciando-o como cúmplice em tentativa contra o imperador da Áustria. O ultraje feito à família Ubryk pelo amoroso rapaz pareceu ao velho digno de mais atozes suplícios, dando-lhe portanto direito a vingar-se da sedução moral de sua filha. Os precedentes políticos de Zolpki eram de natureza bem acomodada ao intento do conde. A autoridade lançou mão do conspirador e aferrolhou-o sem mais averiguações.

Ubryk, antes de o deixar soltar, queria bem definir a posição da filha. Se ela

aceitasse o conde Rastoi, perdoar-lhe-ia; mas Bárbara vestiu o hábito, fez votos e professou sem dar sinais de submissão.

Ubyrk morreu antes de levar a cabo a empresa da vingança, ou de reconsiderar a iniquidade. O Governo austríaco deu liberdade a Zolpki, à falta de provas, julgando-o bastante castigado com a prisão preventiva de sete anos. Voltara, pois, Ladislau a Cracóvia, febril das recordações amantíssimas da sua querida. Ao saber que ela era freira, balançou entre a consternação e o contentamento. Em verdade fora-lhe mais fácil varar o peito de um rival que arrancá-la do mosteiro. Um homem é traído mais facilmente que Deus. As esposas do Senhor adulteram mais raras vezes que as dos homens.

Ladislau desvelou a noite quase inteira com o padrinho. Fadiga e dor não o impediram de saborear-se nas recordações da perdida mocidade.

Quando na antemã do seguinte dia o doutor saiu do seu quarto, encontrou já de pé o afilhado.

– Quero acompanhá-lo a Vesola – disse o moço –; não se assuste, que eu ficarei na sege: desejo ver a casa em que morre a infeliz senhora.

Vrobleski, vendo que seriam baldadas todas as advertências, fez um gesto de consentimento.

Quando lançava mão do estojo, disse-lhe Zolpki:

Que lhe não esqueça o relicário.

Um quarto de hora depois estavam em frente das paredes negras do Carmelo.

O doutor apeou-se.

O moço ficou submerso em angustiosa contemplação.

Puxou o médico rijamente pela cadeia da sineta: a porta rodou nos gonzos com um ranger surdo que fez estremecer Ladislau.

O doutor caminhou apressado ao longo do claustro. Ao avizinhar-se da enfermaria, estugou o passo e conturbou-se. Ia ser instigador e cúmplice de um rapto, e rapto religioso... Crime gravíssimo!

É verdade que Bárbara estava ali violentada e, com toda a certeza, em risco de morte.

Apesar destas considerações, o médico não atinava a decidir se praticava uma boa acção, se premeditava um crime.

A cabeceira da enferma estava Maria Venzyk.

Bárbara parecia mais marasmada que na véspera.

Talvez, ainda assim, que uma forte comoção pudesse galvanizar aquele corpo desnervado por jejuns, macerações e dores.

– Que lhe parece a doente? – perguntou a prelada.

O doutor sacudiu a cabeça.

– Não há remédio algum? Na ciência, não.

– Veja lá, Sr. Doutor, pense...

– Onde acaba a ciência principia a confiança em Deus.

– Já se orou muito nesta casa.

– A Sr^a Prioresa sabe que o Senhor se compraz em operar prodígios por intercessão dos santos, da mesma sorte que mais benignamente acolhe os preitos que se lhe fazem em alguns altares privilegiados.

– Sei.

– Acho que não há nada que fazer aqui; mas tenho uma relíquia de eficácia divina; consinta que eu a lance ao pescoço da doente e esperemos o prodígio impetrado pelas orações da Sr^a Prioresa.

– Pois não!... – disse Maria Venzyk.

O médico tirou do seio o relicário de prata.

A enferma fechara os olhos feridos pela demasia da luz.

Vrobleski cingiu-lhe no colo a relíquia e afastou-se com a prelada para o vão de uma janela.

Instantes depois, Bárbara expediu um grande brado.

A priora e o médico acudiram.

Coruscavam os olhos da freira, sentada na cama, com os lábios pálidos colados no relicário.

– Que é isto? – exclamou ela. – Que é isto? Digam-mo, por piedade!

– E a esperança da cura – disse o doutor –, é o bálsamo da sua ferida... Descanse, minha senhora, e durma em paz.

– Em paz! – murmurou a doente.

Bárbara reclinou-se para as almofadas, com o relicário sobre os beiços.

– Tem razão. Sr. Doutor – disse a prelada –, as relíquias operam prodígios.

– Antes de nove dias esta freira estará salva.

Soror Maria acompanhou o médico, que saiu, prescrevendo que deixassem a doente completamente sozinha.

Saíram todas as freiras da enfermaria.

Bárbara sentou-se outra vez na cama. Não sonhava! Aquele relicário bem o conhecia ela!... Era uma jóia de família, que vira ao peito de Zolpki. Porque lho dera o doutor? Cumpriria a sagrada promessa feita a um moribundo?, ou Zolpki estava em Cracóvia? Era ainda amada? Seria aquela relíquia o testemunho de ser amada ainda? Amada!... Então queria viver... queria a grande coragem das vidas desgraçadas. Mas viver para quê, se o não havia de ver jamais!...

E, pensando assim, abriu o relicário.

Sobre um tecido de brocado viu umas lascas de osso e o nome de *Marciano* escrito em uma faixazinha circumposta.

Bárbara levantou a tira de papel e deu um grito de júbilo.

E leu:

Vive; ressurgue do fundo desse sepulcro e prepara-te para me seguir na noite seguinte ao nono dia. Estarei à porta do convento das Carmelitas com uma sege e o meu mais fiel amigo.

Súbita reanimação aviventou a freira. Empurpuraram-se-lhe as faces lívidas, o sangue regirou-lhe nas artérias rápido e cálido. Era preciso viver!, triunfar da doença e da morte! Amada!... Oh, efusão do milagre pelo amor! Oh, triunfar das paixões sobre todos e sobre tudo! Oh, crentes infinitos, oh, loucos imperecedouros que vos chamais amantes!...

Ao entardecer daquele dia, Bárbara não tinha febre.

XI

A RELÍQUIA DE S. MARCIANO

As rápidas melhoras de Bárbara alvoroçaram a comunidade.

Todas as freiras quiseram ver o milagre. Bárbara prestou-se graciosamente aos parabéns das companheiras, respondendo às perguntas. Dizia que apenas sentira sobre o coração o relicário, logo o alívio e cura foram instantâneos. E juntava que, ao mesmo tempo, sentira um júbilo desconhecido, como se a tirassem do túmulo; e então, penetrada de imensa gratidão, se voltara com todas as potências de sua alma para Deus, que lhe restituíra fé, saúde e esperança.

Eram beneméritas de confiança estas palavras por serem textualmente as mesmas de que usavam as favorecidas por milagres. Em breve tempo, Bárbara granjeou não só o preito que se dava às suas companheiras, mas, para Maria Venzyk, tornou-se objecto de assinalada preferência.

Enviado ao leito da enferma, o padre Zósimo louvou o Senhor por tão maravilhosa cura. Deu-lhe a entender a prelada que seria proveitoso divulgar o prodígio e atrair desta arte ao mosteiro a visita de todos os fiéis cristãos de Cracóvia. cujas oferendas sem dúvida iriam em barda pelas portas dentro.

No dia seguinte encomendou-se um relicário sumptuoso, e assentaram que no dia final da novena se cantaria um solene tedéu e depois se exporia a relíquia de S. Marciano.

– Parece-me – disse o padre – que, à excepção do fragmento que Bárbara possui. não temos mais nada do santo.

Maria replicou, sorrindo:

– É de opinião que o pó humano, de quem quer que seja, deva ser glorificado? O culto e a invocação dirigem-se à alma que animou o miserável corpo desfeito em cinzas: logo, nada prejudicamos a honra devida a S. Marciano colocando no relicário a cabeça e o braço de um homem cuja salvação custou o mesmo a Cristo.

– Pensa bem – disse o padre Zósimo.

– A comunidade vai trabalhar na bordadura dos requifes de veludo que hão-de ornamentar as relíquias. Quantas piedosas damas nos não hão-de enriquecer o relicário com as suas pérolas! Antes de dois anos. o cofre de S. Marciano há-de encerrar metade das jóias de Cracóvia.

– Acho que será bom – tornou o confessor – que as pessoas piedosas possam ver Bárbara, tanto quanto a clausura o permite. A notícia do milagre fará muito, mas o espectáculo da favorecida do santo fará muito mais. Esta menina é tão prodigiosamente bonita, que só de per si parece um milagre de formosura!

– Oh!... eu bem sei – disse a prelada. acentuando as palavras – bem sei que, desde certo tempo, a prefere em segredo...

– Pois acredita?... – exclamou o padre.

– Contaram-me que, antes de eu entrar nesta casa. Bárbara Ubryk foi um dia destinada pelo Sr. Padre Zósimo à iniciação completa do sofrimento e do êxtase... Mais me contaram que ela. espavorida pelo espectáculo de cenas cuja intenção e fim não percebia. se recusara constantemente ao que lhe pediam. Dizia-se até que ela o vira com os olhos acesamente fitos na penitenciária. ao mesmo tempo que Santa Angela, despida sobre a cruz, radiava em meio de uma auréola de resplendores. Eu nada quis aprofundar... reporto-me só a Zósimo... mas se a minha desconfiança fixar alguém... desgraçada daquela que eu suspeitar...

Maria pregou os olhos coruscantes no padre. que lhe aparou as frechas sem se perturbar.

Entretanto, o seu parecer não me parece mau – tornou ela adocicando a voz. – Bárbara terá a semana toda para convalescer-se.

Fez-se o que a priora indicou.

Bárbara readquiriu o colorido da vida. A comunidade via edificada a terna devoção da freira a S. Marciano: o fervor com que ela beijava a relíquia e parecia, naquele enleio, absorta em profundo raptó. Ao terceiro dia mostrou vontade de sair da enfermaria. Obtemperaram agradavelmente aos seus desejos. Permitiram-lhe que passeasse no jardim, claustro e pátios. Como a dispensaram do coro e a tratavam como filha dilecta e enferma, aproveitou aquela temporária liberdade para melhor estudar a topografia do convento e delinear a próxima fuga. O milagre com que S. Marciano a honrara adormecera suspeitas. Dali avante. Bárbara seria tratada com especiais mimos, visto que atraía para a comunidade honra e proveito.

A religiosa que Bárbara mais receava era a porteira.

Esta mulher já desbotada de juventude, angulosa, enrugada e amarelenta, guardava no seio do claustro uma horrível doença: a inveja.

Sendo feiíssima e indigna de qualquer marido, abraçou a vida religiosa para não sofrer a afronta de envelhecer sem namoro. Chamava-se Marta. Vocação não tinha alguma, a não ser a do tédio por tudo deste mundo que lhe era defeso. Ambições, que na sociedade lhe seriam matraqueadas, foi exercitá-las no mosteiro. A clausura não dá preferência às belas. Marta. fria e pontual, longo tempo aspirou ao máximo ponto da santidade. Estudou a vida dos bem-aventurados no intento de os imitar servilmente; dobrava-se aos caprichos da prelada sem murmurar; e, apesar disso, não atingiu o almejado fim. Minguava-lhe ardor no espírito e entusiasmo na palavra. Fizeram-na porteira logo que professou: manteve-se neste posto, invejando as suas companheiras de noviciado que iam vagarosamente subindo a escadaria das dignidades conventuais. Com ouvir dizer amiúde que era grande o sacrifício de quem professava no Carmelo, capacitou-se de que se havia imolado, e acusava o divino esposo, a quem se unira à falta de homens, de ingratidão para com a mais casta e fiel das suas noivas.

Maria Venzyk não deu maior preço que a sua antecessora aos raros méritos de Marta. Gemia, pois, a porteira por se ver reduzida à oração vocal, aos encargos secundários, e perguntava que mais valiam do que ela as freiras encaminhadas na vereda da perfeição, que conduz a todas as delicias das amantes predilectas.

Bárbara escrutou logo o que ia no coração de Marta.

A recente liberdade permitia-lhe girar no mosteiro. Foi ter-se com Marta à sala onde ela estava esperando sempre a aldravada do martelo no portão.

Espantou-se Marta da honra que lhe fazia a jovem freira do milagre. Humilhou-se diante de Bárbara, louvou o Senhor pelo prodígio operado na sua serva e disse que era bom que a fé pública se retemperasse na crença de semelhantes sucessos.

Ah! – respondeu Bárbara –, muito certo é aquele dizer da Escritura: «O espírito sopra onde lhe apraz.» Deus sabe que eu, longe de solicitar favores ostensivos, os temia e mil vezes antes quisera vê-los operados em mais perfeitas criaturas... Eu me abato e prostro. confessando minhas fragilidades e pecados... temendo muito esta espécie de ardil armado à minha vaidade...

– Ardil? – atalhou Marta.

Certamente. Não se sabe quanto é fácil figurar-se à gente o espírito das trevas com aparências de espírito de luz?

O Evangelho o diz.

– Quem me assegura a mim a verdade?... a mim, pecadora!... Não consta da Bíblia

que os magos de Faraó operavam milagres semelhantes aos de Moisés? Simão Mágico não espantou o povo com prodígios análogos aos dos Apóstolos? A nossa santa fundadora propriamente não temia sempre de enganar-se com a qualidade dos espíritos que lhe assistiam e tomar à conta de conselhos angélicos as tentações do Demónio?

– Tudo isso é assim – concordou a porteira.

– Além de que, se tal prodígio devia ter lugar, porque se não deu em uma filha de Santa Teresa, perfeitíssima nas virtudes monásticas? Há cinco anos apenas que eu professei; ainda não caminho, mas vou de rojo na via da perfeição... Antes eu queria ver os favores do Céu cumulados sobre uma alma excelente e que a refrigerassem como os orvalhos celestiais ao velo de Gedeão. Ó minha irmã, poderemos falar confiadamente, abrimo-nos as nossas almas, como Santa Teresa com Pedro de Alcântara? Os divinos segredos da consciência querem-se expandidos, porque a confiança e a amizade os aviva. Ora diga-me: nos vinte anos que tem de freira, foi favorecida dos favores do divino esposo?

– Nunca – respondeu Marta.

– Como assim? A minha irmã tem sempre estado no deserto árido...

– Sempre.

– Sem consolação sensível?

– Privada da mínima consolação!

– Injustiça!... Se tal palavra pode aplicar-se ao arbítrio de Deus... Há vinte anos que exercita as virtudes da pobreza, da castidade, da humildade, da mortificação, da obediência, e nunca tais sacrifícios lhe foram remunerados com uma visão celestial, com divinas lágrimas. eflúvios da alma. consolações inefáveis, delíquios, afluências de graça refrigerante? Nunca?

Nunca!, nunca!

– Minha irmã, permite-me que eu peça ao Senhor que lhe conceda alguma manifestação de seu poder. alguma dádiva de consolativa graça?

– Pois a minha irmã, a honra do convento, faria tanto por mim?

– Farei.

– Ah!. então já sei que há-de ser atendida...

– – Pelo menos, espero sê-lo. – E acrescentou com veemência:

Marta, encha-se de fé; e quarta-feira à noite depois do solene tedéu, em que há-de fazer-se a exposição das relíquias de S. Marciano, meu patrono, será então objecto de um favor do Céu.

– Deixe-me beijar-lhe as mãos e o hábito, minha irmã!

– Vamos... Não há-de sofrer mais, Marta... Vai abrir-se-lhe o Céu... Não tem a minha irmã em si as prerrogativas de Pedro, que ata e desata? Quando lhe vejo as insígnias de confiança de que está investida, penso que deve ocorrer-lhe amiúde a lembrança de Jesus e dos Apóstolos... Decerto que as chaves do reino do Céu não são mais pesadas... Que volumoso molho! Estas chaves devem ser de muitíssimas portas!

– Esta é da portaria, esta é a da loja da lenha; e a mais grossa é a do portão de fora. Bárbara tomou-lhe o peso.

Eu não tinha bastante força para desandar a lingueta de uma fechadura tamanha!

À religiosa pousou as chaves à beira de Marta, e continuou falando em milagres operados pelo fervor, recompensas concedidas às almas humildes, efusões de graça e poder das relíquias dos santos, particularmente de S. Marciano, o qual, havendo sido feiticeiro antes de converter-se ao cristianismo, revertera depois a sua prodigiosa ciência ao alívio e consolação do próximo.

Quando se apartou da porteira, recomendou-lhe.

– Peça a Deus que a favoreça com uma visão celestial.

Marta não cabia na pele de contente. Nenhuma dúvida lhe passou pelo ânimo. O orgulho, solapado nela, inchou descompassadamente com a ideia de edificar a cristandade relatando os favores com que Deus a visitara. Quem sabe até se ela não viria a ditar as suas memórias e visões, à laia de Catarina Emerich, Maria de Agreda e quejandas? Agradeceu, portanto, ao Senhor o obséquio de servir-se de Bárbara como medianeira entre Ele e ela. Orou pois com dobrada devoção, e, febril de santa e orgulhosa impaciência, esperou a hora prometida.

Alguns dias volvidos, realizada a conjectura da prelada, a cidade de Cracóvia não falava senão no caso das Carmelitas. Desde o amanhecer até à noite as carruagens rodavam no bairro de Vesola. Quem recebia no palatário era o padre Zósimo. Como era defeso o palestrar com as freiras, inacessíveis à curiosa indiscrição dos fiéis, o confessor é quem referia o milagre. Pediam-lhe conselhos. Encomendavam-lhe missas. Davam-lhe ricas esmolos para S. Marciano. O patrono de Cracóvia, S. João de Kenti, perdeu naquela semana quase todo o crédito com Deus na opinião dos Cracoveses. O fervor seguiu as flutuações da moda. As temporadas, há no mundo católico destas lufadas de devoção soprando para um ou outro santo. As mais das vezes é a Igreja quem as sopra. Agora, é a múmia de uma jovem mártir achada nas catacumbas, e logo o nome de Filomena ganha grande poderio como intercessora; logo, folheiam-se crônicas para exumar um Santo pulveroso à feição do bem-aventurado Labre. É de supor que Labre, cujo principal heroísmo era ignorar que a água lava as imundícies, não compreendia que tanto o Velho como o Novo Testamento recomendam a virtude da limpeza. Como é que se curavam anualmente os enfermos de Jerusalém? Banhando-se na piscina. Como se administrava o baptismo? Nas correntes dos rios. E, não obstante, lede quantos livros ascéticos aí cotem, estudaí todas as regras dos mosteiros e notareis que o cuidado com o corpo é tido em conta, não só de perigo, mas até de imperfeição. Ora, com o exemplo de Labre não seria justo tirar do esquecido martirologio aquele S. Marciano, o sábio confessor da fé? Não se falava, pois, de outra coisa em Cracóvia, que não fosse a ressurreição de Bárbara Ubryk.

A clínica do Dr. Vrobleski dobrou na seguinte semana.

O valor da relíquia tentava os enfermos tanto como a ciência do médico.

O honesto homem tinha fúrias íntimas.

– Vês onde me leva a minha condescendência? – dizia ele a Ladislau. Daqui a pouco estou sendo a fábula do povo.

– Porquê, meu padrinho?

Ó amoroso estúpido! Não vês o que por aí vai?

– Vejo que o preferem aos outros médicos, porque meu padrinho é o mais hábil.

– Não é isso redarguiu Vrobleski batendo o pé. Bem se lhe importa o público do que eu sei e do que estudei! O que me pedem é que lhes aplique o maldito relicário. Catarrais, reumatismo, dispepsia, tísica, paralisia, nevroses, que sei eu! Querem que tudo desapareça em vinte e quatro horas, do pé para a mão. Já não sou senhor de tomar o pulso, de estabelecer diagnóstico e receitar. Quando me valho destes expedientes, únicos que tenho, olham-me de má catadura e dizem-me: «Seja humano, doutor!» Então que querem?», pergunto eu. «Ah!, o doutor bem nos entende Não sei o que diz.» «Não me desampare...» Encho-me de cólera, e brado: «É preciso que a doença siga o seu curso regular.» Ontem, um homem disse-me cara a cara: «Quanto quer você por me curar de repente?» «Não sou feiticeiro, senhor, não posso.» «E a freira carmelita? E o relicário de S. Marciano?» Levantei-me furioso e safei-me. Repito, Ladislau, tornaste-me ridículo e, daqui a pouco, odioso. Não tardo a ser posto entre os charlatães e milagreiros.

– Meu bom e digno amigo – respondeu Zolpki –, responda aos que lhe pedem

prodígios que esses prodígios se repetirão quando os suplicantes igualarem as Carmelitas na santidade dos costumes.

– E boa ideia, essa; mas, meu pobre Ladislau, tanto faz; da situação difícil é que tu me não salvas.

– Peço-lhe que por amor de mim sofra com paciência. Daqui a pouco, tudo será acabado, menos o prazer de me ter socorrido na empresa da minha felicidade.

Zolpki não perdia tempo. Descobriu Casimiro, seu fiel companheiro da infância. Era este quem devia saltar para a almofada da sege em que Bárbara havia de fugir. Resgatada do convento, esconder-se-ia por alguns dias nos subúrbios da cidade; depois, iria para Itália, Bélgica ou França, para qualquer parte onde se pudessem amar em paz.

Ladislau embolsou o seu património, herdado do pai, com os rendimentos vencidos nos anos da sua ausência. Tinha pois dinheiro – esse ingente meio de acalcanhar estorvos; e tinha também enérgica vontade para investir com as dificuldades da empresa. Concorriam nele, portanto, a febre ardente do coração e a serenidade da força, quando chegou o grande dia esperado em Cracóvia com diversas impaciências.

Bárbara fingira o seu arдил perfeitamente. A ausência do coro, os passeios solitários, as palestras com Marta, eram explicadas à comunidade pela importância do papel que a freira representava.

Ao oitavo dia prepararam-se os altares e os ornamentos da igreja.

Corria então o mês de Abril. Os jardins das casas nobres de Cracóvia despojaram-se para aformosear e perfumar o convento.

Sobejavam açafates de camélias, ramilhetes de lilás branco e flores purpúreas nascidas nos trópicos e artificialmente aclimadas. Rendas de preço fabuloso, oferecidas por uma donzela em momento de generosa devoção, adornavam o altar. Caçoilas enormes, cheias de vaporosos perfumes, recendiam seus vertiginosos aromas.

A organista havia de ser uma carmelita de grande habilidade.

Finalmente, como atractivo superior a todos, dizia-se que Bárbara Ubryk. concluído o ofício, cantaria um *Magnificat* em acção de graças.

Depois seguir-se-ia uma prática do padre Zósimo, consagrada ao panegírico de S. Marciano, para corroborar a confiança nas relíquias cuja. exposição se faria depois.

O programa da santa cerimónia, em forma de cartaz de espectáculo, foi profusamente espalhado na cidade.

A hora designada para o tedéu, o doutor, vendo Ladislau a ponto de sair, perguntou-lhe:

– A que horas voltas?

– Talvez muito tarde. Não sei quando terminarão as santas cerimónias. Vais ouvi-la esta tarde, para ficares bem certo de que ela vive?

– Justamente; vou ouvir esta tarde aquela voz querida! E então, meu velho amigo, meu pai, o coração de Zolpki o abençoará.

E bem preciso é que me dê essa recompensação. em desconto dos dissabores que vou tendo. Sê feliz. Ladislau!

Zolpki apertou o doutor nos braços, acusando-se intimamente da sua falta de confiança, porque não ousava dizer-lhe que naquela noite raptaria Bárbara.

O doutor imaginava que o afilhado, certo da saúde de Bárbara, desistiria dos perigosos intentos.

Ladislau, querendo só para si a responsabilidade e a censura que poderiam caber-lhe se a tentativa se baldasse, desviava o doutor da mínima cumplicidade, por entender que já bastantemente expusera o honrado homem, levando-o a entregar o relicário, que tamanho ruído causara na cidade.

Por volta das sete horas, começaram a repicar os sinos do convento. A multidão

encheu logo a igreja. Apesar do rigor da estação, os devotos e curiosos estanciavam diante da fachada do mosteiro. As ruas convizinhas estavam cheias de trens. Na multidão de tantos veículos, ninguém reparou numa sege de viagem, cujo cocheiro, envolto num ferragoulo que o cobria até às orelhas, parecia impaciente sobre a almofada.

Ao passo que as harmonias majestosas do órgão revoavam no templo, centenas de círios se acenderam, radiando pelas naves uns clarões mágicos.

O padre Zósimo subiu ao púlpito, referiu a vida de S. Marciano, animou os devotos a confiarem nele, fez uma patética narração do milagre, e, quando abençoou o auditório, um lisonjeiro murmúrio testemunhou o bom êxito que ele obtivera com a sua eloquência.

Foi então que, por detrás da grade que separava as freiras do concurso do povo, se cantou aquele cântico de amor e triunfo que se chama *Magnificat*. A voz de Bárbara tinha grande volume: mas, sobretudo, o que mais a distinguiu era o timbre metálico e sonoro. Aquela voz não agradava somente: deslumbrava, fascinava o auditório, com inexprimível encanto.

Aquele cantar enviava-o ela ao coração de Ladislau, perdido na multidão, esperando a hora de a libertar. A alma extravasante de júbilo deixava exalar a sua alegria. Liberdade e amor vibravam em todas as notas. O auditório estremecia, palpitava, porque a paixão de Bárbara, traindo-se na voz, filtrava em todas as almas. O seu amor, que ali chamavam devoção, era nela o exalçamento vertiginoso da pitonisa antiga. Ao findar o sagrado cântico, os fiéis, electrizados pela sublime artista, estavam de pé.

Correu-se então uma cortina escarlate posta diante do altar e expôs-se o cofre das relíquias de S. Marciano.

Cantou-se a bênção do Santíssimo Sacramento, o órgão gemeu pela última vez os seus grandes suspiros, e depois lentamente os assistentes retiraram-se.

Entre os fiéis havia dois homens, um dos quais, envolto no seu capote, tão perto estava da grade que encostava a face às reixas; o outro, de braços cruzados, parecia assistir pacientemente a um espectáculo.

Dir-se-ia que o homem do capote receava perder uma só nota da voz da cantora. Durante o cântico, a mão oculta comprimia as pulsações do peito. Quando se apagaram os últimos brandões, saiu ele do templo, seguido do outro, e ambos se encaminharam à sege de viagem.

Não havia já outra na rua.

O tropel dos cavalos, o rodar surdo das carruagens e o bradar dos cocheiros já ressoavam longe.

Ladislau acercou-se do boleeiro e disse-lhe:

Casimiro, agora vamos esperar... Ouvi-lhe a voz, e, pelo modo como ela cantou, parece-me que está pronta a sair.

– Pois esperemos.

– Parece-me – disse o outro amigo de Zolpki, o conde Venceslau – que seria prudente entrarmos ambos na sege, para darmos menos que desconfiar. Em empresas deste género todas as cautelas são poucas.

Zolpki e Venceslau entraram no trem.

No interior do convento começava a reinar o silêncio do costume. As freiras iam entrando para os seus cubículos. Maria Venzyk, reconhecida a Bárbara pela celebridade que o mosteiro estava gozando, disse-lhe ao separar-se algumas palavras afectuosas.

Bárbara entrou na cela e sentou-se na cama.

Uma freira passou pelo dormitório, vigiando que as freiras estivessem recolhidas

com as portas fechadas. Bárbara parecia dormir sobre a sua enxerga. Logo que ela ouviu o rumor da última porta e percebeu que a freira se tinha fechado, ergueu-se mui de manso. Levantou com ambas as mãos o alizar da porta para que os gonzos não rangessem, abriu o bastante para sair ao corredor e, às apalpadelas, trémula e descalça, desceu a escada.

Isto já era muito; mas a maior dificuldade estava por vencer.

De que modo se apossaria ela das chaves da porteira? Era preciso seduzir a vaidade religiosa de Marta com os vãos prestígios de uma visão. É certo que a velha Soror estava preparada para ela; mas se uma dúvida, uma desconfiança, lhe abalasse o ânimo, tudo estava perdido: porque então Marta, irritada por fazerem dela tola, romperia em fúrias contra a desgraçada Bárbara.

Era mister representar esta mística farsa com rara destreza e imperturbável velhacaria, ao mesmo tempo que Ladislau esperava, cheio de angústia e não menos sobressaltado que ela.

Bárbara atravessou o pátio e entrou no pequeno quarto habitado pela porteira. A lamparina estava apagada. Dormiria Marta? Bárbara esperou.

Nos conventos austeros, em que o serviço da noite é interrompido pelas rezas do coro, apenas as religiosas se deitam, adormecem logo. O pouco tempo que têm de repouso não lhes permite meditar antes de adormecer. Dormem para restaurar algum tanto o equilíbrio das forças corporais. E, naquela noite, a festa mais demorada que o costume as tinha obrigado a velar mais duas horas; e por isso, quebradas do cansaço, haviam logo adormecido.

Bárbara abriu a porta de Marta.

Conheceu que ela dormia pelo ressonar igual da respiração.

Marta costumava deixar as chaves à cabeceira.

Bárbara abeirou-se do leito; a porteira voltou-se neste lance suspirando.

As mãos da freira procuravam na parede o molho das chaves.

Marta sonhava, murmurando:

– Visões! Quem me dera visões e consolações espirituais!

A religiosa pós a mão sobre as pesadas chaves e pousou a outra na testa da porteira.

– Marta! Marta! – disse ela, com a voz mui maviosa.

A porteira ia despertando, quando Bárbara já estava de posse das chaves.

E a voz maviosa continuou:

– Eu sou Marciano... Venho reclamar as tuas mais puras jaculatórias; e em paga eu te enchei de dons celestiais... Serás a preferida amante de Jesus, e toda a cidade maravilhada porá em ti os olhos... Ah!, fecha tu os teus, cruza as mãos no peito, reza piedosas litanias, e espera a realização das minhas promessas.

Marta, repartida entre a curiosidade e a ânsia de obedecer à aparição, começou a rezar; mas o seu espírito, flutuando entre a realidade e o sonho, não resistiu muito tempo ao sonho: apenas teria nomeado metade dos bem-aventurados da ladainha, quando adormeceu.

Bárbara saiu do quarto e desafogou num suspiro imenso de exultação.

Estava livre! Ia abrir-se a pesada porta! Daí a momentos estaria reclinada ao coração de Ladislau.

Bárbara achou a chave no molho, fê-la rodar na fechadura, e a porta abriu-se vagarosamente; transpôs o limiar, entreviu uma sege na rua e correu para ela, exclamando:

– Ladislau! Ladislau!

XII

A PATRULHA NOCTURNA

Bárbara deixou a porta do convento aberta, para evitar a bulha que ela fizesse ao fechar. Pouco importava que Maria Venzyk, ao chamá-la de manhã, ficasse sabendo que a fugitiva deixara a porta escancarada.

Se uma religiosa das novas ou uma noviça aproveitasse a liberdade de sair, tanto melhor: em lugar de uma seriam mais as resgatadas.

Quando Zolpki apertou Bárbara ao seio, tamanho foi o seu júbilo que as pulsações do coração pararam a ponto de pensar que a sua alegria e a de Bárbara o matavam.

A claridade da Lua, Zolpki viu-a mais bela que nunca, naquela palidez, envolta no manto escuro. O véu tinha-se despregado, alvejava-lhe a touca na fronte, adoçando-lhe a fixidez penetrante dos olhos.

Ladislau pôde arrancar-se àquela contemplação e, tomando a freira pelo braço, ajudou-a a entrar na carruagem onde estava Casimiro.

Não entrou, porém, tão depressa que uma patrulha, ao ver passar aquela sombra, não suspeitasse algum mistério nocturno. De salto, a religiosa sobressaltada sentou-se no fundo da sege; e Ladislau, saindo à portinhola, exclamou a Casimiro:

– Marcha!

Mas o mancebo mal teve tempo de apanhar as rédeas e dar alor aos cavalos. Um bando de guardas nacionais desembocava na extremidade da rua.

Dissemos que coma então o mês de Abril de 1848. Rebentara em França a revolução de Fevereiro

A influência daquela comoção abalou mais ou menos todos os remos da Europa. e tanto os imperadores como os reis, vendo que os povos despojavam os tronos, tremiam por si e redobravam temerosos a vigilância da polícia sobre a população.

A Polónia foi sempre dilectíssima da França, o daí o criar esperanças de redenção sempre que um sopro de liberdade lhe bafejava de além.

A Polónia espera que a França a resgate. A Alemanha, cooperando na escravidão da infeliz, não lhe dá motivo a confiar-se nela. A Espanha é débil e Portugal é pobre. A Itália tem muito que fazer em sua casa. Não há que esperar socorro algum do poder dessas nações.

A Irlanda católica, perseguida. à imitação da Polónia. faz votos pela salvação de sua irmã crucificada. Para salvar uma nação não basta a força: o que mais monta nessa empresa é o entusiasmo.

A França é arrojada. Ama a Polónia. Talvez porque daqui lhe foi Henrique III? Ou porque lhe deu Maria Leczinska? Não. A França folga de ser invocada no livramento dos que padecem. Apraz-lhe atirar o seu gládio pesado à balança, a fim de a fazer pender do lado dos vencidos. Quando a convidam a ser árbitra, folga de ser a justiça armada e soberana reparadora. Foi em nome destes sentimentos que Carlos Magno declarou batalha à mourama; e desses honrados intentos saiu aquele brado de Pedro, o eremita, que arrebanhou a conjuração senhorial dos cruzados.

A França traja luto quando a Polónia geme; e, se a águia azul sangra e grita, a França responde.

Portanto, quando em 1848 o eco da revolução repercutiu na Polónia, viria a ponto recitar estes versos de Barthélémy:

E os olhos fita no deserto imenso

*Do céu profundo a águia branca, e olhava
Se a águia fraternal, que fere o espaço,
Paira sobre Varsóvia – a triste escrava!*

O czar e o imperador da Áustria, os autocratas, tremiam.

O trono do primeiro, bem sólido em Sampetersburgo, vacilava mal equilibrado na Polónia. Que farte sabia o imperador que povoar cárceres, arruinar famílias, dizimar a nobreza, não era extinguir sentimentos de nacionalidade. Juncar a Sibéria de polacos não era esponjar a Polónia. Assim como o sangue dos mártires, escalavrados pelas feras, nos circos de Roma, regou a árvore do cristianismo, do mesmo modo a perseguição redobra a vitalidade das nações cativas. Embora a Polónia fosse espada de entre os potentados e agonizasse lentamente à minguia de filhos capazes de a redimirem; embora o congresso dos reis a retalhasse como objecto sem existência pessoal – a desventurada ressurgiria ainda no espírito e coração de seus filhos. Piedade, respeito e compaixão das nações vizinhas ser-lhe-iam as flores do túmulo.

O czar, entretanto, cobrava pavor.

A Áustria não se dava por mais segura. Polícia e patrulhas, formigando em Cracóvia, exercitavam maior severidade. Farejavam conspirações onde quer que lhes negrejava um grupo nas ruas; se dois ébrios se amparavam reciprocamente às marradas, por alta noite, eram presos como jurados.

A demasia da desconfiança gerava a suavidade arbitrária.

Era de ver que a patrulha, composta de guardas nacionais austríacos, suspeitasse caso grave na sege que estacionava em frente do mosteiro.

O comandante mandou dobrar a patrulha, enviando metade dos soldados a rodear o convento, a fim de que a sege fosse impedida, no caso de retroceder.

Assim que descobriu tropa, Zolpki não pôde embargar um grito de aflicção. Desceu rapidamente a portinhola e disse a Casimiro:

– Desanda!

Com destreza e rapidez extremas. o mancebo conseguiu dar a volta.

Bárbara, cingida com Zolpki. murmurava ansiosamente:

– Meu Deus, meu Deus, eu não estarei salva?...

– Estás, ainda que eu perca a vida! – respondeu Ladislau.

Ao proferir estas palavras. estrugiu um grito de furiosa angústia.

Os guardas haviam agarrado as cambas da sege e Casimiro sacudira-lhes o chicote às caras; depois, desesperado. conhecendo que só a rapidez os salvaria, afoitou a fogosa parelha, que partiu a desapoderado galope. arrastando os dois soldados. Neste lance, surgiram pela frente os dois que primeiro viram a sege, e lançaram-se às rédeas, subjugando os cavalos, que estacaram escabreando-se resfolegantes.

Casimiro saltou da almofada: o encontro assumia perigosas proporções. Ladislau, com um braço, apertava a tremente senhora ao peito, e com a mão do outro arrancava de um punhal.

– Deus não quer... – murmurou ela.

– Queremos nós! – respondeu Ladislau.

Depois curvou-se à portinhola e disse com a pistola engatilhada:

– O primeiro que erguer um braço é morto.

Houve um momento de pavor e quase desistência das patrulhas.

Pensavam elas que o reterem uma sege de viagem, sem ordem, poderia ser um arbítrio que o próprio Governo repreendesse. Que era aquilo? Dois homens e uma mulher que iam de viagem: coisa naturalíssima.

O local onde estacionava a sege é que não era muito natural, Pois, se ela estava

parada, alguém se esperava ali. A particularidade de estar postada em frente do mosteiro das Carmelitas dava que pensar. Além disso, a freira, se não tinha o véu, deixava ver a touca. Com toda a certeza era rapto, e rapto de religiosa.

Nesta conjuntura, conspirava tudo para a perdição dos desgraçados amantes.

Descobrir um mistério de amor, dar-lhe forma de escândalo religioso, foi para os soldados de Cracóvia regalo que não cederiam a ninguém.

O momento de pânico foi rápido. Quatro soldados arremeteram às portinholas.

– Alto aí! – exclamou Ladislau. – Se são ladrões que me assaltam a carruagem, recorro à legítima defesa.

– Para onde vão? – perguntou um dos soldados.

– Que lhe importa? respondeu violentamente Zolpki. – A sua obrigação é patrulhar as ruas de Cracóvia; nós não perturbamos ninguém, nem fazemos arruídos. Larguem as rédeas aos cavalos, senão eu não respondo pelo que acontecer.

– Eu é que respondo que não passam adiante sem que me digam os seus nomes, apelidos e qualidades – respondeu um que parecia mais audaz e um tanto alcoolizado.

– O meu nome – disse Ladislau com altivez – é Zolpki: sou polaco.

– Olé!, um polaco que conspira desde criança!

– Tem prudência, por piedade! – disse Bárbara ao ouvido de Ladislau.

O moço sopesou a cólera e disse com grande esforço de serenidade:

– Os senhores já vêem que a minha nacionalidade nada faz. Tanto monta que eu seja polaco como austríaco. Os senhores parecem-me pessoas bem-educadas e idóneas para perceberem que nesta carruagem está...

– Bem vejo...

– Respeitem uma dama; peço-lho em nome da cortesia.

– Queremos vê-la... – disseram os guardas.

– Nunca! – exclamou Zolpki.

– Havemos de vê-la por força – disse o comandante.

Travou-se então um conflito horrendo. Abriram-se ambas as portinholas a um tempo. Quatro homens investiram com Casimiro, cujo punhal vibrou três vezes; dois arremeteram a Ladislau, que desfechou sobre um dos adversários. Bárbara, apesar das súplicas e gritos, foi arrancada da carruagem.

A luta continuava. Casimiro batia-se desesperadamente. Bárbara, entre os braços dos guardas, escabujava de vergonha e angústia. A peleja era encarniçada de parte a parte; mas desigual para Zolpki e seus amigos.

Os prodígios de valor prolongavam a luta e extenuavam as forças dos defensores de Bárbara. Zolpki, cercado de inimigos e já malferido, sustentava-se ainda em pé, terrível e ameaçador. Por fim, o comandante fez-lhe um golpe de espada a uma perna. O mancebo caiu sobre um joelho; mas, com um sabre arrancado a um dos guardas e um punhal na outra mão, exauria os últimos alentos com as últimas gotas de sangue.

– Bárbara! – murmurava ele –, adeus... que eu morro!

Com desesperado esforço, a religiosa furtou-se às mãos brutais que a retinham e debruçou-se sobre o corpo de Zolpki.

– Ergue-te, Ladislau! – exclamava ela. – Tu não podes morrer. porque eu sou livre e amo-te!

– Ó minha amada filha! – disse ele, com a voz já muito extenuada –, foge aos ultrajes desses miseráveis!

– Não, enquanto viveres!

– Recebe o meu último alento – disse ele, erguendo-se penosamente para aproximar os lábios da boca de Bárbara.

Os lábios dela foram como traspassados do frio da morte.

Ladislau caiu

E, apertando nos braços convulsos aquele corpo imóvel, Bárbara perdeu a consciência de tudo que a rodeava,

– Ladislau! – exclamava ela –, reanima-te... vem... estes infames deixam-nos passar... Eu te levarei nos braços... Ladislau, tu não me ouves? ti Senhor, fazei um milagre!... Erguei-o, salvai-o, meu Deus!

Bárbara, estirando os braços em vertiginosa agonia, chorava torrentes de lágrimas.

– Ora vamos, lindinha! – disse um dos guardas nacionais –, por cada namoro que se vai, vêm dez. E nossa a menina por direito de conquista... Vê-se que a galantinha não se dá no convento, por isso se escapuliu: mas amantes todos são uns! Cá estamos nós, que sabemos amar também como se quer!...

O soldado repuxou o braço de Bárbara para a levar consigo.

E ela, compreendendo então o perigo que lhe estava iminente, entendeu as últimas palavras de Zolpki.

O convento, a cuja austeridade fugira, já lhe parecia o supremo refúgio.

Morto o amante, que lhe importava lá entrar para morrer?

– Deixem-me, deixem-me! – exclamou ela –, que eu pertenço à nobreza! Basta de crimes, malvados!

– Deixá-la!, restituir tão bela presa às Carmelitas!, isso não; anda! Vamos... Nós... os homens do povo, também sabemos amar as lindas fidalgas.

A freira, ao sentir-se aferrada pelo soldado, vibrou um grito de pavor, arrancou-se-lhe dos braços e fugiu na direitura do convento. Mais dois passos e estaria salva. Transposto o ádito do pátio, não teria mais que recuar: mas o guarda seguiu-a, exclamando:

– Venha connosco!

– Matem-me, se querem...

E esforçou-se por entrar a tempo que o sino do segundo nocturno já chamava para o coro. Conseguiu desapossar-se dos celerados; entrou a portaria: mas, quando ia a fechar a porta, o chefe da guarda estorvou-a, gritando:

– Nós vamos chamar a comunidade, se nos não segue.

– Chame! – bradou ela, correndo para o interior do mosteiro.

O austríaco ainda lhe travou do hábito, dizendo a altos brados:

– Fechem as portas, que foge uma freira!

Na extrema do corredor perpassava então uma fileira de sombras: era o rebanho das religiosas que ia entrando no coro, e todas se desgarraram ao ouvirem a voz de um homem. Porém, a prelada, a subprioresa e a porteira, as três mais responsáveis da fuga, avançaram para a desgraçada Bárbara.

Maria Venzyk, dirigindo-se ao guarda nacional, disse:

– Quem quer que seja, senhor, grande é o serviço que prestou à religião, prevenindo um grande escândalo; entretanto, queira sair desta casa, onde é defesa a entrada de homens.

O soldado primeiro fez um passo à frente, depois outro à retaguarda, e saiu.

No mesmo instante, o sacristão Gregorczyk foi direito a Bárbara, obedecendo ao aceno da prioresa.

Marta, cerrando os punhos, invectivou-a furiosamente:

– Miserável!, prometeste-me visitas de S. Marciano para te saíres bem dos infames projectos! Não há bastante penitência que castigue a tua hipocrisia e malícia.

Bárbara não respondeu.

– As correntes! – disse a prioresa ao sacristão, que imediatamente saiu.

Já dissemos que estes sucessos passavam por uma noite de Abril, fria e clara.

Terror, curiosidade e desejo de vingança retinham ali todas as freiras. Nenhuma pensava em ir ao coro. As monjas antigas cismavam no rigor das penas infligidas às religiosas delinquentes; as novas, em cujas almas os sentimentos humanos ainda não haviam morrido, tremiam de susto e escondiam as lágrimas sob os véus.

Santa Ângela e Cinco Chagas davam-se as mãos em silêncio.

O sacristão chegou com as cadeias e golilhas de enorme peso.

– Prenda a criminosa – disse a prelada.

Bárbara ofereceu os braços.

Quando os delicados pulsos começavam a esverdear-se, apertados pelas golilhas, a priora fez esta concisa indicação, mais para horrores que longas frases:

– Cova negra.

Gregorczyk sollevou uma cadeia que rojava no chão, e Bárbara, cambaleando, seguiu.

As religiosas contemplavam-na.

Um grito de piedosa mágoa fugiu do coração de Santa Ângela.

– Qual das senhoras em tão pouco tem a honra desta casa que lastima aquela miserável? – perguntou Maria Venzyk.

Uma noviça afogou na garganta um soluçante gemido.

A prelada, alongando o braço na direcção do coro, disse glacialmente:

– Vamos cantar o ofício.

Minutos depois, na igreja alumiada, ressoava a salmodia. Ah! Forçoso é confessar que os salmos de David têm menos preceitos de amor e caridade que sedes de vingança e sentimentos de ódio. O profeta-rei, que nunca perdoou injúrias, não se satisfaz odiando: emparceira nas suas vinganças o Senhor.

Em nome de tudo que fez bom, roga a Deus que o ajude a fulminar os inimigos. «Hão-de rojar-se-me aos pés», diz ele. «Pulverizá-los-ei como pó que o vento espalha; e farei que se sumam com a lama dos caminhos. Senhor, julgai quem me não faz justiça, arrancai do gládio e atravancai o trânsito aos que me perseguem; que trevas lhes obumbrem o caminho e o anjo do Senhor que não cesse de os atormentar... Esmagai meus inimigos com o peso que eles querem sobrepor-me e exterminai-os, consoante prometeste... Eles sofrerão fome como cães; divagarão em volta da cidade, errarão dispersos à cata de alimento e nunca se fartarão. Que os olhos se lhes escuretem a ponto de cegarem; fazei que o dorso se lhes derreie para o chão; cobri-os de vossa cólera e sobressaltai-os com o furor da vossa indignação: que a sua habitação seja erma e não haja quem lhe povoe as tendas.»

Os salmos de David sempre nos pareceram assaz impróprios para serem cantados nas igrejas católicas.

Primeiro, porque essas poesias são bíblicas, saturadas do espírito da lei antiga, que era a lei de Talião, da cólera e do rancor; depois, os salmos de David são personalíssimos para se apropriarem à generalidade dos fiéis. Poucos são os cantares de graça e triunfo que possam quadrar com a canção religiosa.

Posto isto, vem de molde inquirir porque é que, durante os ofícios, fazem cantar nossas filhas inocentes as frases dos pesares, de David, assassino e adúltero? Desta anomalia o correctivo único é responderem-nos que os salmos são ditos em língua desconhecida ao maior número de cristãos, Pois a igreja católica não pode formular preces, criar expressões contritas, compor as súplicas adequadas ao seu espírito, culto e esperanças? Não houve santo ou doutor da Igreja com tanta inspiração para resumir o pensamento do Evangelho. Praticamos um culto e pedimos emprestadas a outro culto as nossas rezas. Pedimos vingança contra nossos inimigos quando Cristo nos mandou que oferecêssemos uma face logo que nos esbofeteassem a outra. Imploramos o Messias, e o

Messias há dezoito séculos que veio. Falamos de sacrifícios abolidos, usanças abrogadas, leis de sangue mudadas em leis de misericórdia.

Os salmos de David, se os consideramos clamores humanos, lástimas de poeta, cânticos doloridos e lacrimantes, são admiráveis. O poema de Job, com esses outros poemas, representam a mais egrégia expressão de mágoa. Vibra entusiasmo grande nas odes líricas. Foi e eternamente será um excelente poeta David. Quem desconhece a poesia bíblica carece do mais acrisolado elemento da poesia universal. Como quer que seja, as poesias do profeta-rei devem ser lidas, pensadas e admiradas como se admiram todos os poemas notáveis. Somos, porém, de parecer que a igreja católica deveria expungir essas fezes de judaísmo, e recompor orações harmónicas e congruentes com o culto que derruiu completamente o dos Hebreus. Não é irracional coisa que os israelitas e católicos salmodiem os mesmos versículos? As fadigas interpretadas dadas pelos padres a certos trechos de David e Salomão são nova prova da insuficiência do rito cristão. Já não fazemos caso do cântico dos cânticos misticamente aplicado à igreja: isso então é um esforço de engenho que já não embaça ninguém. Mas é tão altamente injurioso que num templo se peça a Deus que fulmine os nossos inimigos como o estar-se aí a rememorar os delíquios da Sulamita, enquanto o rei lhe *põe a mão esquerda sob a cabeça e com a direita se abraça nela*.

O concílio, que tantas coisas trata, não poderá reformar na Igreja uma usança que não pode ser desculpável por ser muito anciã? Deixai que os salmos de David se leiam como poemas; mas expurgai-os das orações cristãs. Os pesares das multidões não se acham bem exprimidos nos clamores do assassino de Urias e do amante de Betsabé. Se existisse o ofício especial para o uso dos grandes criminosos, convenho que a explosão desses remorsos viesse a ponto; porém, quando uma menina inocente se ajoelha ante o altar, com a candura dos 15 anos, parece-nos que a afinação da sua alma destoa disso que canta e que o excesso de remorso de David pode dar-lhe vontade de querer saber que crimes ele expiava. com as suas choradeiras.

Em resumo: quiséramos que os padres católicos se servissem das orações católicas. Porque é que se muda o ornato dos templos e as cerimónias que lá se celebram, se os sentimentos que aí se exaltam são os severamente repreendidos por Jesus?

Mas enquanto esta lógica não entrar na cristandade invocaremos com David a cólera celeste sobre os transviados, como se Cristo não houvesse dito: «Vai mais alegria no Céu pela conversão de um pecador que pela perseverança de noventa e nove justos. -

E naquela noite de Abril de 1848 as religiosas carmelitanas de Cracóvia pediam a Deus que trovejasse sobre a criminosa e a esmagasse sob o seu opróbrio...

XIII

O TRIBUNAL DAS CARMELITAS

Eram passados dias depois que Bárbara fora encarcerada na prisão denominada por Maria Venzyk a *Cova negra*.

Era uma espécie de antecâmara do *In pace*. Prendiam-se aí as freiras incursas em algum delito enquanto não eram sentenciadas no tribunal monástico.

Nesse tribunal negrejavam cerimónias lúgubres com o intuito de aterrar as espectadoras do drama e espavorir a fantasia das noviças e recentes professoras. Qualquer sucesso avultava enormes proporções aos olhos de mulheres privadas de distrações externas. Maria Venzyk procurou nas tradições do convento memórias deixadas por suas antecessoras do que praticaram em análoga ocorrência. Como não achasse alguma particularidade, tratou de copiar servilmente as excomunhões usadas na Idade Média.

A comunidade gastou dois dias nos preparativos fúnebres.

Parecia ter esquecido Bárbara na *Cova negra*.

Esta masmorra, de forma quadrada, recebia a luz por um postigo gradeado. O pavimento era de ladrilho. Uma tarimba, com sua manta, e um escano eram a mobília do lóbrego recinto. Não havia aí o pão da amargura, nem a água das angústias: era completa a abstinência. A religiosa que entrasse nessa sepultura, fosse qual fosse a demora, sofria sede e fome. Bárbara, em meio das grandes dores que lhe dilaceravam o seio, escassamente sentia aqueles tormentos. De si, do seu existir, do que era e do que viria a ser, parecia de todo despreocupada. Apenas uma palavra lhe descerrava os beiços requeimados: «Zolpki!»

A morte absorvia aquela desgraçada.

Era-lhe consolação a esperança de morrer exânime à míngua de alimento.

Envolta no seu hábito, prostrada no catre, cobrindo as faces com as mãos, deixava passar as horas. A escuridão da *Cova negra* era-lhe grata, por lhe parecer que ali começava a noite do túmulo. Abençoava e não maldizia as mulheres que a condenaram. Matavam-na, haviam com ela a misericórdia de a matar, se lhe faltasse a coragem do suicídio.

Já não existia para ela o sentimento da vida actual. Se a intervalos as mãos lhe estremeciam no seio, não saberia dizer que dores lho dilaceravam; o que ela sabia ao certo é que morria, aceitando sem resistência o amargo cálice da morte.

Ao cabo do segundo dia, a portinha da *Cova negra* deixou passar uma sombra indecisa.

Um ente vestido de negro, cujas vestes roçavam na parede, com uma lanterna de furta-fogo, entrou na câmara lúgubre, pendurou a lâmpada num prego que decerto conhecia, aproximou um escabelo para a beira do grabato da religiosa e sentou-se.

A encarcerada não abriu os olhos.

– Bárbara! Bárbara! – disse uma voz trémula.

– Que me querem? – perguntou a freira levantando-se.

– Confessá-la – respondeu o visitante.

Bárbara ergueu-se de salto, exclamando:

– Fora! Fora daqui!

– Porque recusa escutar-me, minha filha? – perguntou o padre Zósimo com perturbação

– Porque não cometi falta de que me acuse a consciência: não tenho que confessar.

- E a infidelidade que quis cometer contra os seus votos?
- Isso é com Deus e comigo.
- Pois é em nome de Deus que eu pretendo falar-lhe.

Bárbara sorriu desdenhosamente.

- Ousa apelar para a justiça divina?
- Decerto.

– Olhe – disse Bárbara –, eu vou morrer, e morrer de fome nesta cova, porque há dois dias me não deram nada; pois creia que este suplício nada é em comparação do horror que me faz a sua presença... Não sei porquê, a sua visita a esta hora liga-se à lembrança de uma terrível visão...

- Qual? – perguntou Zósimo.
- Lembre-se da sala da penitência.

– A minha filha está sonhando... Mas o que é terrível realidade... é o castigo que lhe preparam, e do qual só eu poderei salvá-la...

– Estou resignada.

– Porque cuida morrer, como há pouco disse: mas conhece mal a justiça dos conventos, se cuida que o seu castigo há-de acabar tão depressa.

- Pois não me hão-de deixar morrer de fome?
- Não.

– Então que me fazem?

– Há-de ser julgada primeiro.

– Estou pronta; e nada responderei às acusações que me fizerem... Tentei fugir, a fatalidade não quis; sofrerei o castigo.

– Então não teme o cárcere perpétuo, a tortura infinita, um traspasse dilatado gota a gota de sangue?

– Zolpki está morto! – disse Bárbara soluçando.

– É tão nova – replicou o padre Zósimo –, deve querer a vida. Deve amá-la seja como for... Faz-me compaixão, Bárbara... Esqueço-me de que nunca deixou ver ao confessor toda a sua alma... Quero arrancá-la a este longo suplício... Confie-me o seu destino. Deixe-me salvá-la.

– Para quê?... Não quero salvar-me.

– Mas queria fugir...

– Sim, porque me seguia o homem que eu amava.

– Sacrilega! Ousa confessar esse crime!

– Tanto importa confessá-lo como não... Arguiu-me há pouco de que eu lhe não abrisse francamente a minha alma... Vou agora contar-lhe tudo... Se quiser, absolva-me depois... Eu não vim para aqui por vontade. Amava um homem, quando meu pai me trouxe a esta casa. O sacrifício da minha liberdade era a paga da vida desse homem, que eu tão barata comprava... Trouxe para aqui a imagem dele, no mais íntimo da alma. Eu jurara de entrar no Carmelo, mas viver aqui não Esperava que o meu amante, um dia, me arrancasse de cá Passaram-se as semanas e os meses... Acabou-se a esperança... Então esforcei-me por me sujeitar à vida que me deram, humildei-me, silenciosa, casta, mortificada, e estudei o espírito da regra para cada vez mais o observar... E já quando a serenidade começava em mim, então duvidei do valor que têm nesta casa as palavras «virgindade» e «pudor»...

– Que quer dizer, Bárbara?

– Eu não sonhava, não, naquela horrenda noite em que fui conduzida às saturnais dos suplícios, seguidas de noites cujos sacrílegos prazeres a minha língua não ousa proferir... Compreendi, na casa das torturas, a voluptuosidade que certas pessoas achavam na contemplação das minhas irmãs nuas e no espectáculo da carne palpitante.

Compreendi que não se tratava só de penitenciar freiras, mas sim de as suspender nuas na cruz, parodiando o drama do Redentor do Calvário, em proveito dos sentidos de um homem... Compreendi tudo isso, que me indignou, e lutei para que me não despissem o meu vestido de estamena; porque o meu seio seria indigno de palpitar se uma vez se prostituísse em semelhante assembleia... O meu futuro, o meu amor, a minha felicidade, tudo estava perdido... Restava-me só o corpo, que eu jurara guardar casto e puro, apesar de todas as violências... E foi dentro destas paredes, erguidas para me protegerem, que se tentou contra a minha virgindade... Oh!, que horror se fez na minha alma, e me lançou por terra, sem alento, quase morta, quando o resplendor de uma fingida aurora, mostrando Santa Angela crucificada, me mostrou, padre, a sua cara ardente de lascívia, a espreitar por um secreto postigo da parede!...

– Enganou-se Bárbara.

– Enganada! Oxalá! Pedi a Deus que me desoprimisse de tal lembrança, que me arrancasse da ideia o fantasma que me perseguia sem descanso!... E sempre diante de mim aqueles olhos fulgurantes que me horrorizavam... aquela incessante tentação que eu de balde espancava!... E ainda mais... As confidências de Santa Angela.

Zósimo estremeceu todo desde as unhas dos pés até à raiz dos cabelos.

E Bárbara continuou:

– Cuidavam que eu fosse tão simples que me deixasse lograr por tais artimanhas... Fizeram-me o favor de me não dar importância... Eu vivia no mosteiro como se não fosse nada... Já me não falavam de mortificações nem gozos de amor divino. Graças dava eu a Deus por isso... E mais fervorosas lhas dei quando me senti morrer, morrer da consumpção do claustro, do frio que ressumbra destas paredes e congela a alma... Sentia-me adormecer para sempre depois de amar, lutar e sofrer... Ia para Deus, sem mácula e coroada pelo meu martírio... Aceitava a morte com as mãos erguidas, quando de repente uma palavra me ressuscitou... O amado da minha mocidade voltara... Chamava-me aos seus braços... Fui, sem terror do passo que dei, nem medo de castigo, se a fugida se malograsse... Chamava-me... corri para ele... Já eu lhe sentia o bater do coração... éramos livres... íamos esquecer oito anos de apartamento, quando um raio nos subverteu... Ele caiu por terra ensanguentado, e depois... eu... Mas que valho eu já agora?... Estou perdida... e resignada...

– Perdida, sim, se se obstina a querer perder-se.

– Obstino-me só em querer morrer.

– Diga-me uma palavra que eu salvo-a.

– O senhor?

– Eu, sim, Bárbara... Eu, que posso contrapor a minha vontade à de Maria Venzyk.

– Pois pode traí-la?

– Sim... por sua causa... posso!

– Santo Deus! E que horrível preço quer por tal serviço?

– Que me não odeie.

– Não há ódio onde há desprezo.

– Deixe-me ser o director da sua alma e eu farei que lá renasça o amor à vida. Quer sair desta masmorra? Quer voltar ao seu posto no coro? Diga que sim, e Maria Venzyk será sua súbdita; o poder que ela tem será seu... hei-de torná-la independente de todas para que seja exclusivamente minha.

– Miserável! – fremiu Bárbara. – Miserável! Vem aqui fingir piedades, prostituir compaixões no cárcere de uma condenada à morte! Tem a ousadia de apresentar à minha razão, que se perde, o quadro das devassidões infames! Vai-te, celerado! Vai-te. não manches este ergástulo que daqui a pouco será uma sepultura! Vai pedir que me

carreguem de ferros, não peças o meu livramento. Apóstata! sacrílego!, devasso. torpíssimo podre que tu és! Se a eternidade vingadora existe, os teus crimes hão-de ser castigados.

Zósimo parecia impassível à ira de Bárbara.

– Há cinco anos – disse ele –, naquela noite em que quisemos contar uma nova eleita, como eu visse a sua rebeldia e a julguei motivada por sentimentos de pudor, respeitei-a... Hoje, porém, o caso é diverso... Hoje sei que esta virgem do Senhor não se esquiva a ser de um homem, pois que fugiu, de noite, do convento... A sua castidade é, portanto, uma impostura... A menina já sabe o que são as delícias do amor e saía em procura delas. Já não vejo na senhora a esposa imaculada. A infidelidade moral consumou-se. O desejo venceu-lhe a vontade... o seu peito sentiu as pulsações de outro peito... uns braços a fizeram estremecer nos seus apertos... as volúpias arderam-lhe no sangue... a sua virgindade está perdida... e o meu respeito cessou...

– Se assim é, respeite-se a si próprio, padre. Amei um homem livre. que nada devia à sociedade nem a Deus. O Sr. Padre Zósimo é um sacerdote, um confessor, um impudico, um sacrílego, um incestuoso, um adúltero, um infame dos que costumam ser supliciados pelo fogo.

– Tencionas denunciar-me? – bradou ele, crescendo para Bárbara.

Ela afastou-o de si com um repelão, apesar de ter as mãos algemadas, e gritou:

– Socorro! Meu Deus! Socorro! Matem-me, mas livrem-me deste malvado homem!

Não obstante, Zósimo agarrou da vítima pelos ombros, prostrando-a sobre a tarimba chumbada na parede.

Neste lance abriu-se a porta.

A prelada entrou.

Bárbara arrastou-se até aos joelhos dela, que lhe parecia já menos horrenda que o padre.

– Condene-me! Faça que eu morra nas maiores torturas: mas tire-me. este padre daqui... tire-mo, que a minha agonia não pode com a torpeza da sua presença...

– Não há que fazer desta rebelde – disse Zósimo com uma voz seráfica –, está obstinadíssima.

– Não era esta a hora nem este o lugar para ensaiar o triunfo – disse Maria Venzyk em tom de voz vibrante de cólera – e estou quase em dizer que o seu excesso de zelo é um abuso de confiança... Ora vamos, meu padre, neste instante esta mulher depende de mim e de Deus.

– Pensei que devia prepará-la para o castigo que deve sofrer.

– Cobarde hipócrita! – disse Bárbara. – Nem sequer tem a coragem, da sua vilania!

– Maria – disse Zósimo a meia voz à priora –, haja-se com ela sem piedade.

– Descanse... que há-de ser o juiz.

O padre saiu da *Cova negra*.

No corredor estavam Gregorczyk. a porteira e duas das mais corpulentas freiras.

Ai!, não era precisa tanta gente para subjugar a desgraçada menina! Bárbara exaurira-se de forças; estava para ali caída nos ladrilhos sem voz nem respiração.

Marta levantou-a.

Bárbara cambaleava.

– Leve-a – disse a prelada ao sacristão.

Quando ele lhe pôs a mão no braço, a freira sacudiu-se daquele contacto, recuando até à parede.

– Irei sozinha... digam-me para onde... – exclamou ela.

A prelada e a porteira iam na frente; depois seguia-se Bárbara, escoltada pelo sacristão e as duas irmãs conversas.

Saíram as escaleiras, foram ao longo dos corredores e entraram no claustro.

O sacristão saiu. Minutos depois, os sinos tangeram um dobre a finados.

Marta abriu a porta da igreja. Estava ornamentada de negro. No altar, um grande crucifixo e um vaso de água benta com o seu hissope de buxo. A porta do sacrário estava aberta e lá ao fundo cintilava o cibório. A toalha do altar, lançada sem o costumado alinho, queria dizer que havia grande perturbação nas aras do Senhor.

Por de cima dos brandões negrejava uma espécie de escudo funerário sustendo uma caveira.

Este lúgubre aparato espavoriu a religiosa, extenuada pela fome. Que vinha a ser aquele cenário? Qual seria o acto final do drama sinistro?

A prelada pôs um véu sobre o rosto de Bárbara, o véu que ela quando fugia tinha perdido.

– De joelhos! – disse-lhe ela indicando-lhe o lugar marcado no pavimento.

E o sino continuava a dobrar.

As religiosas entoaram o *De profundis*.

Acabada a fúnebre cantoria, as freiras ordenaram-se em círculo e a priora, subindo o degrau da balaustrada e olhando de través sobre a religiosa ajoelhada, disse:

– Bárbara Ubryk. confessas que professaste neste mesmo tribunal votos de obediência, de clausura, de penitência e castidade?

– Confesso – respondeu Bárbara, tendo como coisa indigna de si lembrar naquele local a violência que seu pai lhe fizera.

E a prelada continuou:

– Infringiste o voto de clausura transpondo o limiar do mosteiro; infringiste o voto de castidade seguindo um homem; o voto de penitência voltando a procurar as delícias do século; o voto de obediência infringindo todos os mais. Confessas?

– Confesso.

– Para salvarmos tua alma, que a teu pesar salvaremos, vamos castigar o teu corpo... Pois que deixaste o Carmelo, serás presa toda a vida, comendo o pão da amargura e bebendo a água das lágrimas. Pois que faltaste à obediência e quebraste o jugo do Senhor, gemerás até à hora derradeira que o Céu te der. Nunca mais voltarás ao gremio de tuas irmãs. Eu te repulso do rebanho, ovelha tihosa; eu te privo do véu, mulher sem pudor: eu te arranco dos ombros a veste das esposas de Cristo, prostituta de Sião! Em sinal de castigo e afrontamento, cada uma das tuas irmãs fará gotejar de teu corpo algumas gotas de sangue. Em sinal de apartamento absoluto não só do claustro, mas também do altar, eu te privo da água lustral, em que os teus dedos nunca mais serão molhados, e regarei com ela o chão do templo... e apagarei com o meu pé as luzes santas que alumiam nossas santas cerimónias... Serás para sempre privada da Eucaristia. que assim o vês no tabernáculo aberto e na custódia vazia... Proíbo até que jamais possas beijar o crucifixo. Maldita sejas em tua alma, que concebeu o crime, que a bestial demência de Nabucodonosor se aposse desse cérebro, que engendrou planos de fuga. Maldita sejas em teus pés. que transpuseram as grades sagradas: paralistem-tos a dor: lancem raízes nos ladrilhos do teu cárcere! Maldita sejas na beleza do teu rosto e das tuas formas! Que teus olhos se cavem à força de chorar, que teus cabelos alvejem precocemente, que tua cintura se curve e retorça. que tuas unhas cresçam como as das bestas-feras, que tua voz rouqueje à força de gritar! Maldita sejas nesses olhos que viram um homem, nesses lábios que beijaram um rosto, nesses peitos que o cingiram a si! Maldita sejas neste mundo e no outro, pelos homens e pelos demónios, privada de absolvição à hora da morte e queimada eternamente nas labaredas da Geena!

Maria Venzyk. proferindo tal apóstrofe, era realmente medonha! A estatura do seu corpo parecia maior, as dobras do hábito eram como as asas negras de uma ave nocturna; em pé, no meio dos vasos santos dispersos, dos círios apagados, do crucifixo arrojado ao sopé do altar. parecia a imagem da destruição, a estátua animada do rancor. Coriscavam-lhe os olhos em meio da face acobreada. Tremiam-lhe as mãos no vibrar das maldições.

Bárbara fitava-a, escutava-a: mas não a via nem a ouvia.

A intervalos, os beijos da religiosa crispavam-se. vagindo este murmúrio:

– Zolpki é morto!... mataram-no...

Findas as fórmulas do anátema, quatro freiras se acercaram da condenada. Desta feita, apesar da grande resistência, despiram-na até à cintura. e cada freira, armada de disciplinas com pontas de ferro, verberou-lhe as espáduas.

O sangue espirrava às faces das atormentadoras.

Nem um gemido nos lábios da supliciada! E que não há comparar aquela dor física à indizível angústia que lhe ia na alma! A infeliz abençoava a tortura, porque esperava morrer nela. Alquebrada pelos jejuns. pela desesperação e pela luta com o padre, e vendo-se a braços com aquelas mulheres mais encarniçadas que verdugos, julgou que ia acabar. que o frio que lhe inteiriçava os membros era o da morte, que do espasmo em que sentia esvair-se não acordaria jamais.

As freiras espancavam já uma coisa inerte, um quase cadáver.

Quando o sangue borrifava o pavimento da igreja, a prelada ordenou à freira que a seguisse.

Bárbara não deu sinal de vida.

Marta, debruçando-se sobre ela, disse:

– Parece-me que morreu.

Cobriram-lhe o peito avergoado com um véu de estamemha escura. tomaram-na em braços duas freiras, e outra pelos pés, e conduziram-na à frente de um longo cortejo.

– Ao *In pace!* – disse a prelada.

Cessou o dobre a finados.

Desceram uma escada tenebrosa. Abriu-se a porta da masmorra. Lá dentro, no canto, uma pouca de palha, uma bilha de água, um pão negro... o pão da amargura e a água das angústias...

Bárbara continuava desfalecida.

As freiras deitaram-na sobre a palha, tirando-lhe as algemas.

A priora encarou-a e disse:

– *Fica em paz.*

No mesmo dia, na cidade de Cracóvia. soube-se que o dobre a finados no mosteiro tangia quando se estava sepultando Bárbara Ubryk, morta na paz do Senhor.

IN PACE.

Quando emergiu de sua letargia, estava sozinha. Era noite alta. Estendeu os braços e roçou as mãos na parede. Levantou-se, quis ter-se em pé, não pôde, recaiu sobre a palha que lhe era cama. O sopitamento, nova forma da alma aniquilada, furtou-a por momentos à crua realidade da vida. E, quer fosse consolação, quer ironia, sonhou com o jardim de seu pai, e viu à claridade da Lua Zolpki, o moço, o gentil, o amante arrebatado; e ouviu-lhe as promessas de eterno amor, e viu que ele lhe descerrava as portas do Paraíso, de onde os anjos são desterrados... Júbilos inefáveis e puros a endoideciam quando os beijos do amantíssimo esposo lhe sorviam o hálito.

Raiou a estrela da manhã, e o presente lhe avultou em toda a sua negrura. Abriu os olhos e conheceu onde estava. Era um quarto subtérreo, caiado, sem móveis. De uma fresta alta coava-se luz frouxa; apenas se entrevia o azul do céu; mas claridade bastante

para qualquer trabalho não a tinha. Bárbara forcejou debalde por espreitar pela fresta em que parte do mosteiro jazia aquela masmorra. As feridas não a deixavam redobrar esforços para chegar ao postigo inacessível. Não chegava ali som de relógio, nem toalha de sino. Supôs, portanto, que fora soterrada nas profundezas do mosteiro, para a banda da cerca. A ideia de que lhe dariam alimentos nutria-lhe esperanças de interrogar a freira que lhos trouxesse. Mas ninguém ali foi. Entendeu então que a deixariam morrer de fome. Recordou-se de que as Vestais infiéis eram sepultadas vivas. Conheceu que anoitecia. Pediu a Deus que a deixasse adormecer. E dormiu. Ao despertar, apesar de tão infeliz, sorriu à réstia solar que lhe tremeluziu no cárcere.

Aí por meio-dia, pareceu-lhe ouvir rumor de passos. Pulsava-lhe a ímpetos o coração. Achevou-se à porta e pôs o ouvido; era para lá que os passos se moviam. Ouviu uma estralada de abrir e desaferrolhar portas. Eis que assoma uma religiosa no ergástulo.

Era Marta conduzindo pão e água. Bárbara exclamou:

– Minha irmã, diga-me, por piedade, minha irmã, onde é que estou?

Marta encarou-a com expressão de atroz regozijo e, sem lhe dar resposta, saiu.

Bárbara debulhou-se em pranto. Foi-se-lhe o restante ânimo. Todo o seu desejo e único alento era morrer, morrer para ir ao encontro de Zolpki.

– Hei-de suicidar-me pela fome – disse ela consigo.

E, por mais que se agonizasse, não buliu no pão nem provou gota 1 de água.

Pareceu-lhe infinito aquele dia. Os mesmos pensamentos exulcerantes recresciam de hora a hora. Quebravam-lhe as fontes dores agudíssimas; ouravam-na zunidos aflitivos. Se fechava os olhos, via horrendas visões criadas pela vertigem. E lá por desoras ouviu uma voz que lhe dizia:

– Bárbara! Bárbara!

A presa sentou-se no seu ninho, mais perturbada que se visse entrar Maria Venzyk e as suas carrascas.

– Bárbara, ainda é tempo – continuou a voz –, queres salvar-te?

– Vai-te, miserável! vai-te! Respeita, sequer, uma sepultura! – respondeu ela.

– Ouve... eu posso arrancar-te deste cárcere, dar-te liberdade e a vista do céu, entendes?, a vista do céu, a ti, que nunca mais ressurgirás deste antro de agonias... Amo-te... Não me repulses, que eu serei teu libertador, teu escravo!

– Antes morrer! – respondeu Bárbara.

E, muito ao longe, sumiu-se o soturno rumor de passos.

Novo martírio davam à desgraçada. Não lhe bastava a prisão. Era atrocíssimo que ainda o padre Zósimo ali fosse vibrar os clamores da sua paixão dentro de um sepulcro! Nem ao menos deixavam que a infeliz senhora vasquejasse silenciosa nos seus paroxismos! Era forçoso que, enquanto a alma não rompesse os liames do corpo, aquele homem, ébrio de sensualidades, ali entrasse, a poluir, a sobrepor aos horrores da tumba a sordícia das suas impurezas! Este suplício exacerbava-lhe a dor mais que todas. Que faria? Que diria? Crê-la-iam? Desconfiou Bárbara dos ciúmes da prelada; mas Maria Venzyk não iria ali e Marta nada lhe diria se a presa lho contasse.

Apoderou-se, dela o maior terror. Entrou a cismar que Zósimo podia ali penetrar quando lhe aprouvesse e que ela estava tão sem forças que não poderia defender-se da lubricidade daquele monstro.

Marta levou-lhe outro pão. A presa nada lhe disse. Ao anoitecer recresceu-lhe o terror, e formou tenção de não adormecer. Não obstante, os olhos fecharam-se, apesar do intento. Mas acordou estrouvinhada por um subtil rumor, semelhante ao apalpar de uma destra mão que diligenciasse introduzir uma chave em fechadura. Erguida, com a frente a ressumbrar suor de aflição, atentando o ouvido, esperou... Era com certeza o

padre que tratava de se introduzir na masmorra; porém, qualquer que fosse o motivo, o visitante retirou-se. O castigo da prisão já não pesava nada nas dores de Bárbara, nem sequer o da fome; todo o seu morrer de angústia era o medo da violência. Esta mulher amante e corajosa, que tão ardente se lançava aos braços de um homem, tinha a castidade das naturezas sublimes.

«Se eu teimo em não comer», dizia ela entre si, «mais um dia, e não terei a mais pequena força que me salve contra a violência...»

E comeu para reter o vigor expirante.

As chagas cicatrizaram-se. Voltou-lhe a energia. Era preciso viver para afrontar o opróbrio. Viveria! Faria ainda a Zolpki o sacrificio da tão suspirada morte.

É de presumir que o padre, cuja vinda tanto medo incutia em Bárbara, não conseguisse no espaço de um dia preparar chave que abrisse o antro da presa; ou talvez desistisse de lutar com o desprezo dela. Como quer que fosse, decorreram duas noites sem algum incidente.

Continuava Marta a levar o pão e água. Sempre que entrava. Bárbara falava-lhe, mas em vão: a porteira permanecia incorruptível. Contudo, na oitava noite, pareceu tentada a mover-se: uma luz piedosa lhe adoçou a vista pela primeira vez; mas este sentimento foi instantâneo, e, de mais a mais, a porteira, receosa de ceder, fugiu.

Bárbara rompeu o seu pão e achou dentro um objecto rijo e frio. A presa expediu um brado de inesperada alegria.

– Uma chave! – exclamou –, uma chave!

E correu à porta, introduziu a chave e desandou-a. Estava aberta. Saiu e tropeçou no que quer que fosse. Era uma lanterna. Quem a deixaria ali?

Não lhe ocorreu ideia da perfídia, nenhum raciocínio lhe ocupou o espírito. Ia ao acaso pensando que a mão que lhe abrisse a sepultura a levaria ao ar da vida.

Perpassou-lhe na mente a lembrança do médico. Talvez fosse ele o salvador, pelo muito que estimava Zolpki.

Se ela soubesse que era julgada morta em Cracóvia, tal ideia não lhe entraria na alma. Na situação terrível em que se via, qualquer esperança de salvação era aceitável com a energia do desespero. Conjecturou também a louca que as freiras, tão cruelmente implacáveis com ela, haviam sentido remorsos e anulavam o julgamento dando-lhe escápula. Tudo isto e muito mais lhe lembrou em menos tempo que o preciso para referi-lo. Naquele conflito, a sua cabeça era um caos, um tumultuar de ideias antagonistas. Ia febril, ao longo dos corredores, apalpando as paredes, como quem busca uma evasiva. Evidentemente, devia existir uma; e, se a não havia, para que lhe deram a chave e a lanterna à mão?

Enfim, descobriu um encaixe, empurrou uma portada, e logo enxergou uma réstia de claridade. Onde ia dar aquela saída? De onde vinha aquela luz? Bárbara esteve a ponto de retroceder.

Mas, de repente, e com tal rapidez que lhe não foi possível fugir nem defender-se, caiu-lhe a lanterna das mãos que dois robustos braços agarravam.

Bárbara voltou-se convulsa de pavor.

Viu a face pálida do padre Zósimo.

A desventurada, sentindo-se no cume de horrível perigo, forcejou por se arrancar às gargalheiras que lhe cingiam os pulsos. Inútil esforço! A mão de Zósimo era dura como as presas de uma tenaz.

Fito a fito, o algoz e a vítima encararam-se. Zósimo, entendendo que não venceria com palavras, cingiu-a rapidamente com os braços.

– Escuta... – disse ele. – Repeliste-me e ameaçaste-me; cobriste-me de injúrias e insultos... Como não havia dobrar-te o orgulho com bons modos, armei-te um ardil.

Cessa de me resistir, que te dou a liberdade... Não me afastes com o pé, que eu hoje mesmo te abro as portas do mosteiro. Faço-te o que quiseres. Se tanto for preciso, perder-me-ei desafiando a vingança da prelada e de todas as freiras... E olha que é enorme o peso da vingança que vou arrostar... O Bárbara, eu lutei muito contra mim, hesitando em disputar a Deus a mais pura das suas virgens... Mas tu quiseste dar-te a um homem... repudiaste o Senhor, rasgaste da tua frente o véu que te defendia de mim... descingiste o teu cinto de esposa de Cristo, e deste-te como um triunfo ao teu amante... E pois certo que tens coração e sentidos... Não és uma noviça de gelo, nem uma estátua marmórea! O coração fala, o sangue arde, os desejos estuam em ti! Queres ver e amar e beber a longos tragos o prazer? Pois bem!, olha para mim, e vê-me trémulo, perdido. louco! Estou a teus pés! Os teus lábios insultam-me, e eu ardo em sede dos teus beijos! As tuas mãos algemadas repelem-me, e eu cada vez mais te cinjo com o meu seio... Ai!, não te defendas! Renuncia à ideia da fidelidade... Não és tu que te dás, sou eu que te arrebató! Não queres que eu te ame, mas eu roubo-te o amor... Recusas-te ao meu bafejo abrasado, e eu sou um ladrão das tuas carícias... Tu não pecas contra Deus, nem traís a memória do teu amor... Demais, Bárbara, perdoo-te o delito, de que serás apenas cúmplice. Amo-te! Sabes como é feito este sentimento em mim? De mil formas diversas, opostas, terríveis. Reverte este furor em ternura. Bárbara! Porque não hás-de ser minha?

A freira estorcia-se semimorta, afogada de desesperação, de cólera, de vergonha. Zósimo despeitorou-lhe o vestido, já quando ela não podia defender-se dos olhares do cínico verdugo. Gritou, chamou, valeu-se até das súplicas. Caiu, rolou-se por terra, implorou a justiça do céu, o socorro dos anjos que outrora acudiam às mártires lançadas nos bordéis de Roma. Estalou todas as cordas que vibram na alma, valeu-se de quantos sentimentos comovem corações; mas soluços, ameaças, rogos. tudo se malogrou contra a vontade infrene do devasso, cada vez mais encarniçado na luta, repelente! Os dentes de Bárbara cravejaram-se-lhe nas mãos, e ele não sentiu as dores, nem lhe ouviu as imprecações. Afinal, vendo que não sopesava aquela mulher debilitada pela fome e pela estagnação do cárcere, correu a um canto do quarto. pegou de um frasco e aproximou-lho do rosto. A desgraçada conheceu que estava perdida. O terror esbugalhou-lhe os olhos suplicantes ainda na vaga treva que os escurecia. Recuou tremente; mas as pernas faltaram-lhe, e ei-la que veio a terra, desamparada. como morta.

No dia seguinte, quando Marta entrou à célula da presa, viu-a prostrada na palha, com os vestidos esfarrapados e fria como cadáver. Foi chamar Maria Venzyk. porque tamanho foi o seu medo que julgou a condenada morta.

A prelada examinou vagorosamente a freira. Depois disse à porteira:

– Deixe-me sozinha. Basta eu para guardá-la.

Marta saiu.

E então a priora, operando como um juiz em exame de corpos de delito, pegou de um castiçal, examinou o quarto, encarou de novo a freira desfalecida, abriu a porta da prisão, e rastreando a luz no pavimento, espreitou vestígios.

Estalou-lhe na garganta um rugido mal abafado. Acabava de encontrar pegadas; depois um fósforo apagado de fresco; e mais longe três pingos de cera no chão.

Não procurou mais nada; sobravam-lhe vestígios.

– É ele – bramiu ela –, é o padre! O corredor... a alcova... Ele mas pagará... Quanto a ela, se este cárcere não basta, nós lhe cavaremos outro nas entranhas da terra, de modo que ninguém lhe vá no faro...

Maria Venzyk não saiu logo da cova de Bárbara. De pé, encostada à parede. com as mãos escondidas nas largas mangas do hábito, pregara um olhar negro sobre aquela vítima do seu rancor, de ora em diante duplamente odiosa.

– Oh! – exclamou –, antes de alguns meses, e talvez semanas, tornar-te-ás tão repulsiva aos olhos de todos, e até aos dele, que não haverá quem se não horrorize do cadáver vivo!

Nem a lividez daquele rosto ainda aljofarado de lágrimas, nem a graça do formoso corpo, nem a castidade daquele colo que parecia sobreviver ao atentado, enterneceram a prelada. Nesta hora, a alma de Maria Venzyk não sentiu os assomos da autoridade, mas sim o ciúme de mulher, ciúme feroz, doido, cego, engrandecido às proporções que lhe dá o claustro, combinando-se, agigantando-se com mil diversos elementos, aguçando-se feramente à minguia de distrações, à falta de outra escolha; formando-se do opróbrio, das afrontas e do constrangimento do pudor. A sede de torturar a mulher que já é vítima e perdoar provisoriamente ao homem que traiu, abjurar o orgulho em proveito dos sentidos, curvar-se ao jugo dos apetites, perdoar quando o ódio está pedindo dilacerar, emudecer quando há ímpetos de gritar: que abjecta situação!, que dilacerante ignomínia!

Era esta situação infamemente atormentada da priorisa!

Denunciar o padre? Pensou nisso... mas a quem? Ao bispo. Porém, o padre, perdido e desesperado, falaria... E depois, outra razão a impedia... Odiar Zósimo, ah!, isso odiava-o; mas não o ver nunca... não poderia. Um dia, talvez se sentisse bastante forte... Aquela hora, não.

A infame sabia de mais que lhe perdoaria. A impunidade deste crime estava segura nos outros crimes... E, quanto a estes, a prelada tremia se pensava neles.

Repleta de ódio, e meditando o meio de o satisfazer, saiu.

Foi chamado o sacristão.

XIV

TORTURAS

Ao pé do cano de esgoto, num fosso húmido, infecto de miasmas pestilenciais, havia uma escavação anegrada, uma quase noite perpétua. Esta latrina, que media um metro de comprimento e sessenta centímetros de largura, não era sobradada nem ladrilhada; ali os pés escorregavam na terra lodosa e diluída. Encerrar aqui um ente vivo era ideia que não devia caber na mais perversa alma. As luras das emparedadas deviam de parecer palácios, comparadas àquele socavado fétido.

– Gregorcyk – disse a prelada –, pregue uma tábua neste postigo.

Concluído este primeiro arranjo, a priora chamou um serralheiro. A porta de ferro do esconderijo foi reformada com uma fechadura de segredo, cuja chave a prelada pendurou das suas camândulas. Um postigo, aberto sobre uma prancha pregada interiormente, servia a introduzir os alimentos, de modo que não fosse necessário abrir a porta. Terminado isto, uma manta parda foi posta a um canto, sobre uma gabela de palha.

O sacristão recebeu ordem de ir buscar Bárbara e trazê-la àquela cova imunda, sua habitação eterna. A prelada não teve sequer pudor para cobrir o corpo de Bárbara, meio nu.

– Esta freira endoideceu – disse a priora ao sacristão. – Veja o que ela faz aos vestidos! E mister que a não veja ninguém e pôr em prática meios fortes para lhe domar os acessos da fúria.

Ao passo que a levavam, Bárbara recobrou os sentidos.

A ideia de que era levada por Zósimo alanceou-lhe o cérebro amodorrado pelo clorofórmio que respirara.

Estrebuchou para fugir e soltou um grito.

Maria Venzyk tapou-lhe a boca, dizendo:

– Cala-te! Cala-te!

O sacristão deixou cair a freira em terra.

Bárbara viu tão densa noite à volta de si que murmurou:

– Agora sim... estou morta!

O sacristão saiu.

– Bárbara – disse a prelada –, o teu último crime exauriu o resto de compaixão que eu tinha por ti.

– Crime? O meu crime?... O meu? Quem ousa falar-me em castigo quando eu peço justiça?... Sabe que eu... sou...

– Uma freira infiel aos seus votos.

– Vingança divina, onde estás? Eu roguei, lutei e pedi socorro... Defendi-me com os dentes... Fulminaram-me não sei com quê... Não sei depois o que aconteceu... Tenho horríveis dúvidas... e não ousa já dizer que sou a mesma... Maria! Maria! Que o crime de Zósimo recaia sobre ele, sobre ti e sobre esta casa amaldiçoada! Estou inocente e sacrificada, humilhada, esmagada, mas não vencida. Fui ultrajada, mas sou casta... Macularam-me, mas sou ainda virgem! A minha alma não teve parte nas manchas do meu corpo inquinado por um monstro... Pode ser que eu expie o crime de Zósimo, mas eu apelo para a justiça de Deus!

– Espera pois que a eternidade se abra para ti. A esta hora estás nas entranhas da terra, sem hálito de ar, sem raio de luz... A palha deste ninho não será renovada nunca... os teus vestidos desfazer-se-ão de podres sobre o teu corpo e a tua nudez nunca mais se

cobrirá... Os teus dentes cairão, as tuas unhas crescerão como as das feras, os teus cabelos hão-de encanecer nesta caverna, que é a tua sepultura. Não haverá criatura humana que haja de sofrer o que tu vais aqui amargar. E o teu próprio amante, se te visse alguma vez, recuará horrorizado de ti.

– Deus me vê! – disse Bárbara. – Apesar da tua crueldade e do teu ódio, Maria, creio ainda em Deus. Ele haverá misericórdia de mim.

A prelada fechou o postigo; pouco depois, abriu-o e disse:

– E meio-dia, Bárbara. Não verás jamais o sol; nunca mais contarás os dias.

Desta vez fechou-se o postigo para não mais se abrir.

A priora atravessou os corredores, subiu a escada de caracol e fez chamar o padre Zósimo.

O que se passou entre eles? Ninguém o soube. Mas o certo é que o director e a priora continuavam na melhor conformidade.

O que mais terrificou Bárbara, quando se viu a sós no seu infecto antro, foi este pensamento: «Nunca mais verei o sol; não poderei mais contar os dias!»

O terror, a agonia, o estupor moral, o espasmo, eram tais que nenhuma outra ideia se lhe sugeriu no espírito por tanta maneira atormentado.

Noite perpétua!

Ignorar infinitamente o resvalar dos dias! Nem uma claridadezinha, nem uma gota de água por onde ela pudesse contar os segundos! Pensou em contá-los pelas pulsações. Mas calcular as horas de que lhe servia? Não haveria uma melhor que as outras na sua vida! Quis erguer-se, mas não se sustentava em pé. O tecto era mais baixo do que ela.

Nem a palha chegava para se deitar toda. Era-lhe preciso encolher-se, retraindo-se, arquear-se. Ardia em febre... bebeu a água toda. Sofreu sede cruel; mas mediou tanto tempo a ser-lhe dado outro pão e outra água, que ela calculou três dias. Não era tanto. O certo, porém, é que lhe davam a miserável ração com intervalos irregulares, muito de acinte para que ela não lograsse medir as horas decorridas.

A desgraçada, estorcendo-se em dores do corpo e da alma, golpeada pelo sentimento de involuntária mácula, asfíxiada por miasmas pestilenciosos, para ali estava, agachada, absorvida, bebendo a longos tragos a agonia, a ver se assim morria depressa. O excesso da tortura dava-lhe esperanças de não sobreviver muito ao seu vilipêndio. Esperava, pois...

Mas as semanas e os meses dobraram-se... A morte não chegou... E Bárbara, retransida, deitada na palha podre, seminua, tiritando, comendo apenas pão e bebendo água bastante para não expirar... não morria!

Os martírios cresciam com as horas, martírios sem nome para a mulher vezada aos usos da boa sociedade, à limpeza, ao luxo, aos esmeros da elegância... Os bichos asquerosos, os ratos e as centopeias roçavam-lhe nas carnes, mordidas pelos moscardos criados nos esgotos.

Bárbara reagia, quanto em si era, contra este suplício. Pouparia metade da sua água para lavar o rosto e as mãos. E, talvez porque o desconfiaram, davam-lhe já só metade da ração. Baldaram-se as súplicas que fez à pessoa invisível que lhe levava o pão para que lhe dessem alguma camisa, o mais urgente ao vestir de uma mulher. Não lhe era menor sofrimento a grandeza das unhas. Um homem que sofreu semelhante suplício. Tasso, disse que ele era horrendíssimo.

O vestido da freira era um apontoado de farrapos, a desfazerem-se na palha húmida e fétida.

A miserabilíssima criatura já não era mulher, já não era ser humano: era uma coisa imunda, revolvendo-se num chiqueiro.

O animal irracional não tem consciência de sua imundície; o cerdo que se retouça

num enxurdeiro não sabe que sai dali esqualido e nauseabundo; mas Bárbara palpava-se, sentia-se asquerosa. Contava os minutos da sua transformação na bestialidade animal.

E a turvação do seu entendimento era-lhe mais aflitiva que todas as outras ignomínias. Sentia-se ensandecer. Horas inteiras, com a cabeça abafada entre as mãos, recordava-se de todos os incidentes da sua vida para certificar-se de que ainda tinha ideias e memórias. Outras vezes, rememorando coisas que aprendera, repetia passagens históricas. Esta lida intelectual ocupava-lhe algum tempo de cada dia. Depois, curava de avultar aos olhos da alma imagens de pessoas que conhecera e lugares onde estivera,

– Eu não quero sair doida daqui! – dizia ela.

E uma vez acrescentou:

– Zolpki, afinal, há-de descobrir-me... há-de arrancar-me desta sepultura...

Esquecera-se de que Zolpki era morto...

Porém, quando se lembrou de que ele morrera, passou por violenta crise de desesperação.

«A horrível doença vem chegando», pensou ela. «Estas trevas abafam-me a inteligência... Sinto que o espírito vai descendo ao abismo onde eu caí...»

Redobrou de energia contra o flagelo da loucura. Durante três anos de prisão, nunca disse palavra quando lhe traziam a comida. Depois, já suplicava que lhe dessem um livro e uma luz. Nem sequer lhe respondiam. Teve então ataques de fúria; gritava e bramava como fera; dessangrava as mãos a bater na porta, feriu o rosto de encontro à parede, espedaçou a manta já apodrentada, mordeu os braços e rasgou a carne com as unhas.

Job, todo ulcerado, no seu muladar, ao menos tinha o sol, a que via as suas chagas.

Quando abriam o postigo, Bárbara desabalava em injúrias e ameaças. Acusava a priora, o padre Zósimo, Marta, a comunidade toda. Prometia denunciá-los no tribunal dos homens e dizia que só o fogo poderia purificar o chão daquele infame convento. Outras vezes humilhava-se em rogativas. Pedia que lhe dessem por uma hora somente o espectáculo do céu, algum vestido e bastante água, jurando submeter-se ao encarceramento sem se queixar.

– Aceito tudo! – clamava ela. – Pequei contra a regra porque tentei fugir... Não me queixo... estou bem condenada e punida... Mas todos os presos têm uma hora no dia em que respiram... e contemplam o céu... Luz!, dêem-me luz ao menos! Tenho muito frio... estou como debaixo da terra... dêem-me um vestido que me aqueça... Tenham piedade e vergonha da minha nudez! Estou nua... Se querem que eu morra, acabem comigo já... Eu lho agradeço, porque sofro horrorosamente, Não me respondem? Dêem-me água, só água, não peço mais nada... E nem uma palavra!... Pois nada me dão, nada!... E sabem que, se há falta perdoável, é a minha... Eu amava Zolpki... amava-o tanto! Que outro crime tenho eu? Outro? Não, não!, esse não o pratiquei eu... Apelo para Deus!... E quem sois vós, para me julgardes? Ó impuras!, ó devassas!, ó monstros de torpeza e ferocidade!, instrumentos cegos de sórdidos celerados! Deus vos julgará... Deus verá as chagas de vossas consciências! Estas paredes não-de falar... Oh!, eu não sei que prodígio fará Deus... mas há-de fazê-lo!, há-de fazê-lo, ó infames!

E caía esvaída, lívida, estrangulada pela ansiedade dos gritos.

Então era o tomarem-na alucinações, por modo que já não destrinchava entre sonhar e pensar. A demência cingia-lhe ferreamente a fronte convulsa. Sentia o progredir da invasão, e já não podia rebatê-la.

E não sabia que tempo era corrido desde que entrara naquela caverna. Desmoronava-se a pedaços o edifício daquela alma. Começaram a corroer-lhe o cérebro

ideias fixas. Pedia a brados café, na esperança de que o café lhe reacenderia a lucidez do espírito vasquejante.

Ah!, se ela pudesse ver-se, contemplar-se! Se a luz, que pedia, relampejasse naquela masmorra, decerto estalaria em maiores furores aquela loucura nas trevas!

Que mudança, ó santo Deus!

Quem reconheceria a futura condessa de Ubryk, a formosa e esplêndida Bárbara, naquela coisa sem nome na escala das misérias!

Quem veria ali a mulher radiosa daquela noite de baile!... a pálida professora submetendo os cabelos dourados à tesoura monacal!, a tremente fugitiva arquejante de júbilo nos braços de Zolpki!...

Bem pudera aplicar-se-lhe aquele dizer de David: «Criatura humana já não sou!... eis-me um verme!»

E aquele ente desamparado, flagelado e atascado num lamaçal, mordido por animais nojentos, ainda tinha alma na qual bruxuleavam lampejos de razão!

Aquela criatura ainda recordava... e quer por memória, quer por instinto, balbuciava ainda o nome de Zolpki!

E que era feito dele?

XV

ZOLPKI

Entretanto que Bárbara Ubryk, reconduzida ao convento de onde fugira, se sentia vergar à vingança das filhas de Santa Teresa, um lance deplorável passava em casa do médico.

Aí por volta das duas horas da manhã, parou uma sege em frente da porta; o cocheiro apeou-se da almofada, abriu a portinhola, e um mancebo desceu. Este e o boleiro tiraram então da sege um corpo sem alento, envolto na sua capa. Repetidas aldrabadas na porta do doutor despertaram a criada, que desceu ao pátio, e recuou de horror quando viu dois homens amparando o ferido.

– Onde está seu amo? – disse o cocheiro. – Depressa, que o Sr. Zolpki está mortalmente ferido.

– Ferido! – exclamou a governanta.

A pobre mulher orou. Com muito custo lhe fez Casimiro perceber que a salvação do moço dependia da presteza dela.

Enfim, a criada acordou o amo. Vroblewski, informado de estar ali um homem ferido numa desordem, não lhe passou pela mente que se tratava do seu afilhado. Só depois que reconheceu Casimiro compreendeu o que era.

– É Zolpki! – disse ele, ansioso.

– Fiz quanto pude por ajudá-lo e defendê-lo – observou Casimiro, mostrando o peito e braços ensanguentados. – Tratemos dele – prosseguiu o amigo – e depois falaremos de mim.

Sinal de vida não dava nenhum o ferido. Volvida meia hora, porém, à custa de esforços mais de pai que de médico, recobrou o alento, circunvagando um vago lance de olhos.

O que primeiro reviveu nele foi o instinto do amor.

– Bárbara! – murmurou: e depois, olhando para Casimiro, disse: – Meu bom amigo...

Bem que fossem graves, nenhuma ferida pareceu mortal ao médico; mas a perplexidade do ferido, quanto ao destino de Bárbara, agravava grandemente o carácter dos ferimentos. Quando ele soube que a infeliz voltara para o mosteiro, suspirou com ansiosa pena e quase perdeu os sentidos.

No dia imediato, os sinos dobravam a finados. Com a subtileza auricular de um selvagem e a dolorosa agudeza dos sentidos de um agonizante, Zolpki exclamou:

– Alguém morreu nas Carmelitas!

– De onde te vem essa fantasia? – perguntou o doutor.

– O som vem do lado de Vesola... Bárbara morreu... Felizmente... que eu vou morrer também...

Ai! Zolpki não devia succumbir, nem à dor da alma, nem ao dessanhar das feridas. A dor lá lhe ficou no coração, como serpente, a devorar-lhe a seiva; as feridas cicatrizaram; e, poucos dias passados, Zolpki estava convalescente.

Do lúgubre recontro de Vesola nada transpirou.

Os soldados, que tinham abusado da força, não interessavam no divulgar-se o caso: as consequências de sua curiosidade e pertinácia haviam sido funestas de mais para que eles ousassem gabar-se da façanha, que ao princípio lhes pareceu uma travessura.

Impunha-lhes silêncio o sangue derramado, um homem morto – que assim o

julgaram – e uma freira expirando três dias depois da aventura.

Pelo que respeita a Zolpki, também ele a não dizia. Que valia espertar lembranças da desgraçada mulher, se estava morta?

O médico tão paternalmente se desvelou que Zolpki, para lhe não desanimar a ternura, aceitou todos os cuidados. Se Bárbara não tivesse morrido, os frenesis do amante seriam mais desesperados. A ânsia de resgatá-la, a impossibilidade de tentar segunda vez arrancá-la à sepultura, levá-lo-iam à febre, ao delírio e à morte. Mas acabado era tudo! Deus cortara a questão, de modo que não havia em forças humanas já nada que fazer. Zolpki deixou-se salvar por amor ao ancião, que tanto lhe queria. Todavia, o entusiasmo juvenil, o vigor da alma, a alta poesia do coração, isso morreu nele, e para não mais ressurgir. Na tumba de Bárbara caíra também a mocidade daquele homem.

Ladislau ficou hóspede do médico, com quem unicamente falava de Bárbara e recordava aquela nefasta noite de sangue e de lágrimas em que, de um lance, a recuperara e perdera!

Depois, deu-se a estudar. Saiu. Explorou particularmente a ciência do direito e publicou formosos livros acerca de questões jurídicas. Como não pudesse fomentar nova rebelião e visse que era mister aguardar oportunidade, porque a Europa se pacificava e a França passara de republicana a imperial, quis cooperar no progredimento das ideias, se nada podia na conquista da liberdade.

A placidez de Zolpki foi explicada por dissabores da mocidade e trabalhos padecidos no prazo de oito anos de cárcere duro. Não obstante, dizia-se que, se o clarim da peleja soasse outra vez, ele seria na vanguarda dos mais valentes.

E assim prosseguiu pacientemente no assíduo estudo, como quem deseja tornar útil ao menos uma existência viúva de alegrias. A sociedade tem fases sucessivas de febre e repouso: o homem é como ela. As ingentes crises não duram. As multidões, à imitação do indivíduo em separado, não actuam longo tempo convulsas. As febres e as revoluções têm intermitências.

Viu Zolpki resvalarem longos anos em aparente calma política. Aquele coração, onde o amor havia chamejado, parecia exaurido das doçuras dos afectos. Morto o amor, o homem sobrevivia-se como solitário em si próprio. Mas lá estava o vácuo imenso do coração, aumentando a par e passo que as saudades se iam refazendo por entre as névoas longínquas da lembrança. Era homem... Bárbara, sombra querida, orvalhada de prantos, era a visão do passado. O presente, porém, erguia-se despótico. Era homem...

E o doutor, coadjuvando quanto em si cabia aquela transformação, pensou em casar o afilhado.

À primeira vez que lhe tocou em tal assunto. Ladislau atalhou-o com desabrimto:

– Esquece a minha noiva imortal! Bárbara espera-me no Céu.

– Não – replicou o doutor –, não te espera, nem te chama. Se aquela pobre senhora, mártir dos ódios de família e preconceitos sociais, te vê do Céu, folgará que entres na vida positiva, discreta e racional. Amaste-a até ao extremo de dar-lhe teu sangue. Estás desligado pela morte. Perante Deus, e perante a memória dela, és livre! És hoje um homem já de anos reflexivos. Não fiques assim sozinho, quando eu te faltar. Bem vêes quanto tenho envelhecido. Pensa no triste porvir do homem sem lar nem família.

– Não me fale mais em tal... – concluiu Ladislau.

O doutor nada mais disse ao intento; mas, corridos dois meses, levou consigo Zolpki a um sarau da Sr^a Zilmann, bela dama, mãe de duas meninas que pareciam suas

irmãs.

A Sr^a Zilmann era viúva e pouco abastada. As suas relações com o médico procediam dos cuidados com que ele lhe assistira em grave enfermidade. No seio daquela família era tanta a paz, a honestidade, a magia da vida íntima, que o espírito e os olhos não tinham mais que ver e admirar.

Conversavam ao fogão, ao sabor do ânimo, enquanto as senhoras bordavam. As dez horas, uma das meninas preparava o chá. Algumas vezes cantavam canções amoráveis de poesia da alma, sem pretensões nem desvanecimentos. O doutor admirava quanto é possível a viúva. Zolpki, a poucos passos, deu em achar infinito encanto naquelas reuniões, em que se estava tão à vontade e tão respeitosa ao mesmo tempo. Quando Mina, a mais nova, o fitava serenamente com os seus olhos azuis, Ladislau sentia-se dulcificado de paz íntima. O conjunto das três senhoras inspirava por igual o sentir respeitoso, a dedicação e o afecto que delicias as relações – tão raras vezes assim formadas. Zolpki, ali, sentia a quietação das nevroses, o refrigério do cérebro.

Como ele era homem!...

Quando Ladislau e o doutor entravam, a viúva erguia-se graciosamente do seu sofá, estendendo-lhes a mão. Lisbeth ia com infantil entusiasmo ao encontro do velho, que ela chamava o seu amiguinho, e Mina, purpúrea e enleada, esperava a primeira palavra do moço.

Mas que diverso não era este daquele brilhante rapaz que, aos vinte anos, excitava a admiração dos homens e inspirava desvairado amor a Bárbara Ubryk! A fronte de Zolpki, sulcada pela meditação, amarelecida pela dor, falava de sofrimentos longos; os lábios pareciam lacrados pelo sinete da amargura indelével; os olhos somente, a espaços, se animavam e rutilavam debaixo das pestanas sedosas e negras.

Mina, ao principio, deu a Ladislau o importante interesse de belo personagem de romance. Via-o ao través do prisma da dor tão atractiva dos corações sublimes. Figurava-se-lhe perseguido por ódios partidários, preso, torturado. Deixou-se ir embevecida pela auréola que veste a fronte dos heróis. Amou-o silenciosa e secretamente: mas o doutor desvendou o mistério no seio da resguardada alemã.

Uma noite perguntou-lhe Zolpki se não iam a casa da Sr^a Zilmann. O médico respondeu magoadamente:

– Não, meu amigo, e bom será que lá vamos pouquíssimas vezes.

– Porquê?! –olveu Ladislau, sobressaltado.

– Porque não devemos levar o desassossego, embora involuntariamente, ao seio desta família.

– Não entendo, meu padrinho.

– As duas meninas são belas, mas pobres: duas condições que nos mandam ser prudentes... A reputação de Mina e Lisbeth é pura como o orvalho do céu e...

– Mas quem é que lha macula?

– Ninguém... que eu a defenderia... crê, Zolpki... Não é disso que se trata... É que Mina inquieta-me... Está pálida e deperece visivelmente... Estão com ela as primeiras tristezas da mocidade...

– E daí?

– Não adivinhas o mais? Se tu te consideras velho, os outros julgam-te o que és: um rapaz com trinta e quatro anos. Nada perdeste das antigas seduções, e tens de mais a mais o prestígio. Receio que Mina cisme muito amiúde com Ladislau. e aqui está porque me abstenho de visitas que poderiam sugerir naquela criança esperanças irrealizáveis.

– E crê que ela me...

- Que te ame?... desconfio.
- Engana-se... isso e uma apreensão sua. Quero sabê-lo...
- O que devemos querer, primeiro que tudo, é o sossego destas senhoras.
- Mas, se o padrinho não se engana, alguma imprudência haveria da nossa parte.
- Talvez...
- E, nesse caso, deve dar-se a reparação...

A voz de Ladislau tremia. O doutor, como se não desse tento disso. replicou serenamente:

– Reparação de quê? Eu por mim estou velho de mais para me casar. tendo além disso a certeza de que não inspirei amor a nenhuma.

– Meu amigo – tornou Ladislau. pondo-lhe a mão sobre o ombro –, rogo-lhe que vamos hoje a casa da Sr^a Zilmann... Mortifica-me o receio de ter perturbado a paz desta senhora... Se meu padrinho tiver suposto a verdade...

– Vamos... – disse o médico, interrompendo o afilhado – apraz-me dar-te provas de que me não iludo...

A Sr^a Zilmann. quando o médico e Zolpki entraram, alisava animosamente o cabelo de Mina, falando-lhe mui de manso.

A filha tinha chorado: denunciavam-na os olhos húmidos.

Ao ver, ainda assim. Ladislau. alumiu-se-lhe de improviso o semblante, como em céu tempestuoso um súbito romper de sol.

Zolpki apertou a mão da menina com desacostumada veemência: e. depois. com tanta gravidade como ternura, disse-lhe:

– Eu desejava falar-lhe e pedir-lhe um conselho.

– Dar eu conselhos!... Tomara eu quem mos desse: mas, se insiste...

– Com todo o meu coração.

Saíram para um terraço.

– E certo que me ama? – perguntou-lhe ele.

– Quem lho disse? – exclamou Mina.

– Mas posso eu crer tal! A menina bela, tão nova. simpatizar com um homem quebrantado e vencido nas lutas da vida! Preferir-me a mim. que tão desfeita sinto a alma nas irreparáveis tempestades da minha juventude!... Porque a não encontrei eu quando tinha sofrido menos; quando...

– Amo-o justamente porque sofreu muito...

– E aceita-me tão triste, tão desencantado já das ilusões da vida... Ó Mina, não se engane!... Olhe que eu hoje sou um fantasma de mim próprio!

– Se o aceito?... Pois quer...

– Fazê-la minha esposa. se é sua vontade.

Mina tremia por maneira que houve de amparar-se nos braços dele.

– Ah! – murmurou ela –. a alegria é quase uma dor...

E assim estiveram algum tempo no terraço, murmurando apenas os sentimentos que lhes afluíam ao coração. Zolpki não poderia comover-se a não ser amado extremosamente.

Quando voltaram à sala. Mina entrou pelo braço de Ladislau.

– Esta querida menina – disse ele à mãe – consente em ser minha esposa, se isso é do gosto de sua mãe.

A senhora abraçou o noivo e Lisbeth abraçou o doutor, dando palmas muito alegre e dizendo-lhe ao ouvido:

– E olhe que Mina não chora uma lágrima!...

E a viúva disse então gravemente:

– Sabe, Sr. Ladislau. que somos pobres?

– Eu sou rico – disse Zolpki.

– E eu velho – ajuntou o médico.

O sarau correu muito íntimo de jubilosa conversação. Às onze horas, o noivo e o padrinho saíram.

– Estás, com efeito, casado... – disse o doutor.

– Assim que fitei Mina, para logo me convenci que as suspeitas de meu padrinho eram justas. Que outro proceder honesto me competia senão fazer feliz esta criança! Se me ama, acariciá-la-ei... Já não posso reviver a devorante paixão que senti por outra; mas desvelar-me em lhe fazer ditosa a existência, creio que poderei. E, depois, meu padrinho fica sendo da nossa família, de que eu vou ser o chefe. A juventude de todo em todo se vai sumir nas obrigações de homem feito.

– Muito bem, meu amigo! – aplaudiu o doutor.

Toda a cidade ficou maravilhada com a notícia das núpcias de Ladislau. Ao inverso dos usos alemães, que estatuem longa duração nos esponsais, Zolpki deu-se pressa no casamento.

Enriqueceu Mina de preciosíssimas jóias e levou-a para sua casa com o mais sincero e jubiloso sentir de coração, onde ela reclinou a formosa fronte.

Um incidente, porém, conturbou a felicidade daquele dia.

Quando jantavam, os sinos do Carmelo repicavam festivamente, e Ladislau atentava o ouvido àqueles sons do bronze que já lhe haviam batido no peito.

E um dos convivas disse:

– Houve hoje profissão no Carmelo. A professa adorava um homem que a enganou e lá foi sepultar-se em vida.

– Pobre menina! – disse Mina fitando os olhos apaixonadamente no esposo.

Mas os olhos do marido não a viram, porque lhos vedava o pranto. E Mina viu aquelas lágrimas... Não lhes adivinhou a causa; mas, desde aquela hora, desconfiou que entre as antigas paixões de seu marido havia um amor desgraçado.

O casamento pacificou inteiramente a vida de Zolpki. Mina era adorada; e, um ano depois, nos braços dela, era também adorada uma filha que se chamou Vanda, nome de heroína, verdadeiro nome de polaca.

Se alguma coisa faltava à felicidade de Ladislau, o nascimento daquela menina preencheu-lha.

Ai! Mina deu à criancinha mais do que a existência, o leite e a ternura: deu-lhe a própria vida. As fadigas da maternidade extenuaram-na: via-se a morrer de dia para dia. Fez quanto heroicamente pôde por esconder dos olhos do esposo a hora do traspasse. Zolpki esperava no médico, o médico não esperava nada.

Uma tarde, Mina aconchegou de si o esposo, que se abeirava do leito, e disse-lhe:

– Meu querido, quero falar-te pela derradeira vez, hoje, que amanhã já será tarde... Vou morrer... E porque vou tão cedo? E segredo do Altíssimo... Foste o meu amor único; e tu, se não pudeste dar-me a parte da tua alma que se tinha evolado, isso não impediu que eu fosse muito feliz... Sofri bastante quando soube que amaste; e nunca me deixou a lembrança das lágrimas que te vi no dia do nosso casamento, quando ouviste os sinos das Carmelitas... Mas não tinhas culpa... As lembranças não as mata quem quer... Foste um fiel e bom esposo; eu to agradeço e te abençoo, filho! Vou morrer; mas não te deixo só... Tens a nossa filha. Deus a faça ditosa!... Sacrifica-te à felicidade dela... Jura que eu serei amada em minha filha e que sobrevivo para ti no querido anjo.

– Juro! – disse Zolpki solenemente.

– Agora... posso ir... Tive o meu quinhão de alegria neste mundo; e, para maior ventura, de tuas mãos o recebi... Não esqueças a morta que te vai esperar...

E lançou ao pescoço do esposo os braços desfalecidos.

Volvida uma hora, a Sr^a Zilmann e o médico, chamados por Ladislau, entravam no quarto. Mina reconheceu-os, pediu a criança, passou-a aos braços do marido, expediu um grande suspiro e reclinou a cabeça para as travesseiras.

E não teve outra agonia.

.....

Vanda cresceu entre os afagos do pai e do médico.

Três anos depois. Lisbeth casou e transferiu-se para Berlim, levando consigo a mãe.

Tinha então a menina cinco anos.

Era uma criança singularmente precoce.

Os seus grandes olhos interrogavam sempre brilhantes de curiosidade, a sua alma impregnava-se, digamo-lo assim, tão puramente de tudo que lá tem ao longe o destino impulsor dos altos sentimentos. As dores de Zolpki e a morte de Mina influíram na compleição e educação de Vanda. Aos catorze anos dava ares do pai aos vinte. Ardente e ousada em frente do perigo, não obedecia senão aos ditames de sua consciência.

Havia nela o morgadio das paixões.

No começo desta narrativa vimo-la abatida aos pés do pai e logo rebelada em tom ameaçador! Oh! Zolpki devia ter visto ali o seu sangue! Devia lembrar-se da lógica inflexa da sua paixão, quando se arrostou a defender Bárbara contra todo o mundo. Devia ver ali o ódio à opressão, o amor à liberdade, a sede dos afectos e a febre da dedicação sem limites...

Todavia, à hora em que o coração de Vanda se abria florido, o do pai resfriava-se com os invernos da idade; e já então ele não saberia entender a linguagem que falara outrora.

O achaque da nossa natureza está na palavra «mudança». Opera o tempo transformações espantosas. Cessamos de ver com os mesmos olhos e de sonhar os mesmos sonhos, de amar com o mesmo coração. Deluz-se-nos da alma o que mais amamos. Chega uma hora em que os olhos nalgum dia inundados de jubilosas lágrimas e fitos noutros olhos encaram enxutos e friamente o mesmo rosto, O som de voz que nos *fazia* estremecer dificilmente nos altera. E então o dizer-se cada homem a si mesmo: «Ali está a mulher que eu amei tanto!...» E alguém terá dito lá consigo: «E porque foi que eu tanto a amei?!»

Sujeito, pois, à rasoura comum, Zolpki. vendo que o duro nível do positivismo acaba por abater as mais poéticas fronteiras, não permitia que Vanda experimentasse os juvenis ardores da paixão. Queria-lhe na alma a placidez da sua, a frieza, o raciocínio, o cálculo, o amor ao demónio do ouro, o heroísmo de sacrificar quimeras de amor aos interesses tangíveis. Todavia, se por uma parte os pais exigem dos filhos coisas que só a idade experimentada pode dar-lhes, por outra parte a lógica do coração faz que os filhos deitem a mão à taça do amor, sem se importarem se lá dentro há fel.

Vanda nunca ouvira falar de Bárbara Ubryk. Este episódio da vida de seu pai nunca se divulgou. Tudo correria entre ele e a infeliz e o pai inabalável. A sociedade ignorou sempre aquela valsa no baile, os encontros no templo, as entrevistas no jardim, a tentativa de rapto. Nem Mina propriamente entreviu o mistério. Se sabia que Ladislau amara, nunca descobriu o nome da sua rival. Além de que, se tal nome lho proferissem na sua presença, ela não teria ciúmes de Bárbara, duas vezes morta, no mosteiro do Carmelo.

Casimiro conhecia os pormenores do romance de Ladislau; mas nunca mais lhos recordou. A imagem de Bárbara esvaecia-se ao longe nas neblinas das saudades. A

rebelião de Vanda, porém – a recusa a casar-se com Radzwil –, levantou diante do pai a lívida larva de sua perdida mocidade. Não queria ele, todavia, sucumbir. Esqueceu-lhe que Bárbara rejeitara por amor dele o conde Rastoi; atentou principalmente na rebeldia da família e o seu primeiro impulso foi mandá-la reconsiderar na clausura. Algumas palavras da filha, em verdade, abalaram-no profundamente; mas recusou crer que ela antepusesse o convento a um enlace abominado.

A experiência nada monta. A nossa própria experiência pouco nos aproveita. A lembrança do que já sentimos desfaz-se. A não ser assim tão triste e tão verdadeiro este aleijão da alma, como deixaria aquele pai sair a filha, uma noite, para o mosteiro do Carmo?

De pronto se entende o terror que o traspassou quando uma cana, anónima lhe disse que Bárbara não tinha morrido e havia vinte anos que gemia torturada!

O passado entrou-lhe pela alma. Ei-la, em frente dele, aquela formosa e apaixonada mulher! Derivaram-lhe copiosas lágrimas do coração. Ia vê-la... Ah!, como a veria? Envelhecida pelo sofrimento, enlouquecida pela desesperação, e já não podendo conhecer o homem que a exumava da sepultura, o amante por quem duas vezes se abismara!...

E por mais horrível que se lhe afigurasse o quadro, para maiores pavores lho mostrou a realidade.

A desgraça de Bárbara seria ao menos útil para que ele salvasse a filha. Era o martírio da amante que pagava o resgate da nova vítima!

Logo, pois, que Vanda entrou na casa paterna, o pai abraçou-a, estreitou-a ao seio e disse-lhe:

– Sossega, minha querida filha... Por enquanto, deixa que o magistrado siga a sua dolorosa missão; que brevemente voltarei por ti com todo o amor de pai.

XVI

EXPIAÇÃO DO PADRE ZÓSIMO

Quinze dias antes do acontecimento que encaminhou a justiça em busca de Bárbara e fez levantar de seu sepulcro aquele esqueleto vivo. uma cena de tragédia, íntima, tanto mais pavorosa, passava em uma casa insulada em Csezy.

Um padre, prostrado em uma otomana, arcava freneticamente desesperado contra sofrimentos incomportáveis. A espaços, os músculos do rosto convulsionavam-se-lhe; a voz rugia-lhe nos gorgomilos estrangulados; o peito arfava-lhe a transes de opressiva asfixia. Quando as crises redobravam violentas, vibrava-lhe na cara patibular uma visagem diabólica! Perto dele, no vão de uma janela, estava outro homem, que de vez em quando olhava para o padre, interrogando-lhe as posturas, o olhar, as alterações do rosto; mas não lhe dizia palavra.

Reinava silêncio havia mais de uma hora quando a porta se abriu e o médico entrou. O doente cravava a flecha da vista nos olhos do doutor, e por certo leu-lhe a sentença, porque, recurvando os dedos, raspou com as unhas no respaldo da otomana.

O médico abeirou-se da testemunha muda da agonia do padre.

– Sr. Gziorowski – disse ele –, seu primo pode pôr em ordem as suas coisas neste e no outro mundo.

– Bem o receava eu, doutor... Bem vê com que paciência ele sofre as agudíssimas dores... Facilmente se resignará... É um varão de Deus em toda a extensão da palavra.

– Oh!, sim! – respondeu o médico –, a reputação do padre Zósimo está feita. Já era conhecido entre nós quando deixou o mosteiro das Carmelitas e se retirou para aqui.

O primo do enfermo apertou a mão do doutor, acompanhou-o à escada e voltou para junto do recosto do padre.

O moribundo fez sinal ao primo que puxasse cadeira e se sentasse ao pé dele.

Quando se defrontaram face a face, Zósimo, fremente de terror, perguntou:

– Vou morrer?, é isso? O médico disse-te que eu morria?

– Meu primo...

– Não mintas, não me enganes... Estou condenado... perdido... Morrer! Tu não sabes que horror e angústia há nesta palavra... morrer! Não quero!... não quero... Tenho medo!

– Se o primo teme tanto o minuto que nos separa da eternidade, tendo sido toda a sua vida consagrada à virtude e prática do bem, que farão aqueles que viveram indiferentes em religião e não rezaram, nem enfrearam suas paixões? Não o tenho eu tantas vezes ouvido falar aos agonizantes no anjo da morte que os acolhe nos braços e leva ao seio de Deus!...

– Cala-te!, cala-te!

– É certo, primo, que eu não sei exortar, nem consolar: ignoro a linguagem mística... Haverá um mês que o primo me arguia por eu não me sujeitar às práticas da religião, que me pareciam pieguices... Já se vê que nada lhe saberei dizer acerca da sua inquietação e do seu medo de acabar... Compete aos sacerdotes essa missão... Só eles têm força e unção necessárias para o sossegarem, convencerem e insinuarem-lhe as esperanças celestiais que meu primo prodigalizava aos moribundos... Quer que eu chame o padre Ludwig?

– Esse! – bradou o agonizante. – Nunca!, nunca!

– Eu supunha-os amigos.

Esvoaçou nos beiços do padre um sorriso truculento.

– Veja se quer outro...

– Nenhum, nenhum! Tenho medo de morrer, confesso... mas antes quero morrer só, desesperado, e não ver ao pé de mim um homem assoldado para me dizer palavras hipócritas... Cuidas que estou delirando? Pensas que estou doido? Não... O terror subjuga-me sem me turvar o juízo... Tenho uma necessidade grande...

– Qual?

– Queria confessar-me...

– Eu vou chamar...

– Confessar-me a um homem honrado...

– Escolha quem quiser, primo.

– A confissão, no seu principio, era um acto grandioso e santíssimo... Enquanto foi pública, foi excelente. A voluntária humildade a que o penitente se condenava restaurava-o e influía-lhe paz na alma. São dois os elementos da confissão: humildade e contrição. O sacrifício do orgulho enobrece. A confissão foi proveitosa, austera, indispensável: era, para assim dizer, o eterno baptismo do espírito. Aí se lavavam nódoas. Logo que a fizeram secreta, perdeu a índole boa, abastardou-se lentamente. Mas agora, ai!, agora, quero confessar-me, porque vou morrer e levo comigo um segredo que me despedaça. Porém, que importa dizê-lo a um padre ou a um leigo? Deus me descontará o confessá-lo... Se eu disser a um padre o segredo que me tortura, ele recuará decerto diante da reparação e temerá desacreditar a clerezia... E eu preciso... percebes?, preciso que a reparação se faça...

Gziorowski escutava Zósimo com doloroso assombro.

Pois aquele homem venerando, aquele sacerdote, exemplo dos ministros de Jesus, albergava no seio um segredo criminoso? Já não há em quem se fiar a gente!

O primo, no entanto, entendendo que era preciso usar caridade com aquele homem acabrunhado por dores físicas e morais, apertou-lhe a mão para lhe incutir coragem.

O padre bebeu uma poção, reanimou-se e disse:

– Só a ti direi tudo...

– A mim?

– Fio-me na tua palavra... Juras que me ajudarás a reparar uma iniquidade, a castigar um crime cuja responsabilidade é minha em parte?

– Juro.

– Escuta-me com a placidez de juiz. És mais novo que eu, e, contudo, tens mais senso... Eu, apesar do meu carácter sagrado, humilho-me diante de ti... Porque tu és quem és, e nunca te mascaraste com a hipocrisia. Diante de ti arranco a máscara. Antes de morrer, quero que me vejas qual sou! Tenho sede de desprezo e ódio, como se estes ultrajes, flagelando-me a hora final, pudessem ganhar alguma piedade naquele que me vai julgar e confundir. Meu primo, eu tinha nas veias o sangue ardente e no coração as paixões da nossa raça. Fiz-me padre sem atender às provações que me esperavam, sem atentar no que ao diante seria o voto de castidade que me forçaram a fazer. Quando soube o que fiz, quando a minha carne e a minha alma se revoltaram, ó maldição!... era tarde! A túnica de Nesso aderiu-me aos membros... Queimava-me o estigma do celibato... Desde a cabeça até aos pés, todo eu era da Igreja... A minha cabeça foi assinalada pelo ferro e o meu corpo foi envolvido numa túnica negra. Julguei-me apartado do género humano, moralmente amputado, guarda de um harém, em rebeldia perpétua; porque era perpétuo o martírio... O meu temperamento, degenerado, amolecido no seminário, perturbou-se bestialmente. Inundou-me a onda dos desejos, que rompera os diques; repuxaram-me ao cérebro jactos de sangue. Estorci-me entre as roscas da serpente lasciva; escabujei, aguilhoado pelos farpões da carne que faziam

gemer S. Paulo; tentei sopesar orgulhosamente as remetidas da natureza do homem! Vãos esforços! Luta sem tréguas nem esperanças!... Caí! Que raiva, que embriaguez diabólica, que revelação e terror neste cair! Trovejou-me na alma uma frase de S. Jerónimo: *Se um monge cai, um padre pedirá por ele; se um padre cair, quem pedirá pelo padre?* Escruciam-me remorsos; mas duraram pouco. Praticada a primeira culpa, estava para sempre perdido! Restava-me sustentar a minha reputação... Era preciso conciliar a regularidade aparente da vida com os prazeres de que eu já não podia abster-me... Eu queria à volta de mim mulheres... muitas mulheres... Soube então que as Carmelitas de Cracóvia precisavam de capelão.

– Meu Deus! – disse entre si o interlocutor.

– Nada direi dos mistérios desta casa, onde as doutrinas de Molina têm uma grande influência... As fragilidades do corpo são menos punidas do que se cuida... Mas a mim não me contentavam as pombas gemebundas...

Deixei-me vencer de uma louca paixão por uma bela mulher... paixão que me excitou até à ferocidade do crime .. Ela era casta e sem mancha... Um amor contrariado a levava ao Carmelo... Oito anos ali viveu chorando... Ao cabo deste tempo. quis fugir... Condenada pelas freiras a prisão perpétua, lá a fui arrancar uma noite ao seu covil: e, como era impossível vencer-lhe a resistência, narcotizei-a...

– Horror! – exclamou o primo, recuando.

– Oh!, sim!... foi horrível!... Essa desgraçada só tinha de seu a castidade do seu corpo, e essa mesma lhe roubei... como um ladrão e algoz! Ainda mais... A prelada soube tudo... Esta mulher amava-me como eu amava a outra... A vingança que ela exercitou sobre a desgraçada foi infamíssima... Soterraram-na em uma cova tão baixa que ela não podia erguer-se e tão estreita que não tinha espaço onde deitar-se.. Ali esteve emparedada, sem ar, sem luz...

– E o primo deixou consumir tamanha atrocidade!

– A prelada aterrou-me... e, depois, o meu único recurso era esquecer...

– E esteve muito tempo nessa cova, a infeliz?

– E lá está ainda – disse o padre erguendo-se. – Estava lá quando sai de Cracóvia.

Eu quero, sim, quero, antes de morrer, que a luz e a liberdade sejam restituídas a essa mulher...

– Que devo fazer?

– Avisar a justiça.

– E se o primo é cúmplice?

– Que importa? Vou morrer... Escreve, escreve, não te demores um instante, e manda a carta ao juiz do crime...

– Zolpki tem fama de ser o melhor.

Zósimo passou a mão pela testa e disse:

– Parece-me que ouvi pronunciar esse nome à desgraçada mulher... Escreve, escreve

– Para o não expor, irá anónima a carta.

– Pois sim.

– E o nome da freira?

– Bárbara Ubxyk.

– É aquela célebre formosa que há vinte anos vestiu o hábito com grande admiração de Cracóvia?

– É.

Gziorowski escreveu a carta que os leitores viram no principio deste livro. Endereçou-a a Zolpki e levou-a à caixa postal.

A noite do enfermo passou serena.

Assim que foi dia, esperou os periódicos impacientemente. Parecia-lhe que o facto da sequestração de Bárbara havia de irritar a geral indignação e forçar a justiça a exercer violentas repressões contra o do Carmelo.

Gziorowski não se apartava do criminoso, posto que o afecto que lhe tivera estivesse extinto. Assim mesmo, a confissão do padre comoveu-o. Era-lhe, todavia, custoso ocultar o involuntário desprezo que sentia, ao passo que lhe suavizava os paroxismos.

Ao quarto dia, o jornal *Le Kraj*, de Cracóvia, referiu que, por ordem de um magistrado, o Sr. Pamza, chefe da polícia, com autorização do bispo, as portas do convento de Vesola haviam sido arrombadas, e aí encontrada em um fosso subterrâneo uma freira chamada Bárbara Ubryk. encerrada desde 1848; e acrescentava que o capelão fora preso, juntamente com a prelada e com a subprioresa.

O artigo do *Kraj* relatava miudamente a exasperação dos habitantes de Cracóvia, as desordens que tumultuavam na casa dos Jesuítas, o sentimento de ira geral contra os conventos e o propósito de os suprimir que preocupava o Governo.

Zósimo ouviu serenamente a leitura do *Kraj*.

– Bárbara está livre – disse ele. – Metade do meu dever está cumprido. A outra é o meu próprio castigo.

– Que intenta fazer?! – perguntou o primo.

– Deixa-me ficar... tenho necessidade de me recolher e pensar...

Sofro horríveis dores... Tem-me sido precisa muita energia para domar o sofrimento, a fim de ter este intervalo... Está feito o que me cumpria fazer... A dor não tarda aí... a morte não tardará também.

– Eu estarei perto; se precisar, chame-me.

– Aperta-me esta mão... e perdoa-me.

– «Quem se sentir inocente que te arremesse a primeira pedra», disse Jesus.

O padre ficou só.

Prostrado na otomana, com os olhos cerrados e os lábios trementes, assim se quedou imóvel por espaço de duas horas.

O que iria naquela alma atormentada por tantas paixões perversas? Que perdão pediria ele à justiça divina? Que exame faria em sua vida antes de ir dar contas dela? Segredos do Céu.

Mas duas lágrimas lhe rolaram nas faces.

Depois levou aos beijos um frasco de ópio.

Passaram mais duas horas. O primo, não querendo contrariar a vontade do agonizante, esperava na saleta vizinha. A criada entrou aí então, dizendo que a justiça estava na sala. Um dos magistrados disse que vinha ali depois da inquirição feita no convento das Carmelitas de Cracóvia, porquanto, uma freira, interrogada no Hospital de S. Lázaro, acusava o director daquele convento, justamente o padre Zósimo, que eles procuravam.

– Queiram seguir-me – disse o dono da casa –, mas previno-os de que ao desgraçado que vão interrogar se deve a noticia do encarceramento de Bárbara Ubryk.

E abriu a porta.

Os magistrados foram direitos à otomana do doente.

– Queira acordá-lo – disse um dos juizes ao primo.

Este pegou na mão de Zósimo, e logo a deixou cair, porque estava fria.

E murmurou:

– Já está julgado por Deus, senhores.

Os magistrados saíram sem proferir palavra.

E, depois que eles saíram. Gziorowski voltou ao quarto para cerrar os olhos

daquele criminoso, cuja agonia fora alumiada pelos terríveis clarões do remorso. Ao abaixar-lhe as pálpebras sobre as pupilas imóveis, quis estender-lhe os braços ao longo do corpo, e então viu na mão do cadáver o frasco do ópio, que estava vazio.

XVII

PENÚLTIMO CAPÍTULO ³

Bárbara Ubryk foi tratada com o máximo carinho no Hospital de S. Lázaro, para onde foi conduzida. O interesse que ela inspirava não provinha somente do sentimento piedoso pelas dores que sofrera: é que toda a cidade, e a Prússia, Áustria e a França, foram comovidas pelo horrível drama. Durante muitas semanas, o *Kraj*, de Cracóvia, a *Nova Imprensa Livre*, de Viena, o *Narodni*, o *Listy*, o *Freindenblatt*, a *Correspondência de Berlim*, o *Czar* e o periódico *La Lys* publicaram veementes artigos relatando não só os actos monstruosos relativos à freira de Cracóvia, mas também os factos de prisão e tortura, cujas provas aumentavam diariamente. Não foi somente devassado o mosteiro de Vesola. Todos os subterrâneos dos claustros de carmelitas e trapistas deram vítimas comprovativas de iguais infâmias. Foram teatro de análogas cenas o mosteiro das irmãs da Misericórdia, em Casolinenthall, muitos conventos da Galícia ocidental, as Carmelitas de Kradshum, o convento de Kamé, junto de Jodoina, o convento dos Beneditinos de Mogilno, na província de Pozen, e, finalmente, o das Carmelitas de Courtroi.

O caso de Cracóvia, semelhante a um rastilho de pólvora, derramou-se por toda a Europa. Um geral terror se apoderou dos espíritos, que perguntavam espavoridos de que servira abolir-se a Inquisição, e o suprimirem-se os votos perpétuos, se os crimes religiosos se perpetravam ainda, graças à impunidade da concordata.

A efervescência dos espíritos foi tamanha em Cracóvia que os habitantes tentaram derruir o mosteiro das Carmelitas. Foi mister que a tropa o defendesse.

No dia 24 de Junho, passante de quatro mil pessoas se reuniram no bairro de Vesola; e como a tropa impedisse a tentativa de invasão, o povo voltou-se contra os outros conventos da cidade, principalmente de jesuítas. Os padres principiaram por entrincheirar as suas agigantadas portas; apagaram as luzes nas celas e esperaram os efeitos da ira popular.

A gritaria, os apupos e as ameaças retumbavam à roda do convento. A porta cedeu aos empuxões. os vidros voaram em hastilhas, e os jesuítas a muito custo escaparam às presas dos furiosos. Fizeram-se prisões de populares. cujo resultado foi aumentar a cólera geral e o ódio do povo contra freiras e frades. De toda a parte saíram reclamações a pedir que a nova legislação providenciasse energicamente, e a ameaçar que a sociedade faria justiça, se os tribunais a não fizessem no processo de Bárbara. Os interrogatórios e depoimentos não cessavam; por maneira que, em tão grave questão, todos os interesses eram pequenos, incluindo propriamente a luta diplomática com Berlim.

A opinião pública em Cracóvia, em Praga, Trieste, Gratz, Lins e Viena já proclamou repetidas vezes e vivassissimamente contra o espírito geral dos conventos, e mormente contra o dos Jesuítas. Espera-se agora o resultado definitivo da reforma dos mosteiros e seus estatutos.

Se Mons. Galeeski não mostrasse a firmeza e espírito justiceiro que permitiram aos magistrados de Cracóvia penetrar o odioso mistério do Carmelo de Vesola, quem sabe por quanto tempo ainda se perpetrariam semelhantes crimes? A Espanha já pede a supressão dos conventos; A Itália há-de imitá-la um dia. Chegará portanto a época em que de todo desapareçam esses refúgios misteriosos, em que a vida se furta ao império

³ O autor denomina *penúltimo* este capítulo, como quem diz que o *último* está ainda pendente da vida de alguns personagens da medonha tragédia.

da lei e o escudo de um falso Evangelho rebate os golpes da espada da justiça.

Bárbara recuperou pouco a pouco o sossego do espírito. Recomendaram-lhe que não torturasse a memória a renovar a cadeia dos acontecimentos passados. A mudança de vida devia produzir aquelas melhoras. O primeiro alívio que recebeu a desgraçada foi uma sala espaçosa, arejada, com muita luz, e janelas para um jardim. Era triste vê-la infantilmente risonha com coisas insignificantes para pessoas que houvessem menos padecido. A irritação acalmou-se lenta e progressivamente. Já sentia mais vigor e elasticidade do corpo. E já no rosto lhe transpareciam uns traços daquela celebrada beleza, que tão fatal lhe havia sido.

Zolpki ia todos os dias ao hospício informar-se do estado da enferma, sem ousar dar-se a conhecer, receoso da fraqueza em que ela estava. Era muito para temer essa hora, tão solene quanto dolorosa. Que diria àquela mártir, ele, que não tivera coragem de guardar os lutos do seu amor e da sua juventude?

Bárbara falava; mas não ligava conversação escorreita. Frases breves, exclamações, palavras desatadas, e mais nada. Talvez que lá no seu entendimento as ideias se encadeassem; mas as pessoas, que a escutavam ou interrogavam, não a percebiam. Além de que, Bárbara enfadava-se quando lhe faziam perguntas, e respondia constrangidamente. Lá o que ela dizia de si para consigo indicava que as pessoas circunstantes lhe não davam o mínimo cuidado. Não se queixava da prelada e do padre com grande cólera. Invocava contra o director a justiça divina, sem saber que o miserável sacerdote se punira dos crimes velhos com um crime novo, evadindo-se dos tribunais pela porta do suicídio.

Deliberou finalmente Zolpki. passados cinco dias, entrar no Hospital de S. Lázaro. Bárbara estava sossegada nessa ocasião e dormitava. Pousava o rosto lívido sobre a travesseira, menos alva que os seus cabelos, e as mãos translúcidas e entrelaçadas assentavam sobre a coberta. Dir-se-ia uma estátua de cera naquela palidez e imobilidade.

O magistrado sentou-se convulsivo à cabeceira da doente.

Dai a instantes, cuidou ouvir num suspiro o nome «Zolpki». ao mesmo tempo que Bárbara descerrava as pálpebras.

– O senhor aqui! – disse ela.

– Não me esperava?

– Há dois dias... antes disso não pensava quase nada... Lembra-me que o vi... naquela noite do subterrâneo .. ao clarão das tochas... Sim, vi...

A religiosa tomou-se de um profundo enlevo e tornou, depois de instantes:

– Se o homem que eu amei não fosse morto

– Falemos dele – disse o magistrado, apertando a mão da freira. – Quem lhe disse que ele morreu?

– Vi-o eu cair cortado de golpes defronte da portaria do convento... Era já morto quando os soldados me quiseram arrastar... Foi então que eu me refugiei no mosteiro... Morreu!...

– Bárbara – replicou o juiz –, a Providência é misteriosa e impenetrável nos seus desígnios. A mim disseram-me que Zolpki não sucumbiu aos ferimentos, posto que padeceu longo tempo, e parecia agonizar da vida quando nas Carmelitas dobraram os sinos por aquela tão sua amada

– Sim... tão amada!...

– Deus condenou-os ambos a viver

– Tem a certeza disso? – exclamou a religiosa. – Zolpki é vivo! Deus do Céu!... Mas... já agora... para quê? De que lhe serviria Bárbara, este medonho esqueleto, fugido dos calabouços do Carmelo? Poderia ele, ao menos, olhá-la com a piedade de amigo? ...

Não... Zolpki morreu... Se ele vivesse, estaria aqui...

– Talvez que ele receie não ser perdoado...

– Que hei-de eu perdoar-lhe? Que posso eu exigir dele, senão uma saudade da mulher morta?

– E se ele, infiel a essa saudade, ou, antes, abafando o seu luto no íntimo da alma, carecido de família... Bárbara sorriu meigamente e disse:

– Receia dizer que ele casou? O que eu quero é que ele viva... não importa que seja com outra... mas que viva! Desejo vê-lo, quero falar-lhe... Quero apertar as suas mãos e fixá-lo bem face a face... Quero vê-lo como o estou vendo... Oh, meu Deus! Porque está olhando assim para mim? A minha memória hesita... Recordo-me... reconheço... Tu!...Tu!...

E caiu sem sentidos.

Desde este momento, era quase seguro o restabelecimento daquele espírito. Quando voltou a si, Zolpki estava ao seu lado.

– Não me havias tu prometido a liberdade?... – disse ela.

Depois quis saber a vida toda do querido da sua mocidade; estremeceu quando ouviu proferir o nome de Mina e alegrou-se quando lhe ouviu o nome de Vanda:

– Tu hás-de trazer-ma, sim? E depois hás-de deixá-la casar com o homem que ama...

Nesse mesmo dia, Vanda era autorizada por seu pai a dizer a Vladimir que seria recebido como noivo em sua casa.

.....

O processo relativo ao encarceramento de Bárbara Ubryk durou longo tempo. A sociedade reclama o castigo de Maria Venzyk; mas a família da prelada é poderosa; o clero faz supremos esforços por abafar a infâmia; os arcebispos e o papa entraram nesse conluio; e, por fim, baixou ordem do Governo para que o processo fosse trancado.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
